



Caderno de
Squibs

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA
LINGUAGEM

V. 6 - N. 2 - 2020



Caderno de
Squibs

ORGANIZADORES

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Universidade de Brasília

Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

Paulo Medeiros Junior

Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Moraes Ferreira

Universidade de Brasília

Arion de Souza Cruz

Universidade de Brasília

Paula Guedes Baron

Universidade de Brasília

Bruna Elisa da Costa Moreira

Universidade de Brasília

CONSELHO EDITORIAL

Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

Universidade de Brasília

Rozana Reigota Naves

Universidade de Brasília

Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

Eloisa Nascimento Silva Pilati

Universidade de Brasília

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Universidade de Brasília

Paulo Medeiros Junior

Universidade de Brasília

Paula Guedes Baron

Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Moraes Ferreira

Universidade de Brasília

Bruna Elisa da Costa Moreira

Universidade de Brasília

Cristiany Fernandes da Silva

Universidade de Brasília (egressa)

APOIO

Laboratório de Estudos Formais da Gramática - LEFOG
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL



Universidade de Brasília

CONSELHO CIENTÍFICO

Aroldo Leal de Andrade

Universidade Federal de Minas Gerais

Marina Rosa Ana Augusto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Indaiá de Santana Bassani

Universidade Federal de São Paulo

Simone Lúcia Guesser

Universidade Federal de Roraima

Ana Paula Quadros Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Telma Moreira Vianna Magalhães

Universidade Federal de Alagoas

José Ferrari Neto

Universidade Federal da Paraíba

Roberta Pires de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina

Gabriel de Avila Othero

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sandra Quarezemin

Universidade Federal de Santa Catarina

Núbia Saraiva Ferreira Rech

Universidade Federal de Santa Catarina

Marcelo Amorim Sibaldo

Universidade Federal de Pernambuco

Claudia Roberta Tavares Silva

Universidade Federal de Pernambuco

André Luis Antonelli

Universidade Estadual de Maringá

Fábio Bonfim Duarte

Universidade Federal de Minas Gerais

Andrew Nevins

Universidade Federal do Rio de Janeiro

University College London

Andrea Knöpfle

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Universidade de Brasília

Alessandro Boechat de Medeiros

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Bruna Elisa da Costa Moreira

Universidade de Brasília

Jairo Morais Nunes

Universidade de São Paulo

Déborah de Mendonça Oliveira

Universidade Católica de Brasília

Lilian Coelho Pires

Univ. do Estado de Santa Catarina

Poliana Camargo Rabelo

Ana Paula Scher

Universidade de São Paulo

Maria Cristina Figueiredo Silva

Universidade Federal do Paraná

Keli Cristiane Eugênio Souto

Universidade Estadual de Montes Claros

Zenaide Dias Teixeira

Universidade Estadual de Goiás

Thiago Costa Chacon

Universidade de Brasília

Aveliny Mantovan Lima

Universidade de Brasília

Ezekiel J. Panitz

Universidade de São Paulo

Leonor Simioni

Universidade Federal do Pampa

Patricia de Araujo Rodrigues

Universidade Federal do Paraná

Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

Rerisson Cavalcante de Araújo

Universidade Federal da Bahia

Eloisa Nascimento Silva Pilati

Universidade de Brasília

Carlos Felipe da Conceição Pinto

Universidade Federal da Bahia

Lara Frutos González

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Rozana Reigota Naves

Universidade de Brasília

Teresa Cristina Wachowicz

Universidade Federal do Paraná

Virgínia Andrea Garrido Meirelles

Universidade de Brasília

Esmeralda Vailati Negrão

Universidade de São Paulo

Heloisa Maria M. Lima de Almeida Salles

Universidade de Brasília

Maria Eugenia Lammoglia Duarte

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Eduardo Kenedy

Universidade Federal Fluminense

Renato Miguel Basso

Universidade Federal de São Carlos

Aquiles Tescari Neto

Universidade Estadual de Campinas

Suzana Fong

Massachusetts Institute of Technology

Jéssica Viana Mendes

University of Maryland

Ana Regina Vaz Calindro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lílian Teixeira de Sousa

Universidade Federal da Bahia

Janayna Maria da Rocha Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais

Karina Gomes Bertolino

Universidade de São Paulo

Adeilson Pinheiro Sedrins

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Maria José Gnatta Dalcuche Foltran

Universidade Federal do Paraná

Roberlei Alves Bertucci

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Marcos Barbosa Carreira

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Eneida de Goes Leal

Pontifícia Universidade Católica

do Rio Grande do Sul

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

Universidade Estadual de Campinas

Luisandro Mendes de Souza

Universidade Federal do Paraná

Paulo Medeiros Junior

Universidade de Brasília

LEITURA E PREPARAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Helena da Silva Guerra Vicente

Elisabete Luciana Morais Ferreira

Arion de Souza Cruz

Paula Guedes Baron

Bruna Elisa da Costa Moreira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Rodrigo Araújo

Linguística. UnB. Caderno de *Squibs*: temas em estudos formais da linguagem. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG).
Vol.6, N.2 (dez. 2020). Brasília, DF: Universidade de Brasília.
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.
Semestral. 2015.

ISSN: 2447-1372 (VERSÃO ON-LINE)

CDD 410

CDU 81



SUMÁRIO

8 **NOTA INICIAL**

10 **APRESENTAÇÃO**

SQUIBS

14 **EXISTÊNCIA E MANIFESTAÇÃO DA RECURSIVIDADE EM LIBRAS**

Amanda Oliveira Rocha | Gabriel de Ávila Othero | Ingrid Finger

22 **TÓPICO-SUJEITO NA PERSPECTIVA DE UMA TEORIA
SINTÁTICA DA ESTRUTURA DE ARGUMENTOS**

Maria Aparecida Torres Morais | Felipe Navarro Bio de Toledo

33 **A INFÂNCIA DAS ESPÉCIES: A QUESTÃO
ONTOGENIA-FILOGENIA PARA A BIOLINGÜÍSTICA**

Fernando Valls Yoshida | Ana Paula Scher

43 **PHI-FEATURES AND NEUTER PRONOUNS:
THE CASE OF *ISSO* IN BRAZILIAN PORTUGUESE**

Renato Miguel Basso

53 **PRESSUPOSIÇÃO EM CLIVADAS INTERROGATIVAS BÁSICAS**

Rerisson Cavalcante

ARTIGOS

66 **GÊNERO EM SENTENÇAS COPULARES NO PB:
DA “DISCORDÂNCIA” ENTRE SUJEITO E PREDICATIVO
PARA A CONCORDÂNCIA ENTRE ADJETIVO E *SILENT NOUN***

Bruna Karla Pereira

91 **A FORMAL SYNTACTIC ANALYSIS OF AGENTIVITY IN
MOTION PREDICATES IN GHANAIAN STUDENT PIDGIN (GSP)**

Kwaku Owusu Afriyie Osei-Tutu



NOTA INICIAL

NOTA INICIAL

OTA

ICIAL



SOBRE O TERMO *SQUIB* EM LINGUÍSTICA POR MARCUS LUNGUINHO

O termo *squib*, tal qual se conhece em Linguística, é uma criação atribuída ao linguista John Robert Ross e se refere a um gênero textual que ficou popular a partir dos anos 1960 com a revista *Linguistic Inquiry*, que teve Ross como um dos primeiros responsáveis pela seção destinada justamente à publicação desse tipo de textos, denominada *Squibs and Discussion*.¹

Como um gênero textual, o *squib* apresenta características específicas tanto de forma quanto de conteúdo. No que se refere à forma, um *squib* é um texto curto, cuja extensão é medida em termos de páginas ou de número de palavras a depender do periódico. Por exemplo, na revista *Linguistic Inquiry*, o manuscrito de um *squib* não pode ultrapassar doze páginas escritas em espaço duplo.² Já na revista brasileira D.E.L.T.A. (Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), o manuscrito de um *squib* deve ter extensão máxima de 6000 palavras.³

No que se refere ao conteúdo, um *squib* é um texto que aborda questões pontuais, tanto de natureza teórica quanto empírica. Do ponto de vista teórico, um *squib* pode trazer uma reflexão crítica sobre aspectos internos de uma teoria, tais como inconsistências internas, pressupostos que não estão apresentados de maneira explícita ou que precisam ser incorporados de modo a que essa teoria possa fazer as previsões corretas e/ou desejáveis. Já do ponto de vista empírico, um *squib* pode apresentar um conjunto de dados que servem para confirmar as previsões de uma teoria ou que se configuram como problemas para essa teoria. Os problemas apontados no *squib* podem ou não ser resolvidos. Além dessas questões teóricas e empíricas, um *squib* também pode servir para trazer à luz para a comunidade científica uma literatura pouco conhecida ou esquecida, em que questões importantes ou dados relevantes são discutidos. Em resumo, a função de um *squib* é fomentar a pesquisa ou apresentar observações teóricas que são de interesse para a pesquisa.⁴

1 Segundo o que se apresenta em: <https://www.ucl.ac.uk/pals/research/linguistics/li-squibs>. Nessa página, o leitor pode ainda ter acesso a um depoimento do próprio Ross acerca da etimologia da palavra *squib*.

2 De acordo com as orientações que se encontram em: <http://www.mitpressjournals.org/page/sub/ling>.

3 Conforme se lê nas orientações constantes em: <http://www.scielo.br/revistas/delta/iinstruc.htm>.

4 As informações deste parágrafo são, em grande parte, baseadas em: <http://www.ledonline.it/snippets/>.



APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO



Trazemos à comunidade acadêmica mais uma edição do **Caderno de Squibs: Temas de estudos formais da linguagem**, publicação coordenada pelo Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG/UnB), que tem como objetivo ser um veículo de divulgação de pesquisas linguísticas, feitas por docentes e discentes que utilizam como quadro teórico a Linguística Formal. Neste novo número, apresentamos ao público sete textos, sendo cinco *squibs* e dois artigos.

A seção *Squibs* se inicia com o texto **Existência e manifestação da recursividade em Libras**, de Amanda Oliveira Rocha, Gabriel de Ávila Othero e Ingrid Finger. O objetivo dos autores do *squib* é duplo. O primeiro é argumentar em favor da existência da propriedade da recursividade na Libras. O segundo é mostrar como essa propriedade se realiza nessa língua. Em relação aos meios de expressão da recursividade em Libras, os autores hipotetizam que, devido à sua característica de língua de modalidade espaço-visual, essa língua emprega marcadores manuais e não manuais como morfemas recursivos. Eles apontam ainda que a intensificação no parâmetro movimento pode ser tomada como uma manifestação da recursividade em Libras.

O *squib* **Tópico-sujeito na perspectiva de uma teoria sintática da estrutura de argumentos**, de autoria de Maria Aparecida Torres Morais e Felipe Navarro Bio de Toledo, trata das construções de “tópico-sujeito”, denominadas assim inicialmente por Pontes (1987), e nele os autores argumentam que a sintaxe dessas construções envolve um núcleo aplicativo alto (cf. PYLKKÄNEN, 2002, 2008), responsável por construir uma relação de parte-todo entre o DP aplicado (interpretado como “todo”) e o argumento interno do verbo inacusativo (interpretado como “parte material do constituinte aplicado”). Com vistas a avaliar o alcance empírico de sua proposta em termos de derivação com aplicativo alto, os autores ainda vão considerar dois outros conjuntos de dados do português brasileiro: sentenças impessoais com verbos meteorológicos e sentenças com dativos em contexto de verbos inacusativos.

A infância das espécies: a questão ontogenia-filogenia para a biolinguística, *squib* de Fernando Valls Yoshida e Ana Paula Scher, traça um paralelo conceitual entre a Biologia e a Linguística, tomando como base os conceitos de ontogenia (pensada como a aquisição) e filogenia (pensada como a emergência). Os autores resumem seu paralelo no que eles chamam de Plano Biolinguístico, no qual a ontogenia e filogenia são dispostas para cada um dos domínios investigados. A ontogenia, no domínio biológico, corresponderia ao desenvolvimento embriológico, ao passo que, no domínio linguístico, corresponderia ao desenvolvimento da linguagem (aquisição). A filogenia, no domínio biológico, equivaleria à história evolutiva; no domínio linguístico, equivaleria à emergência da língua no gênero *Homo*. Esse Plano Biolinguístico é explorado a partir de interface teórico-conceitual, construída a partir de três aproximações entre as áreas: a) o darwinismo clássico e a recapitulação linguística; b) síntese moderna e a Gramática Universal; e c) Evo-Devo e a Linguística evolutiva do desenvolvimento.

O *squib* **Phi-features and neuter pronouns: the case of *isso* in Brazilian Portuguese**, de autoria de Renato Miguel Basso, propõe uma análise do uso anafórico do pronome *isso* do português brasileiro. De acordo com o autor, esse pronome impõe restrições ao seu antecedente, o qual só pode ser uma entidade abstrata — uma proposição, um evento, um fato, um ato de fala, um *dictum*, um conjunto de proposições. A hipótese de trabalho explorada no *squib* é a de que *isso* é um pronome neutro, ou seja, não apresenta traços- ϕ (tomados como traços semânticos, pressuposicionais e responsáveis pela concordância nominal e pela anáfora). Por não apresentar tais traços em sua composição, *isso* anafórico só pode concordar com constituintes que também não apresentem tais traços — estruturas sentenciais e sintagmas verbais. Essa concordância em não apresentar traços- ϕ é o primeiro passo para a identificação do referente de *isso*. O segundo é extrair dessa estrutura linguística sem traços- ϕ o referente relevante de *isso* por meio de um mecanismo pragmático denominado “dêixis discursiva”.

Em **Pressuposição em clivadas interrogativas básicas**, *squib* de Rerisson Cavalcante, o autor aborda a questão da pressuposição envolvendo clivadas. Para tanto, toma como cenário empírico dois tipos

de clivadas interrogativas do português brasileiro: as clivadas interrogativas polares e as clivadas interrogativas QU. Trata-se de dados novos, uma vez que o estudo das sentenças clivadas é feito com base em clivadas declarativas. A análise dos dados aponta um comportamento ambíguo das clivadas interrogativas estudadas: ambas são associadas à pressuposição de existência, mas apenas as clivadas interrogativas QU são associadas à noção de exaustividade. Esse comportamento divergente traz um problema para caracterização semântica das clivadas — sua pressuposição. Além disso, os dados específicos de clivadas interrogativas QU apontam para um questionamento acerca da contribuição exata de uma clivada, uma vez que interrogativas QU clivadas e interrogativas QU não clivadas não apresentam diferenças semânticas.

A seção *Artigos* se inicia com o texto **Gênero em sentenças copulares no PB: da “discordância” entre sujeito e predicativo para a concordância entre adjetivo e *silent noun***, de autoria de Bruna Karla Pereira. Nesse artigo, a autora discute sentenças copulares nas quais se verificam um sujeito com traço de gênero feminino e um adjetivo predicativo com traço de gênero masculino, em uma aparente “disparidade” morfológica na concordância de gênero. Com base em Kayne (2005), Pesetsky (2013) e Höhn (2016), a autora propõe que a sintaxe dessas estruturas apresenta um núcleo pronominal fonologicamente vazio (um *silent noun*) do tipo ALGO, com traços de gênero masculino e número singular. Esse pronome nulo e o adjetivo integram um DP predicativo e, nesse constituinte, o adjetivo funciona como sonda e o *silent noun* ALGO funciona como alvo da operação de concordância. De acordo com essa proposta, muda-se o foco da concordância nas construções analisadas: não há nelas discordância de gênero entre o sujeito e o adjetivo predicativo; há, sim, concordância de gênero e número entre o adjetivo e o pronome fonologicamente nulo ALGO no interior do DP predicativo.

O artigo **A formal syntactic analysis of agentivity in motion predicates in Ghanaian Student Pidgin (GSP)**, de Kwaku Owusu Afriyie Osei-Tutu, apresenta uma proposta de estrutura sintática para dois tipos de predicados agentivos de movimento em Ghanaian Student Pidgin (GSP), um pidgin expandido de base lexical inglesa, falado por estudantes e jovens adultos (majoritariamente do gênero masculino) em instituições ganesas de ensino. Os predicados agentivos estudados são os predicados agentivos de contato inicial e os predicados agentivos de contato contínuo. Esses predicados diferem em relação à sua interpretação: nos primeiros, um DP agente atua sobre um DP figura e essa figura realiza um determinado evento de movimento; nos últimos, o DP agente e o DP figura estabelecem um contato e esse contato é mantido enquanto a figura realiza um evento de movimento. O autor argumenta que essa diferença semântica tem correlato sintático. Ambos os predicados se caracterizam pela subestrutura *v-V*, responsável pela agentividade (cf. CHOMSKY 1995; KRATZER 1996). No entanto, eles diferem em relação à presença/ausência de um CP causativo com núcleo MAKE entre a subestrutura agentiva e a subestrutura verbal responsável pelo evento de movimento em si. Quando CP está presente, produz-se a interpretação dos predicados agentivos de contato inicial: há um contato inicial o DP agente e o DP figura (produzido pela subestrutura agentiva) e esse contato inicial é quebrado pela estrutura com o complementizador MAKE. Quando CP está ausente, produz-se a interpretação dos predicados agentivos de contato contínuo: o contato inicial o DP agente e o DP figura se mantém (não há CP para separar esses DPs) enquanto o DP figura realiza o evento de movimento.

Concluimos esta Apresentação registrando aqui os nossos agradecimentos aos autores dos textos selecionados, aos pareceristas que atuaram nesta edição, aos colaboradores do Serviço de Gerenciamento de Informação Digital (GID) da Biblioteca Central (BCE) e a todos aqueles que, de algum modo, estiveram envolvidos no processo de preparação deste periódico. A contribuição de todos foi fundamental para a publicação de mais esta edição.

Desejamos que todos apreciem a leitura!
Marcus Vinicius Lunguinho



SQUIBS

SQUIBS

SQUIBS





EXISTÊNCIA E MANIFESTAÇÃO DA RECURSIVIDADE EM LIBRAS

AMANDA OLIVEIRA ROCHA* | GABRIEL DE ÁVILA OTHERO** | INGRID FINGER***

RESUMO

A recursividade das línguas humanas tem sido um campo de discussão fértil por parte de estudiosos da linguagem desde, pelo menos, o séc. XVII. A maioria dos estudos se restringe, porém, às línguas orais (cf. Amaral et al. (2018) para uma discussão ampla recente, por exemplo). Em línguas de sinais (e em língua brasileira de sinais (Libras), particularmente), os estudos existentes são poucos e inconclusivos no que tange à *existência* da recursividade e sua manifestação. O objetivo deste *squib* é discutir algumas questões acerca da recursividade em Libras, tais como: 1) há recursividade em Libras?; 2) a manifestação recursiva em Libras é diferente da que costumamos encontrar em línguas orais (em função da modalidade espaço-visual das línguas de sinais)?; 3) há, em Libras, marcadores manuais e não manuais de recursividade?; e 4) a recursividade pode se manifestar na intensificação do parâmetro movimento?

Palavras-chave: recursividade, Libras, línguas de sinais, sintaxe

ABSTRACT

Recursion in human languages has been an important topic of discussion among language scholars since, at least, the 17th century. Most studies, however, are restricted to spoken languages (cf. Amaral et al. (2018) for a recent broad discussion, for example). In sign languages (and in Brazilian sign language, BSL, especially), the existing studies are few and inconclusive regarding the *existence* and manifestation of recursion. The main goal of this *squib*, therefore, is to discuss issues regarding recursion in BSL, such as: 1) is there recursion in BSL?; 2) is the recursive manifestation in BSL different from that usually found in spoken languages (due to the spatial-visual modality of sign languages)?; 3) are there manual and non-manual recursion markers in BSL?; and 4) can recursion manifest itself in the intensification of the movement parameter?

Keywords: recursion, BSL, sign languages, syntax

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, e-mail: amanda.rocha@ufrgs.br.

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Professor do Instituto de Letras da UFRGS, e-mail: gabriel.othero@ufrgs.br.

*** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Professora do Instituto de Letras da UFRGS/CNPq, e-mail: ingrid.finger@ufrgs.br. Agradecemos à professora dra. Ronice de Quadros pelas contribuições e aos pareceristas anônimos, que contribuíram com este *squib*. Todas as inconsistências que persistem são de nossa responsabilidade.

1 INTRODUÇÃO

No pensamento linguístico ocidental, podemos afirmar que partem de Humboldt e Descartes as ideias de que o pensamento humano é expresso através da linguagem e de que há divergências entre as línguas apenas em sua forma superficial. Nesse sentido, a relação entre pensamento e linguagem possibilita a criação de diferentes sentenças, de forma infinita, o que evidencia a capacidade criativa e produtiva da linguagem. A partir de 1955, partindo das perspectivas humboldtiana e cartesiana, Noam Chomsky desenvolve sua teoria linguística, dando, gradativamente, mais ênfase à propriedade recursiva da linguagem (cf., em especial, Chomsky (1965) e, mais recentemente, Berwick e Chomsky (2017)), apontando a possibilidade de os seres humanos expressarem seus pensamentos através de formas novas e ilimitadas, utilizando o encaixamento dos recursos finitos da língua (sintagmas ou unidades básicas) para a construção de sentenças que, potencialmente, podem ter infinita extensão.

A propriedade sintática da recursividade tem sido foco de diversos debates acerca da natureza computacional das línguas orais.¹ Em línguas de sinais, Kenedy e Dias (2013) e Kocab, Senghas e Snedeker (2016) apresentaram estudos que discutem a capacidade das línguas de sinais de produzirem sentenças infinitas a partir de recusos finitos, mas não forneceram uma descrição detalhada que mostre como se dá a manifestação da recursividade em línguas visuais-espaciais. Kenedy e Dias (2013) apresentam resultados de um estudo a partir do qual sugerem a naturalidade da propriedade recursiva em estruturas de até quatro orações em Libras. Por sua vez, Kocab, Senghas e Snedeker (2016) consideram que o pensamento dos sinalizantes da língua nicaraguense de sinais é recursivo, mas que a língua não apresenta marcadores de subordinação ou recursividade. Apesar de apontarem indícios que sugiram a existência da propriedade recursiva na língua ou no pensamento, esses poucos estudos estão longe de fornecer uma descrição completa da manifestação de estruturas recursivas em línguas de sinais, o que torna o campo um espaço ainda vasto que precisa ser estudado. Não há, por exemplo, descrição de sinais ou de marcadores não manuais que funcionem como algum tipo de morfema ou marcador suprasegmental específico de estruturas sintagmáticas ou oracionais recursivas.

As questões que discutiremos a seguir visam refletir sobre o uso de estruturas oracionais recursivas em Libras, analisando o papel de marcadores de recursividade (sintáticos, morfológicos ou suprasegmentais). Esperamos, dessa forma, contribuir para as pesquisas linguísticas das línguas de sinais, de maneira geral, e para a pesquisa em Libras, de maneira específica.² A seguir, discutiremos as quatro questões que apresentamos no resumo deste *squib*.

1 A literatura sobre o assunto é vasta; para mencionar alguns trabalhos centrais dos últimos anos, cf. Berwick e Chomsky (2017); Everett (2005, 2009, 2012, 2019); Everett e Gibson (2018); Hauser, Chomsky e Fitch (2002); Jackendoff e Pinker (2005); Nevins, Pesetsky e Rodrigues (2009), *inter alia*.

2 As reflexões que guiam nossa discussão são decorrentes, em especial, da percepção da primeira autora deste trabalho como sinalizante de Libras. Elas fazem parte de sua dissertação de Mestrado, que se encontra em

2 HÁ RECURSIVIDADE EM LIBRAS?

A teoria gerativa contemporânea considera a recursividade como um elemento fundamental de todas as línguas naturais (cf. Chomsky (2018), por exemplo). A Libras é uma língua natural; ela se expressa através de unidades mínimas que formam sinais, padrões prosódicos, combinação de palavras para a formação de enunciados e sentenças, proposições com níveis semânticos e pragmáticos que podem ser descritos por qualquer teoria linguística contemporânea (QUADROS, 2019). Por isso, a resposta a essa questão deve ser afirmativa. Com isso em mente, interessa-nos investigar uma propriedade pouco descrita em Libras ainda: como a língua expressa estruturas sintáticas recursivas.

Para isso, buscaremos encontrar, em narrativas sinalizadas, possíveis evidências de elementos gramaticais marcadores de recursividade em Libras, tais como sinais que correspondam a conjunções subordinativas (*A Maria quer **que**...*, em português) ou pronomes relativos (*O menino **que** saiu*, em português), a diferença entre discurso direto e indireto (*A Maria disse: “estou assustada” vs A Maria disse que estava assustada* em português), estruturas recursivas de elementos possessivos (*Mary’s friend’s name*, em inglês, ou *O nome da amiga da Maria*, em português), etc.

3 A MANIFESTAÇÃO RECURSIVA EM LIBRAS É DIFERENTE DA SUA MANIFESTAÇÃO NAS LÍNGUAS ORAIS EM FUNÇÃO DA MODALIDADE ESPAÇO-VISUAL?

Não poderíamos pensar em sintaxe de Libras e não considerar a modalidade da língua. Como os dois estudos que mencionamos (KENEDY; DIAS, 2013; KOCAB; SENGHAS; SNEDEKER, 2016) não apresentam detalhes da manifestação da recursividade em línguas de sinais, a referência utilizada provém dos estudos com línguas orais. A diferença mais óbvia quando o assunto é a comparação entre modalidade de línguas orais e de sinais é o tamanho e a visibilidade dos articuladores utilizados para a produção da língua. Enquanto nas línguas orais a percepção é oral-auditiva, nas línguas de sinais a percepção é espaço-visual; sendo assim, as mãos são os articuladores primários de execução do sinal, o espaço em frente ao corpo é utilizado para marcação de referentes, e estes são relacionados nas sentenças pelo movimento.

Klima e Bellugi (2001) afirmam que as relações de signos entre si, em língua americana de sinais (*American Sign Language, ASL*), acontecem no espaço em frente ao corpo do sinalizante. Referentes são marcados e o movimento é responsável por estabelecer as relações gramaticais, assim como acontece em Libras. Por exemplo, na frase *Maria dá um livro para João*, o referente *Maria* pode ser marcado à esquerda do sinalizante e *João*

à direita. Após a marcação, o sinal de *livro* antecede o sinal de *dar* que indica a relação gramatical, pois o movimento é realizado, nesse caso, da esquerda (*Maria*) para a direita (*João*). Tal exemplo também evidencia a possibilidade de pronomes indicativos localizarem referentes no espaço de sinalização, realizando uma marcação referencial que pode ser retomada ao longo da narrativa. Diferentemente da modalidade oral-auditiva, na espaço-visual, os elementos podem ser organizados no espaço de forma simultânea, o que possibilita ao sinalizante a marcação de diferentes referentes no espaço, *que podem ser relacionados entre si e retomados ao longo das construções* — essa informação é importante e será retomada posteriormente.

Os sinais não manuais (movimentos de face, olhos, tronco ou cabeça) são marcados nas línguas de sinais de forma simultânea aos sinais manuais, podendo fazer parte da sintaxe das construções, *exercendo papel de subordinação* (TANG; LAU, 2012). Em nossa percepção, a simultaneidade presente nas construções em Libras, a possibilidade de estabelecer relações referenciais espaciais marcadas e a existência de marcadores não manuais são indícios de que a manifestação da recursividade ocorre de forma diferenciada em função do uso do espaço. Para evidenciar tal percepção, pensemos na seguinte frase:

- (1) O vizinho do irmão da minha prima casou.

Em Libras, os três referentes (*vizinho, irmão e prima*) podem ser marcados no espaço. Por exemplo: à esquerda do sinalizante, o vizinho; à frente, o irmão; à direita, a prima. Ao fazer essas marcações, o movimento de cabeça (não manual), realizado simultaneamente à produção do sinal, pode exercer a mesma função que a preposição *de* em PB.

4 HÁ, EM LIBRAS, MARCADORES MANUAIS E NÃO MANUAIS QUE PODEM EXPRESSAR RECURSIVIDADE?

Quadros e Karnopp (2004) descrevem movimentos de face, olhos, tronco ou cabeça como marcadores não manuais em Libras que podem ser usados para marcar construções sintáticas, diferenciar itens lexicais ou indicar concordância gramatical através do direcionamento do olhar. Ainda, há movimento de cabeça associado ao foco (para cima ou para baixo), negações, marcações de tópico com movimento de sobrancelhas, marcações interrogativas com movimento de cabeça lateralizado ou para frente, concomitante com movimento de sobrancelhas. Nessa linha, Tang e Lau (2012) identificam, em línguas americana, alemã e italiana de sinais, os seguintes movimentos como marca de relativização: levantar sobrancelhas, inclinar a cabeça para trás, elevar os lábios superiores, inclinar ou direcionar o tronco, contrair levemente os olhos e torcer os lábios. Considerando-se que a literatura relaciona as expressões de face, tronco e cabeça a marcadores não manuais de subordinação, parece imprescindível considerar não só os sinais manuais como possíveis indicativos de recursividade.

Em um primeiro momento, aventamos a possibilidade de que apenas os marcadores manuais (os sinais) poderiam exercer alguma função de morfema recursivo (tais como uma conjunção integrante ou relativa) nas construções subordinadas em Libras, mas as observações dos dados até agora indicaram que há possibilidade de os marcadores não manuais também desempenharem essa função sintática, tal como Tang e Lau (2012) apontam para as línguas por eles estudadas: marcadores não manuais podem ser uma evidência de dependência sintática em orações relativas. Em uma primeira observação breve dos dados que nós analisamos, identificamos que os sinais referentes às “palavras” portuguesas *que* e *dela*, expressas como marcadores manuais, podem indicar recursividade. Ainda, consideramos que sinais não manuais, como movimentos de cabeça ou tronco, também podem expressar essa propriedade, tal como acontece, por exemplo, em (1).

5 A RECURSIVIDADE PODE SE MANIFESTAR NA INTENSIFICAÇÃO DO PARÂMETRO MOVIMENTO?

Baseando-nos na observação empírica da primeira autora como sinalizante, percebemos que a recursividade também pode se manifestar na intensificação do parâmetro movimento. Liddell (1980) observou que, em ASL, há sinais que ocorrem no final da sentença articulados com intensificação de movimento exercendo função sintática. Ao compararmos sentenças em PB e em Libras, identificamos que, nesta última, os marcadores de recursividade podem ser substituídos por movimentos intensificados, como no exemplo a seguir:

- (2) O carro que subiu a lomba que era íngreme quebrou. (PB)
- (3) Carro – subir *intensificado através do posicionamento do tronco* – lomba (Libras)
íngreme *intensificada através de expressão de face e cabeça* – quebrar.

Em nossa percepção, a intensidade dada ao movimento de subir através do posicionamento do tronco, bem como a intensificação dada através de face e cabeça para indicar a inclinação íngreme da lomba podem indicar o mesmo papel exercido pelo *que* em (2), ou seja, um pronome relativo que introduz uma oração subordinada, o que é marca de estrutura recursiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este *squib* apresentou uma reflexão acerca da existência e da manifestação de estruturas recursivas em Libras. No campo dos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais, e, em particular, no que se refere à investigação da recursividade em Libras, são poucas as pesquisas que abordam esse tema. A discussão apresentada aqui partiu de quatro questões, a saber: 1) Há recursividade em Libras?; 2) A manifestação recursiva em Libras é diferente da sua manifestação nas línguas orais em função da modalidade espaço-visual?; 3) Há, em Libras, marcadores manuais e não manuais que possam expressar recursividade?; e 4) A recursividade pode se manifestar na intensificação do parâmetro movimento? A discussão feita na tentativa de resposta a cada uma dessas questões evidencia claramente

o grau de complexidade envolvido na análise da manifestação da recursividade em Libras bem como a necessidade de aprofundamento nesse tema. A recursividade é uma propriedade essencial das línguas naturais, tendo sido descrita e analisada com um alto nível de detalhamento no que se refere à sua manifestação em línguas orais. Entretanto, no que se refere às línguas de sinais, particularmente em se tratando da Libras, ainda há poucos estudos que detalham a descrição dos recursos para expressar a recursividade tanto em termos teóricos quanto empíricos. Nesse sentido, enfatiza-se a importância de que seja feita uma descrição detalhada de marcadores que possam exercer o papel sintático recursivo, apontando quais são eles e qual é sua natureza, considerando-se a existência de marcadores manuais e não manuais nas línguas de sinais. Por fim, percebemos uma escassez de estudos sobre a Libras que analisem a existência de marcadores já descritos em outras línguas de sinais, apontando semelhanças e diferenças entre a Libras e outras línguas de sinais. Esse último aspecto é particularmente importante, uma vez que estudos desse tipo sobre a marcação da recursividade em outras línguas de sinais podem servir como ponto de partida para uma descrição mais exaustiva da manifestação dessa propriedade natural da linguagem em Libras.

Nesse sentido, esperamos que a nossa pesquisa possa ajudar a elucidar de que forma os usuários de Libras utilizam-se da propriedade recursiva da linguagem ao usarem a língua no cotidiano e contribua para embasar futuros estudos na área da sintaxe da Língua Brasileira de Sinais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L.; MAIA, M; NEVINS, A.; ROEPER, T. (ed.). *Recursion across domains*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

BELLUGI, U.; KLIMA, E. S. Sign Language. *International Encyclopedia of the social and behavioral sciences*, v. 21, p. 14066-14071, 2001.

BERWICK, R. B.; CHOMSKY, N. *Por que apenas nós? Linguagem e evolução*. Trad. de Gabriel de Ávila Othero e Luisandro Mendes de Souza. São Paulo: Unesp, 2017.

CHOMSKY, N. *Aspects of Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. O que é linguagem? *In: CHOMSKY, N. Que tipo de criatura somos nós?* Trad. de Gabriel de Ávila Othero e Luisandro Mendes de Souza. Petrópolis: Vozes, 2018.

EVERETT, D. Cultural constraints on grammar and cognition in Pirahã: another look at the Design Features of human language. *Current Anthropology*, v. 46, n. 4, p. 621-646, 2005.

EVERETT, D. *You drink. You drive. You go to jail. Where's recursion?* Paper in UMass Conference on Recursion, may 2009.

EVERETT, D. *Language: the cultural tool*. New York: Panthenon Books, 2012.

EVERETT, D. *Como a linguagem começou*. São Paulo: Contexto, 2019.

EVERETT, D.; GIBSON, E. Review of *Recursion across domains*. *Language*, v. 95, n. 4, p. 777-790, 2019.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The faculty of language: what is, who has it, and how did it involve? *Science*, v. 298, p. 1569-1579, 2002.

JACKENDOFF, R.; PINKER, S. The faculty of language: what's special about it? *Cognition*, v. 95, p. 201-236, 2005.

KENEDY, E.; DIAS, A. F. Recursion in Brazilian Sign Language. *In: RECURSION IN BRAZILIAN LANGUAGES & BEYOND*, 2013, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. v. 1, p. 123-125.

KOCAB, A.; SENGHAS, A.; SNEDEKER, J. Recursion in Nicaraguan Sign Language. *In: Annual Conference of the Cognitive Science Society*, 38, 2016, Philadelphia. *Proceedings* [...]. Philadelphia: Cognitive Science Society, 2016. p. 1343-1348. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/21bf/0613d327504a61da9d8c51317635706a6c16.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2018.

LIDDELL, S. K. *American Sign Language Syntax*. The Hague: Mouton, 1980.

NEVINS, A.; PESETSKY, D.; RODRIGUES, C. Pirahã exceptionality: a reassessment. *Language*, v. 85, n. 2, p. 355-404, 2009.

TANG, G.; LAU, P. Coordination and subordination. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (ed.). *Sign Language: an International Handbook*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. p. 340-364.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de. *Libras*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

Squib recebido em 18 de maio de 2020.
Squib aceito em 14 de novembro de 2020.



TÓPICO-SUJEITO NA PERSPECTIVA DE UMA TEORIA SINTÁTICA DA ESTRUTURA DE ARGUMENTOS

MARIA APARECIDA TORRES MORAIS* | FELIPE NAVARRO BIO DE TOLEDO**

RESUMO

Há uma pesquisa sintática considerável sobre a construção de tópico-sujeito no português brasileiro (PB). Algumas abordagens estão centradas nas operações de movimento, relações de concordância e EPP envolvidos na sua derivação (CHOMSKY, 2000, 2001). Outras focalizam questões da sintaxe diacrônica para explicar a emergência do tópico-sujeito na gramática do PB. Ainda outras sustentam que as projeções funcionais relacionadas ao sistema CP são ativadas na derivação de seus aspectos informacionais. Neste *squib* nosso objetivo é apresentar uma análise unificada do tópico-sujeito sob a perspectiva sintática da estrutura argumental (MARANTZ, 2007, 2013). Com base na teoria dos núcleos aplicativos (PYLKKÄNEN, 2002, 2008), propomos que o tópico-sujeito instancia um tipo particular de aplicativo alto, o qual codifica a relação parte-todo entre o DP aplicado (todo) e o argumento interno (parte) na estrutura inacusativa.

Palavras-chave: tópico-sujeito, aplicativo, estrutura argumental

ABSTRACT

There has been a number of previous syntactic approaches on the topic-subject construction in Brazilian Portuguese (BP). Some are centered on the familiar movement operations, agreement relations, and EPP (CHOMSKY, 2000, 2001). Some are concerned with diachronic syntax to explain the emergence of the topic subject in the BP grammar. Others argued that functional projections related to the CP system are active to derive the topic interpretation. In this *squib*, our main goal is to present a unified analysis of the topic-subject phenomenon under the syntactic perspective of the argument structure (MARANTZ, 2007, 2013). Based on the theory of applicative heads (PYLKKÄNEN, 2002, 2008), we propose that the topic-subject instantiates a type of high applicative, which encodes the part-whole relationship between the two constituents: the applied DP (whole) and the internal argument (part) in the context of the inacusative structure.

Keywords: topic-subject, applicative, argument structure

* Universidade de São Paulo, USP. Professora Associada, e-mail: torres.mariacida@gmail.com.

** Mestre pela Área de Filologia e Língua Portuguesa – DLCV – FFLCH – USP. E-mail: felipe.bio0@gmail.com. Agradecemos aos pareceristas a relevante contribuição para a versão final deste texto. As falhas remanescentes são de nossa inteira responsabilidade.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno denominado tópico-sujeito na gramática do português brasileiro (PB) revelou-se a partir de sentenças colhidas na oralidade e apresentadas por Eunice Pontes no livro intitulado *O tópico no português do Brasil*, publicado em 1987. A abordagem formal gerativista trata várias das intrigantes propriedades morfossintáticas e discursivas que a construção manifesta. Em particular, a do licenciamento de um constituinte sem preposição, na posição pré-verbal, com interpretação genitiva (1a-d), e locativa (2a-b), no contexto predominante de predicados inacusativos.¹

- (1) a. Esse rádio estragou o ponteiro.
b. O jasmim amarelou as pontas.
c. Meu carro furou o pneu.
d. Carlos André cresceu o nariz.

(PONTES, 1987, p. 90)

- (2) a. Essa casa bate muito sol.
b. A belina cabe muita gente.
c. Essa janela não venta muito.

(PONTES, 1987, p. 86)

Observa-se ainda que o arranjo superficial dos constituintes reflete a ordem natural de uma estrutura transitiva SVO e concordância entre a frase nominal (DP) e o verbo (3a-b). Com base nessas duas propriedades, Pontes propõe uma caracterização tipológica do PB como língua de tópico, uma vez que o elemento topicalizado se comportaria como sujeito sintático.²

- (3) a. Meus carros furaram o pneu.
b. Essas casas batem bastante sol.

(PONTES, 1987, p. 36)

Por fim, vale ressaltar que o tópico-sujeito parece estar relacionado com alternantes preposicionadas. No caso do constituinte locativo, este é introduzido pela preposição *em* (4a-c); no caso do constituinte genitivo, temos a preposição *de* estabelecendo a relação possessiva no interior da frase nominal definida (5a-d).³

- (4) a. Nessa casa bate muito sol.
b. Na Belina cabe muita gente.
c. Nessa janela não venta muito.

(PONTES, 1987, p. 86)

1 Para uma abordagem do tópico-sujeito na perspectiva gerativa, cf., entre muitos outros, Galves (1998), Lobato (2006), Lunguinho (2006), Munhoz (2011), Avelar e Galves (2011), Munhoz e Naves (2012), Andrade e Galves (2014), Kato (2015), Nunes (2016, 2017) e Toledo (2018).

2 Como se sabe, a concordância verbal que se manifesta na construção de tópico-sujeito tem sido reconhecida como uma propriedade saliente da gramática brasileira em oposição à gramática lusitana (cf. COSTA, 2010).

3 Importante lembrar que, na contraparte preposicionada, os constituintes genitivo e locativo podem ocorrer na posição pós-verbal: (i) Furou o pneu do carro; (ii) Bate muito sol nessa casa.

- (5) a. O ponteiro do rádio estragou.
 b. As pontas do jasmim amarelaram.
 c. O pneu do carro furou.
 d. O nariz do C.A. cresceu.

(PONTES, 1987, p. 90)

Pontes faz uma importante observação a respeito da ausência de preposição na variante topicalizada. Segundo ela, essa ausência só poderá ser entendida se for considerado o papel do tópico na situação discursiva/pragmática. Ao ser indagado sobre a frase *Esse rádio estragou o ponteiro*, o falante nativo manifestou o seu entendimento linguístico nos seguintes termos: "(...) a gente nomeia o objeto para chamar a atenção sobre ele e avisar ao outro (o ouvinte) que é daquele objeto que se vai falar. Em seguida a gente fala do objeto" (PONTES, 1987, p. 31). Diante dessa interpretação, não se teria a recuperação de uma preposição, mas de uma relação de natureza semântica que a preposição estabelece entre *o rádio* e *o ponteiro*.

Da mesma forma, as variantes preposicionada e topicalizada não seriam sinônimas no caso da sentença *Essa casa bate bastante sol*, uma vez que, no contexto em que foi pronunciada, revelou a intuição da própria autora de que o fato de ser iluminada seria uma qualidade da sua casa que precisaria ser destacada.⁴ A interpretação valeria igualmente para a sentença *A Belina cabe muita gente*. O falante que a pronunciou teria entendido que *a Belina* é, de alguma forma, "responsável" por ser um carro espaçoso, ou seja, por ter a propriedade de abrigar muitas pessoas.⁵ Por fim, a sentença *Essa janela não venta muito* não seria correspondente à alternante preposicionada *Não venta muito nessa janela*, uma vez considerada a situação discursiva/pragmática. Como a autora esclarece, a variante topicalizada tinha sido uma resposta a alguém que se queixava do vento dentro da Belina e queria que se fechasse a janela de trás. Como a janela de trás era muito pequenina, o falante se referia ao fato de que aquela janela não permitia passar tanto vento. Pontes conclui que "(...) quando se considera uma frase dentro do contexto em que ela foi proferida, ela não parece ser equivalente a outra. Só ela parece que 'cabe' ali" (PONTES, 1987, p. 35).⁶

4 Um parecerista observa que a avaliação também poderia ser negativa, se o falante morasse no sertão nordestino que apresenta altas temperaturas o ano inteiro.

5 Conforme um dos pareceristas, a expressão *ser responsável* não parece a mais adequada em termos formais, uma vez que evoca algum tipo de agentividade, inexistente nessas construções. O mesmo conteúdo poderia ser descrito com *ter a propriedade de*. Ou seja, a Belina, por ser espaçosa, tem a propriedade de abrigar muita gente. Esse ponto será considerado na seção 3.

6 Vale considerar que resultados quantitativos obtidos em estudos recentes evidenciam a relevância do condicionamento pragmático do tópico-sujeito (cf. MELO, 2015; DUARTE; ULLI, 2016). Em particular, Duarte e Fernandes (2016) afirmam que o tópico-sujeito genitivo, embora amplamente atestado na fala espontânea brasileira, está completamente ausente das peças de teatro mais recentes, na amostra diacrônica por eles analisada, bem como das entrevistas sociolinguísticas, tidas como uma modalidade mais próxima da fala espontânea. Por outro lado, a construção genitiva é produtiva em *sites* de reclamação e na linguagem de anúncios publicitários. As mesmas observações podem ser feitas em relação ao tópico locativo (cf. TOLEDO, 2018).

Os aspectos da topicalidade com os quais a construção de tópico-sujeito está envolvida, diferenciando-a radicalmente da contraparte preposicionada, revelam, portanto, um fenômeno da interface sintaxe-semântica. Nessa perspectiva, temos como objetivo principal apresentar uma análise unificada da estrutura argumental do tópico-sujeito, ou seja, dos fatos de sua distribuição, no contexto dos predicados inacusativos. O tratamento formal adotado se baseia na teoria sintática da estrutura de argumento (MARANTZ, 2007, 2013) (cf. seção 2) e na atuação dos núcleos aplicativos como introdutores de argumentos (PYLKKÄNEN, 2002, 2008) (cf. seção 3).⁷

2 ABORDAGEM SINTÁTICA DA ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS VERBOS INACUSATIVOS

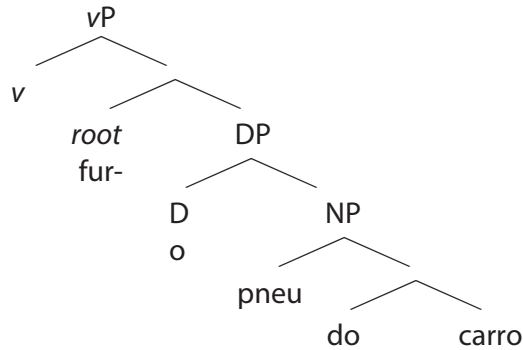
Iniciamos a nossa discussão focalizando as questões que se referem à estrutura argumental dos verbos inacusativos. Em Marantz (2013), encontramos uma proposta para a interface léxico-sintaxe nos seguintes termos: o verbo é formado na sintaxe pela combinação de uma raiz (*root*), neutra em termos categoriais, e de um núcleo verbalizador (*little v*), o qual atua como o *locus* semântico para uma variedade de processos interpretativos. A combinação de uma raiz com os diferentes tipos de *v* decorre da compatibilidade semântica entre o significado lexical (idiossincrático) da raiz e os tipos básicos de evento que o *v* expressa, a saber: atividade, mudança/acontecimento e estado (HARLEY, 1995). Sob essa perspectiva, teremos estruturas inacusativas, ou seja, os verbos inacusativos se identificam pela escolha de uma configuração sintática particular. Entretanto, como Marantz esclarece, a abordagem sintática da estrutura de argumento preserva dois pressupostos fundamentais da hipótese inacusativa clássica: (i) a sua estrutura argumental projeta um único argumento interno à frase verbal, gerado em uma das duas possíveis posições sintáticas disponíveis, a saber: ou como um DP objeto da raiz verbal, nos moldes do objeto direto transitivo, ou como sujeito de uma *Small Clause* (SC), complemento do núcleo verbal; (ii) a estrutura inacusativa não projeta o núcleo *Voice*, o qual licencia um argumento externo na posição de especificador.⁸ Seguindo esses pressupostos, propomos que a estrutura inacusativa das sentenças exemplificadas em (6a-b) se apresenta nos moldes das Figuras 1 e 2, respectivamente.

- (6) a. Furou o pneu do carro.
b. Bate bastante sol nessa casa.

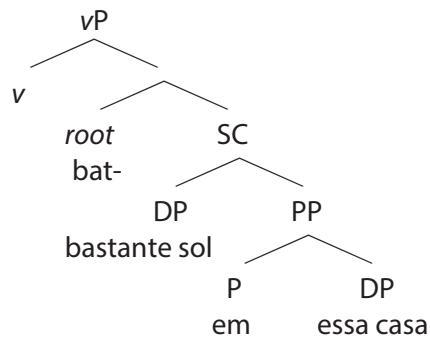
7 O gênero textual *squib* tem características específicas de forma (a extensão curta) e de conteúdo, ambas intimamente relacionadas. Portanto, a limitação de páginas não nos permitirá esmiuçar certos pontos de nossa análise, ou mesmo desenvolver uma problematização a respeito de quais seriam as vantagens que a mesma apresenta em relação às análises disponíveis na literatura corrente.

8 Um dos pareceristas observa que, numa perspectiva abrangente, a diferença entre a estruturas transitiva e a inacusativa não seria a presença de *Voice*, e sim de um *Voice temático* (só presente nas primeiras), o qual introduz um DP completo.

FIGURA 1 — ESTRUTURA INACUSATIVA: ARGUMENTO INTERNO – DP



Fonte: Elaborada pelos autores.

FIGURA 2 — ESTRUTURA INACUSATIVA: ARGUMENTO INTERNO – *SMALL CLAUSE* (SC)

Fonte: Elaborada pelos autores.

O inventário das categorias envolve ainda os núcleos responsáveis pelo licenciamento sintático e semântico dos argumentos. Nas estruturas transitivas, o núcleo *Voice* introduz o argumento externo no seu especificador e o relaciona à frase verbal (vP) que *Voice* toma como complemento (KRATZER, 1996). Pylkkänen (2002, 2008) propõe dois tipos de núcleos aplicativos, identificados sintaticamente pelo tipo de complemento que selecionam, DP ou vP, denominados, respectivamente, aplicativo baixo e aplicativo alto. O aplicativo baixo é projetado abaixo da frase verbal e denota uma relação dinâmica de transferência de posse entre duas entidades — o DP objeto direto-tema e o DP aplicado —, típica das construções ditransitivas em várias línguas. Por sua vez, o aplicativo alto, conectado acima da frase verbal, introduz um argumento DP no seu especificador e o relaciona tematicamente ao evento descrito pelo verbo (vP).⁹ O DP aplicado recebe um conjunto de papéis temáticos adequados para a sua interpretação como constituinte “afetado” pelo evento expresso pelo verbo.

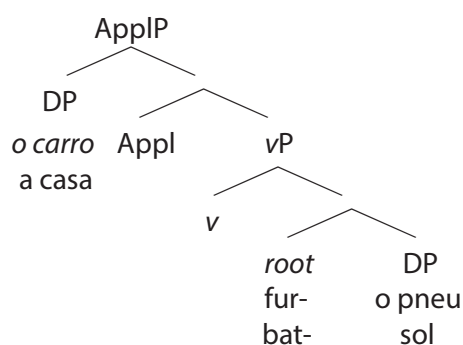
⁹ As categorias introdutoras de argumento podem ser reduzidas a um único introdutor de argumento (i*) (WOOD, 2012). Para uma aplicação dessa análise nas estruturas ditransitivas preposicionadas do PB, cf. Calindro (2020). Relevante lembrar também que as línguas variam quanto a uma manifestação morfológica dos núcleos aplicativos.

3 NÚCLEOS APLICATIVOS E A ESTRUTURA ARGUMENTAL DO TÓPICO-SUJEITO

Com base nas propriedades sintáticas e semânticas dos aplicativos, anteriormente mencionadas, propomos que uma análise unificada da estrutura argumental das sentenças de tópico-sujeito (7a-b) pode ser efetivada numa estrutura de aplicativo alto, representada na Figura 3.¹⁰

- (7) a. O carro furou o pneu.
b. Essa casa bate bastante sol.

FIGURA 3 — ESTRUTURA ARGUMENTAL DO TÓPICO-SUJEITO



Fonte: Elaborada pelos autores.

Observe-se que o aplicativo alto parece expressar algumas das propriedades do tópico-sujeito, a saber: (i) ausência de agentividade/causatividade na interpretação do DP aplicado; (ii) restrição parte-todo estabelecida entre os dois constituintes da estrutura argumental, originalmente formalizada por Galves (1998); (iii) realização do constituinte na posição pré-verbal como DP e não como PP. No entanto, se submetida a um exame mais detalhado, a tipologia aplicativo baixo/ aplicativo alto, nos moldes de Pylkkänen, pode não ser plenamente adequada para a codificação uniforme da restrição parte-todo na estrutura argumental do tópico-sujeito. De fato, com verbos do tipo de *furar*, a relação entre os dois DPs (*o carro*, *o pneu*) parece instanciar um tipo particular de aplicativo baixo, ou um *DP complexo* (LOBATO, 2006; LUNGUINHO, 2006), ou mesmo uma *Small Clause* sem constituinte preposicionado (ANDRADE; GALVES, 2016). Por sua vez, a hipótese do aplicativo alto, considerando-se que o mesmo relaciona tematicamente o DP introduzido no seu especificador ao evento expresso pelo verbo, parece comprometer a codificação da relação parte-todo.

Para superar essa dificuldade, assumimos, com base em Marantz (2013), que, em certos contextos verbais, o DP interno à frase verbal pode ser interpretado como sofrendo uma mudança de estado. Assim, na derivação da sentença *o carro furou o pneu*, o aplicativo alto relaciona o DP *todo* (o carro) ao DP *parte material do todo* (o pneu), o qual expressa

¹⁰ Essa ideia foi originalmente desenvolvida em Toledo (2018) para o tópico locativo.

uma eventualidade estativa (o pneu furado). Por seu lado, na derivação da sentença *essa casa bate bastante sol*, o aplicativo alto relaciona o DP *todo* (essa casa), introduzido no seu especificador, ao evento expresso pelo vP (bater bastante sol).

Neste caso, a restrição parte-todo é igualmente codificada, uma vez que o argumento interno (o sol) é interpretado como parte material do DP aplicado (a casa). Portanto, propomos que o aplicativo alto tem uma dupla função: codifica semanticamente a relação parte-todo e atribui ao DP introduzido no seu especificador o papel temático *afetado*, o qual se manifesta nos seguintes termos: o carro é afetado pela mudança de estado do pneu; a casa é *afetada* pelo bater do sol. Como foi mencionado na introdução deste *squib*, dependendo de fatores extralinguísticos, a casa pode ser iluminada ou abafada. Portanto, não há possibilidade de o tópico genitivo e o tópico locativo serem realizados como um sintagma preposicionado (PP).

Pode-se concluir, a partir da argumentação apresentada anteriormente, que a hipótese do aplicativo alto implica a necessidade de se descrever mais rigorosamente a relação parte-todo, tarefa que não será possível executar neste *squib*.¹¹ De qualquer forma, o que importa reconhecer é a exigência de que, nas construções de tópico-sujeito, o constituinte interno à frase verbal é interpretado como parte material do constituinte aplicado. Essa restrição parece ser confirmada pelos julgamentos de aceitabilidade das sentenças exemplificados em (8a-d):

- (8) a. Essa casa bate sol.
 b. *Esse computador bate sol.
 c. Essa mala cabe muita coisa.
 d. *Esse relógio cabe muita coisa.

A hipótese do aplicativo alto pode ser também testada num domínio afim das sentenças de tópico-sujeito: os casos de impessoalidade dos verbos meteorológicos, os quais não envolvem um participante selecionado pela raiz verbal. Neste caso, vem adicionar-se, sem preposição, justamente um argumento locativo (9a-b):

- (9) a. Essas janelas não ventam muito. (PONTES, 1987, p. 36)
 b. As cidades do litoral paulista chovem muito (AVELAR, 2009)

Nos contextos de impessoalidade, seria possível reconhecer uma relação de inclusão, um tipo particular da relação parte-todo. Na sentença (9a), ela seria construída entre *a janela* e *o vento*. Na sentença (9b), entre *as cidades do litoral paulista* e *a chuva*. Levando em conta um possível contexto pragmático no qual foram pronunciadas (cf. PONTES, 1987), entendemos que *a janela*, por ser pequenina, não deixa passar muito *vento*. Da mesma forma, pode-se imaginar um contexto extralinguístico no qual *as cidades do litoral paulista* têm a

¹¹ Cf. Andrade e Galves (2014).

propriedade de serem chuvosas. Vale ressaltar que, na ausência da relação de inclusão, não se efetiva igualmente a concordância entre o tópico locativo e o verbo. Nesse caso, Spec, TP é uma posição ocupada por um expletivo nulo, e a frase locativa preposicionada é um elemento topicalizado na camada CP (10a-b):

- (10) a. Nessas janelas \emptyset_{expl} venta muito.
 b. Nas cidades do litoral paulista \emptyset_{expl} chove muito.

Por fim, vale ressaltar uma questão referente à interpretação de *possuidor afetado / locativo afetado* do tópico-sujeito. Normalmente, *afetado* está correlacionado à restrição de animacidade. No caso do tópico-sujeito, observa-se que essa restrição não se coloca, uma vez que a relação parte-todo possa ser construída. O mesmo se observa com objetos dativos, em certos contextos inacusativos, como ilustrado em (11a-b):

- (11) a. Falta sal à sopa de ervilhas.
 b. Falta-lhe sal.
 c. *Falta sal à panela .
 d. *Falta-lhe sal.

Nas sentenças gramaticais (11a-b), o sal é um tempero constitutivo da sopa de ervilhas, ou seja, é parte material do todo. A mesma relação parte-todo não se efetiva entre os constituintes *sal* e *panela*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste *squib* apresentamos uma análise alternativa para o tópico-sujeito no PB, centrada na hipótese de que a relação parte-todo que se expressa no arranjo dos constituintes e a interpretação topicalizada evidenciam a atuação de um núcleo aplicativo na projeção da estrutura argumental eventiva.¹² O DP introduzido na posição de especificador do núcleo aplicativo (fator sintático), e interpretado como um participante “afetado” (fator semântico), é destacado, por esses dois fatores, como centro do ponto de vista, relacionado à situação de fala.¹³

A análise do tópico-sujeito aqui proposta tem algumas implicações. Uma delas é a de que, ao gramaticalizar a noção pragmática de ponto de vista, o tópico-sujeito expressa uma proeminência discursiva que se distingue daquelas que acionam movimento de constituintes para posições flexionais ou periféricas, tais como tópico e foco. Portanto,

12 Em trabalho em andamento, assumimos a hipótese de um traço interpretável de pessoa no núcleo aplicativo (PANCHEVA; ZUBIZARRETA, 2018). Esse traço é responsável por marcar gramaticalmente o DP aplicado, portador do mesmo traço, como centro da perspectiva / centro do ponto de vista, dentro do domínio aplicativo.

13 Peterson (2017), num detalhado estudo sobre as construções aplicativos, em diferentes quadros teóricos, reconhece que as abordagens sincrônicas não prestam atenção ao estatuto pragmático dessas construções e, portanto, não têm uma abordagem satisfatória do que os falantes estão fazendo ao usá-las

não supomos o envolvimento de categorias funcionais do sistema CP, em interação com o sistema flexional (TP).

Da mesma forma, embora não tenha sido mencionado neste *squib*, a nossa proposta nos levará a repensar questões sintáticas relacionadas tanto ao movimento do DP-tópico para a posição de Spec,TP, onde ele apresenta as propriedades morfossintáticas de sujeito sentencial, quanto à atribuição de Caso estrutural aos DPs envolvidos.

Por fim, lembramos que, se a hipótese do núcleo aplicativo estiver correta, teremos novos ingredientes para a formulação dos parâmetros, na sua dimensão sincrônica e diacrônica. Tais parâmetros permitiriam uma abordagem das causas gramaticais e externas no aparecimento do tópico-sujeito na gramática do PB.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aroldo de; GALVES, Charlotte. A unified analysis for subject topics in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 13, n. 1, p. 117-147, 2014.

AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUISTICA*, 26, 2011, Lisboa. Textos selecionados. Lisboa: APL, 2011. p. 49-65.

CALINDRO, Ana Regina Vaz. The i* single argument introducer: a solution for representing the beneficiary argument and creation verbs in Brazilian Portuguese. *In: (De)Constructing Language Structure and Meaning. Studies on Syntax, Semantics, Language Acquisition, and Phonology*. Cambridge Scholars Publishing, 2020 (in press).

CHOMSKY, Noam. Minimalist inquiries: The framework. *In: MARTIN, Roger; MICHAELS, David; URIAGEREKA, Juan (org.). Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge: MIT Press, 2000. p. 89-155.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. *In: KENSTOWICZ, Michael; HALE, Kenneth (org.). A life in language*. Cambridge: MIT Press, 2001. p. 1-52.

COSTA, João. PE e PB: orientação para o discurso importa? *Estudos da Linguagem*, Bahia, v. 8, n. 1, p. 123-143, 2010.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia; FERNANDES, Ulli Santos Bispo. Construções de tópico-sujeito em contextos de variação e mudança. *Web-Revista SOCIODIALETO – NUPESDD / LALIMU*, v. 6, nº 18, 2016.

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 34, p. 19-31, jan./jun. 1998.

HARLEY, Heidi. *Subjects, events and licensing*. PhD Dissertation. MIT. 1995.

KATO, Mary Aizawa. Expletivos nulos e construções de tópico/sujeito no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 57, p. 7-21, jan./jun., 2015.

KRATZER, Angelika. Severing the external argument from its verb. *In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (org.). Phrase structure and the lexicon: studies in natural language and linguistic theory*. Dordrecht: Kluwer, 1996. p. 109-138.

LOBATO, Lúcia. Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil. *In: SILVA, D. E. da (org.). Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Cânone: Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, 2006. p. 54-86.

LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. Partição de constituintes no português brasileiro: características sintáticas. In: SILVA, D. E. da (org.). *Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Cânone: Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, 2006. p. 133-147.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. (ed.). *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2007. p. 201-225.

MARANTZ, Alec. Verbal argument structure: events and participants. *Lingua*, v. 130, p.152-168, 2013.

MUNHOZ, Ana Terra Mejia. *A estrutura argumental das construções de tópico-sujeito: o caso dos sujeitos locativos*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MUNHOZ, Ana; NAVES, Rosana. Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. *Signum*, v. 15, n. 1, p. 245-265, 2012.

NUNES, Jairo. Subject and topic hyper-raising in Brazilian Portuguese: a case study on reference sets for economy computations. In: KATO, Mary Aizawa; ORDÓÑEZ, Francisco. (ed.). *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Nova York: Oxford University Press, 2016. p. 107-134.

PANCHEVA, Roumyana; ZUBIZARRETA, María Luisa. The Person Case Constraint: The Syntactic Encoding of Perspective. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 36, n. 1, p. 1291-1337, 2018.

PETERSON, David. *Applicative Construction*. Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory. Oxford University Press, 2007.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing arguments*. Cambridge: MIT Press, 2008.

TOLEDO, Felipe Navarro Bio de. *Tópico-sujeito locativo no português brasileiro: uma proposta de análise*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

WOOD, Jim. *Icelandic Morphosyntax and Argument Structure*. Nova York: Springer, 2015.

Squib recebido em 29 de junho de 2020.

Squib aceito em 14 de março de 2021.



A INFÂNCIA DAS ESPÉCIES: A QUESTÃO ONTOGENIA-FILOGENIA PARA A BIOLINGUÍSTICA

FERNANDO VALLS YOSHIDA* | ANA PAULA SCHER**

RESUMO

Este *squib* propõe uma interface conceitual entre as Ciências Biológicas e da Linguagem, motivada pelo paralelo que se estabelece entre elas a partir dos termos *ontogenia* e *filogenia*. É apresentada uma breve passagem pela história das ideias a esse respeito em Biologia, partindo da Lei Biogenética de Haeckel ao desenvolvimento contemporâneo da Evo-Devo, estabelecendo as devidas correlações com a Linguística. O objetivo deste trabalho é evocar questões importantes para a Linguística em face do desenvolvimento histórico da Biologia de modo a contribuir com o Programa Biolinguístico também a partir de uma discussão epistemológica.

Palavras-chave: aquisição de linguagem, emergência da linguagem, Programa Biolinguístico, Linguística Evolutiva do Desenvolvimento

ABSTRACT

This *squib* proposes a conceptual interface between Biological and Language Sciences, motivated by the parallel established between them based on the terms *ontogeny* and *phylogeny*. A brief summary of the history of ideas concerning this topic in Biology is presented, involving Haeckel's Biogenetic Law, Modern Synthesis and the contemporary development of Evo-Devo. Some proper correspondents in Linguistics are established at this point. This study aims to evoke the discussion of these key subjects in Linguistics in face of the historical development of Biology so that a contribution to the Biolinguistic Program on an epistemological level can be offered as well.

Keywords: language acquisition, emergence of language, Biolinguistic Program, Evolutionary Developmental Linguistics

* Universidade de São Paulo, USP. Curso de Ciências Moleculares (CCM). *E-mail:* fevayo@usp.br.

** Universidade de São Paulo, USP. Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (DL-FFLCH). *E-mail:* anascher@usp.br.

Agradecemos aos avaliadores anônimos pelos relevantes apontamentos e ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa (processo 303461/2017-9).

1 INTRODUÇÃO

A palavra *infância* vem do latim *infans*, derivada de *in-*, negação, e *fans*, participio presente de *fari*, falar. Para além de meramente curiosa, tal origem etimológica ilustra a grande importância que se atribui ao vir a ser de uma das faculdades humanas mais intrigantes e desafiantes: a língua.

O fim da infância, nesse sentido, pode ser colocado em dois panoramas. Mais evidentemente, como aquele relacionado à aquisição de linguagem, processo sistematicamente repetido por infantes das mais variadas comunidades linguísticas, condições socioafetivas e momentos históricos. Não obstante a complexidade aparente deste processo de aquisição, a criança, já por volta dos 5 anos, é capaz de contar piadas, reclamar da comida e declarar amor — em um momento da vida em que uma atividade simples, como amarrar os sapatos, é algo praticamente irrealizável.

De uma outra perspectiva, a evolutiva, tem-se problema semelhante: em comparação aos demais sistemas de comunicação animal, as línguas humanas parecem ser verdadeiramente uma excepcionalidade, não somente por possuírem propriedades inovadoras, como também por terem emergido, tendo em vista a história evolutiva das linhagens homínidas, em uma janela de tempo muito estreita. Ainda que os dados sejam escassos e que só tenha restado uma dentre as espécies do gênero *Homo*, a nossa, é invariavelmente surpreendente o caminho cognitivo, tecnológico e linguístico trilhado pelos *Homo sapiens*.

Individualmente intrigantes, os problemas de ontogenia (aquisição) e filogenia (emergência) da linguagem podem, tal qual o ovo e a galinha, ser colocados em paralelo, multiplicando as perguntas a serem feitas. É interessante notar que os termos *ontogenia* e *filogenia* também são epistemologicamente relevantes para as Ciências Biológicas, em que remetem à Biologia do Desenvolvimento e à Biologia Evolutiva. Nesse campo de estudo, as articulações entre esses domínios foram e vêm sendo trabalhadas por gerações de pesquisadoras e pesquisadores, em uma intensa disputa epistemológica, buscando determinar qual é a natureza da semelhança entre embriões e adultos de espécies evolutivamente relacionadas (Cf. GOULD, 1977).

Partindo da terminologia em comum e objetivando o estabelecimento de um paralelo conceitual entre as duas disciplinas, é possível alocar os objetos de estudo em amplo senso relativos aos conceitos de ontogenia e filogenia para cada uma das áreas, dispostos no doravante chamado Plano Biolinguístico (Figura 1), numerado segundo a convenção cartesiana¹. Posta a natureza do paralelo, nota-se que ontogenia e filogenia aqui são antes conceitos que aspectos de alguma entidade biológica em específico (e.g., Faculdade da Linguagem) ou que algum nível de análise em particular (e.g., sintaxe). Quer-se com esse paralelo abstrair o sentido imediato desses conceitos intradisciplinarmente de modo a compreender a interface teórico-conceitual que é possível estabelecer interdisciplinarmente.

¹ A saber: quadrante 1, topo-direita; quadrante 2, topo-esquerda; quadrante 3, baixo-esquerda; quadrante 4, baixo-direita.

FIGURA 1 — PLANO BIOLINGÜÍSTICO DE ONTOGENIA-FILOGENIA

| | Ontogenia | Filogenia |
|---------------------|------------------------------|--|
| Domínio biológico | Desenvolvimento embriológico | História evolutiva |
| Domínio linguístico | Aquisição de língua materna | Emergência da língua no gênero <i>Homo</i> |

Fonte: Elaborada pelos autores

Posto isso, somando-se, ainda, investigações dentro de uma interface direta entre a Biologia e a Linguística (o estudo biológico da Faculdade da Linguagem), busca-se com este trabalho trabalhar paralelos também conceituais entre essas áreas, a partir de uma revisão na história das ideias de ontogenia e filogenia na Biologia e do intercâmbio de conhecimentos entre as disciplinas a partir do estabelecido paralelo.

2 DARWINISMO CLÁSSICO E A RECAPITULAÇÃO LINGÜÍSTICA

Do ponto de vista teórico, o Darwinismo clássico coloca-se na articulação entre a Ecologia e a Evolução, uma vez que compreende o fenômeno da evolução das espécies não como algo determinado *a priori* (desígnios de uma vontade superior) ou motivado por acontecimentos a nível de indivíduo (e.g., como sugerem propostas lamarckistas), mas sim como o resultado da influência do meio à sobrevivência diferencial das espécies em disputa por nichos ecológicos, pela transmissão da variação aos descendentes, mas, sobretudo, pela sobrevivência. Essa ideia está colocada na parte restante e frequentemente esquecida de sua obra mais célebre, *A Origem das Espécies* (1859), cujo título completo é *A origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida*.

Dessa concepção deriva uma perspectiva de trabalho da pesquisa em Evolução: comparar espécimes e buscar compreender, a partir da comparação, quais caracteres podem ter aparecido em quais espécies e como isto lhes conferiu adaptabilidade ao meio em que estão. A Biologia Comparada, nome dado a esta frente, foi de grande importância para a fundamentação da Teoria da Evolução, e ainda é relevante para questões de pesquisa tais como a evolução da linguagem humana. Aqui faltam vestígios ancestrais que registrem explicitamente o estado de uma competência linguística, do que resulta que a comparação com parentes filogenéticos é de grande valor para a compreensão da emergência desta faculdade, tipicamente humana.

Desse modo, o estudo da semelhança de caracteres pode aludir ao parentesco evolutivo de espécies, contribuindo para uma classificação da vida orientada pela Evolução. Porém, faz-se necessário rigor científico e precisão metodológica, pois a mera semelhança

de caracteres não implica o parentesco evolutivo: determinadas pressões seletivas e/ou condições físicas do meio podem privilegiar estruturas com origens embrionárias distintas, ditas análogas (e.g., propriedades hidrodinâmicas do mar que selecionam nadadeiras em ambos peixes e baleias, que pertencem a clados distintos).

No sentido do estabelecimento de relações de caráter genealógico, portanto, são de maior interesse os “caracteres que provavelmente tenham sido menos aptos a sofrer modificações, em relação às condições de vida às quais foi exposta cada espécie” (DARWIN, 1859, p. 544), dos quais muito se destacam aqueles de natureza embriológica. A respeito desses, por outro lado, coloca-se a questão de qual é a natureza e a caracterização dos mecanismos que regem essa interface Embriologia-Evolução.

No contexto dessa pergunta, coloca-se a Lei Biogenética, apresentada pelo naturalista alemão Ernst Haeckel (1834–1919), especialmente em seu *Generelle Morphologie der Organismen* (1866), que pode ser resumida pela máxima “a ontogenia recapitula a filogenia”, de modo que se entende que as etapas do desenvolvimento embriológico são as mesmas do desenvolvimento evolutivo de determinada espécie. Há ainda vários procedimentos de edição desse percurso, suprimindo determinados estágios, adiantando outros, mas sempre se mantendo a rota principal de recapitulação da filogenia. Melhor seria dizer, então, que a ontogenia é a filogenia, em que etapas de maior grau evolutivo (mais recentes) vão sendo adicionadas a essa progressão ontogenética. É importante frisar que se trata de uma teoria amplamente desacreditada nas Ciências Biológicas, o que não descarta a necessidade de seu estudo (também por haver reminiscências recapitulacionistas fora da Biologia), tampouco a investigação das relações entre ontogenia e filogenia (Cf. Gould (1977) para uma célebre revisão).

Para a Linguística, poderia igualmente ser proposto um modelo recapitulacionista, e algumas considerações de natureza biológica e linguística poderiam sustentá-la — ou, ao menos, pô-la de pé. Uma característica marcante da evolução hominídea, do ponto de vista fisiológico, é o aumento cerebral e a associada reorganização psicológica, que certamente contribuiu para a revolução cultural, culminante na espécie humana (MAYR, 2001). Tal aspecto poderia se relacionar ao neurodesenvolvimento do indivíduo, em que a intensa atividade sináptica durante a infância recapitularia o caminho filogenético da mente. Ainda, em relação ao sistema sensorio-motor, o aparato vocal de infantes é em muito semelhante ao de chimpanzés: laringe alta, garganta menor e trato vocal estreito. É somente por volta dos quatro meses que a criança, então em uma “fase chimpanzé”² de sua ontogenia, se diferencia na forma adulta humana, regularizando o balbucio, reconhecendo e produzindo as estruturas silábicas de sua língua, e percorrendo todo o caminho restante para a aquisição (GROLLA; SILVA, 2018).

2 Como designado por Karl Bühler e outros, em referência a uma fase do desenvolvimento infantil supostamente equivalente à cognição de chimpanzés.

É notável ainda que tal perspectiva entrelaça dois problemas de grande relevância para a Linguística: os problemas de Wallace-Darwin (filogenia) e de Platão (ontogenia). Ambos estão relacionados a uma janela de tempo (limitada) incompatível com um desenvolvimento complexo (excepcional). A linguagem humana, conforme indiciam vestígios arqueológicos (NÓBREGA, 2019), parece ter emergido por volta de 200 mil anos atrás, e a aquisição da linguagem, de modo geral, dá-se por completo por volta dos cinco anos de idade (GROLLA; SILVA, 2018). Assim, para ambos os casos, haveria uma diferença (aparentemente) significativa em relação aos precursores de ambas filogenia — postas as diferenças entre humanos e seus parentes mais próximos (i.e., chimpanzés), que por sua vez sugerem algum processo notável de seu ancestral comum a humanos — e ontogenia — posto o acelerado e significativo avanço de um infante pré-linguístico a um indivíduo dotado de linguagem, apenas alguns anos depois.

A explicação para o paralelo que aqui se construiu a partir de selecionadas evidências busca identificar analogias fundamentais entre a ontogenia e a filogenia da capacidade humana para a linguagem, o que, para um recapitulacionista, seria uma forte “evidência” para o entendimento de que esse paralelo se deve ao “fato” de que ontogenia e filogenia são, em realidade, o mesmo processo. Nessa perspectiva, os quadrantes 3 e 4 da Figura 1 são causalmente relacionados, i.e., a aquisição de linguagem que leva um infante a um falante se dá como se dá *por causa* da “progressão” de primatas não linguísticos a humanos e, sobretudo, segundo o mesmo processo. Do ponto de vista metodológico, isso permitiria “extrair informação filogenética da ontogenia” (GOULD, 1977), i.e., fazer Linguística Evolucionária a partir da Aquisição de Linguagem, tendo estabelecido que o processo da aquisição seria o processo de emergência — em uma perspectiva recapitulacionista.

3 SÍNTESE MODERNA E A GRAMÁTICA UNIVERSAL

Anos depois de Darwin (1809–1882), estabeleceu-se a chamada Síntese Moderna, empreitada científica que, enfim, articulou o Evolucionismo darwiniano à Genética mendeliana, esclarecendo a natureza da variação, ainda obscura à Biologia do século XIX. Tal casamento foi — e continua sendo — de grande importância para incontáveis domínios nos estudos da Biologia, uma vez que permitiu uma noção mais profunda sobre o significado da aparência da vida (a manifestação fenotípica dos genes), colocada em perspectiva de uma narrativa evolutiva que engloba toda a extensão da vida terrestre.

Paralelamente a este avanço, desde o início do século XX, a Lei Biogenética passou a cair cada vez mais em desuso e, diante desses novos panoramas teóricos, a ser sistematicamente descreditada. Isso porque, em vez de novidades evolutivas aparecerem terminalmente (na forma adulta da espécie em maior grau evolutivo), como propõe o recapitulacionismo haeckeliano, tais mudanças acontecem em todo o genoma, que contém a informação da vida.

A perspectiva que se estabelece, portanto, é a de que inclusive o desenvolvimento embriológico evolui. As evidências de paralelos entre a ontogenia e a filogenia são antes reminiscências evolutivas da própria ontogenia que implicações da filogenia. Dito de outro modo, caracteres embriológicos também estão sujeitos à evolução, e de maneira independente, de modo que não são causas diretas da progressão da linhagem evolutiva da espécie, como propôs Haeckel.

Epistemologicamente, tem-se ainda uma mudança considerável de paradigma. De uma perspectiva haeckeliana, a ontogenia é uma implicação da filogenia; enquanto, de uma perspectiva neodarwiniana, nome dado à corrente de pensamento derivada da Síntese Moderna, a ontogenia é mais um dentre os aspectos em curso na filogenia, e paralelos são meramente reminiscências evolutivas de uma ancestralidade comum. Além disso, a vaga definição de caracteres agora enquadra-se em perspectiva de genes, entidades combináveis, herdáveis e mutáveis.

Para a Linguística, considerando simultaneamente aspectos da Recapitulação Linguística proposta na seção 2, da mudança epistemológica apresentada pela Síntese Moderna para a Biologia e da história das ideias linguísticas, pode-se propor o paralelo entre o genoma e a Gramática Universal (doravante GU), partindo de um entendimento neodarwiniano e pré-minimalista de que genoma e GU são repositórios das informações necessárias e fundamentais em relação, respectivamente, à vida e à língua.

Nessa perspectiva, em um raciocínio inatista, a evolução da Faculdade da Linguagem culmina, em *Homo sapiens*, na constituição da GU — e é isso que permite a aquisição de linguagem tal como se observa. Em relação ao Plano Biolinguístico, adotando uma visão neodarwiniana, a filogenia é o caminho (da história evolutiva) para a base (genética) da qual deriva a ontogenia. A relação entre os quadrantes 4 e 3 da Figura 1 é de passado e presente, e as semelhanças que decorrerem são resultado de outros aspectos reminiscentes da evolução do desenvolvimento. Infantes humanos se assemelham a chimpanzés, por exemplo, somente na medida em que possuem um mesmo ancestral comum, motivo (evolutivo) pelo qual compartilham características gerais e compartilhadas da Faculdade da Linguagem.

De modo a contra-argumentar a proposta de um recapitulacionismo linguístico, tem-se ainda uma série de estudos que vão no sentido de mostrar a competência linguística de bebês, mesmo durante a dita “a fase chimpanzé”. Nesse sentido, destaca-se o experimento conduzido por Jacques Mehler (reportado em Guasti (2002) e Grolla e Silva (2018)), que identifica em recém-nascidos (com apenas dias de vida) a capacidade de identificar variações prosódicas entre línguas como o francês e o russo. Ainda, em relação à interface conceitual-intencional, tem-se o trabalho de Karen Wynn (reportado em Hauser, Chomsky e Fitch (2002)), que mostra que, por volta dos 3,5 anos, crianças já são capazes de reconhecer a infinitude discreta dos números naturais (a partir de 1, 2, 3, reconhecem a existência de 4, 5, ...), diferentemente de chimpanzés, aos quais cada número é uma entidade, não relacionada conceitualmente aos demais números.

4 EVO-DEVO E A LINGÜÍSTICA EVOLUTIVA DO DESENVOLVIMENTO

À medida que se passou a conhecer aspectos materiais e quantificáveis do gene, com os avanços da Genética Molecular na segunda metade do século XX, novos experimentos foram conduzidos de modo a compreender a natureza da expressão gênica. O entendimento das interações do DNA com o meio, dos sistemas de regulação da expressão gênica, das redes de interação entre genes e de fatores extragenéticos atuantes no desenvolvimento foram paulatinamente reforçando uma nova perspectiva teórica, que em muito reduzia a (demasiada) importância concedida ao gene pelo Neodarwinismo ortodoxo. A esse movimento se deu o nome de Síntese Moderna Estendida. Ilustrativa desse horizonte teórico é a análise e comparação dos genomas de diversos seres vivos, do que se observou que o genoma é muito mais conservado do que se pensava: humanos e chimpanzés, por exemplo, certamente distintos quanto à capacidade de contar histórias, confeccionar ferramentas ou de fazer Ciência, compartilham (surpreendentemente) mais de 95% de seu material genético.

Nesse sentido, a Embriologia voltou a ganhar popularidade, especialmente renovada, articulada em uma frente nomeada Biologia Evolutiva do Desenvolvimento (casualmente, Evo-Devo), que se caracteriza pelo estudo, de acordo com Robert, Hall e Olson (2001), da relação entre o desenvolvimento embriológico e a evolução, de como mudanças em processos do desenvolvimento provocam mudanças evolutivas e de como o próprio desenvolvimento evolui. Há, dessa maneira, um retorno à discussão das relações entre ontogenia e filogenia.

Para a Linguística, muito em razão das imposições de natureza biológica apresentadas na seção anterior, fez-se necessário impor restrições aos aspectos de variabilidade da Gramática Universal. Isso se deu, com grande êxito, pelo estabelecimento da Teoria de Princípios e Parâmetros (doravante, P&P), que, conforme observado em Chomsky (2010), é epistemologicamente paralelo ao que a Evo-Devo é para a Biologia.

A P&P é uma solução ótima do inatismo universal com o qual a Linguística Gerativa trabalha desde os anos 70, uma vez que estabelece os primitivos ajustáveis na aquisição, para o desenvolvimento (controlado e mediado) das gramáticas humanas. Nessa perspectiva, a evolução da linguagem é um problema à parte: explicações diversas (citadas em Hauser, Chomsky e Fitch (2002)) sugerem hipóteses para uma mutação pontual que desencadeou uma reorganização neural (*rewiring*), pressão exaptativa que compatibilizou e integrou interfaces já disponíveis na cognição hominídea ou evolução por *spandrel* (a emergência da Faculdade da Linguagem como efeito colateral de outro processo evolutivo em curso). De qualquer maneira, a ontogenia, novamente, é resultado do funcionamento de um mecanismo já disponível desde o início da aquisição, este que possui sua própria história evolutiva até a espécie humana.

Ambas P&P e Evo-Devo, argumentam Benítez-Burraco e Longa (2010) em resposta a Chomsky (2010), de fato são comparáveis, inclusive por seu aspecto genecentrista. Aqui, o genecentrismo é uma perspectiva caracterizada pela primazia dos genes na explicação da diversidade da forma, cuja interpretação análoga e a nível teórico-conceitual na Linguística é a primazia da GU na explicação da diversidade das línguas. A esse respeito, é importante a consideração de que a Biologia Evolutiva do Desenvolvimento é um grande leque teórico, que engloba variadas frentes teóricas em Biologia. Entre essas constam aquelas ditas genecentristas (referidas pelos autores como Evo-Devo_{GEN}), na medida em que encaram as derivações da Evo-Devo como a preservação dos sistemas regulatórios dos genes, mas há ainda outras possibilidades, que propõem certos aspectos emergentes de limitações de outras naturezas, como restrições biofísicas à expressão. Em relação a esta última perspectiva, “um gene é antes um recurso dentre outros que uma inteligência direcionadora que usa recursos para seus próprios fins”³ (OYAMA, 2000).

A argumentação de Benítez-Burraco e Longa (2010) vai no sentido de mostrar como a proposição de Chomsky (2010), da analogia entre a Evo-Devo_{GEN} e a P&P, é razoável (na medida em que ambas impõem restrições à variabilidade e propõem estruturas subjacentes, que dão conta da diversidade), mas que a extensão não se estende ao Programa Minimalista, uma frente teórica em Linguística que busca reduzir a carga inata específica à linguagem, sendo uma solução ótima ao problema de pareamento de som e sentido (BENÍTEZ-BURRACO; LONGA, 2010). Nesse sentido, outras abordagens Evo-Devo (não genecentristas) seriam mais produtivas à discussão minimalista, justamente por considerarem a interação de diversos fatores na explicação do desenvolvimento, o que, na Linguística, se traduz no estudo de diferentes capacidades cognitivas em uso para o estabelecimento da competência linguística.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre a Biologia e a Linguística é certamente um dos grandes marcos para o desenvolvimento desta segunda, desde meados do século XX. Isso acrescenta aos estudos formais, sociais e filosóficos da linguagem uma série de novas imposições ao desenvolvimento de modelos, tais como a viabilidade evolutiva e a aquisição em sua dimensão neurofisiológica. Todavia, para além de trazer restrições e complicações, essa interação também propõe uma gama de sugestões e possibilidades, integrando conhecimentos linguísticos àqueles das Neurociências, Biologia Evolutiva, do Desenvolvimento, entre outros.

Tal como a Biologia, em seu contato com a Química e a Física, por exemplo, a Linguística é também uma área especialmente interdisciplinar, em sua dimensão sintática, morfológica, semântica, fonético-fonológica etc. E tem-se ainda que é em campos como a Linguística

3 Tradução nossa para: “a gene is a resource among others rather than a directing intelligence that uses resources for its own ends”.

Evolucionária e os estudos de aquisição da linguagem que todas essas áreas se encontram, justamente por se referirem à própria competência linguística humana. Portanto, é nesse sentido que a interação ontogenia-filogenia é uma questão de profunda relevância, pois articula pontos fundamentais ao desenvolvimento do conhecimento de toda disciplina.

Este trabalho, de natureza principalmente bibliográfica, propõe um paralelo conceitual entre a Biologia e a Linguística no tópico do vir a ser, a nível filogenético (histórico, evolutivo, da espécie) e ontogenético (do momento presente, do desenvolvimento, individual), motivado pela reiteração também epistemológica de uma aproximação de enorme importância, hoje representada pelo Programa Biolinguístico. O endereçamento de grandes questões para a Linguística, como os problemas de Platão e de Wallace-Darwin, em termos da história das ideias na Biologia, é a principal contribuição da empreitada em que se inclui este trabalho.

É no sentido de uma Linguística Evolutiva do Desenvolvimento (i.e., uma extensão linguística à Evo-Devo) que se pode endereçar questões em continuidade a este trabalho: como se vislumbra o estudo da evolução da aquisição de linguagem e como isso se relaciona à própria evolução da Faculdade da Linguagem? Quão especificamente humanos são os princípios que regem a aquisição? A aquisição da linguagem e as devidas associações ao neurodesenvolvimento são, enquanto objetos de estudo da Biologia Evolutiva, extremamente apelativos a uma abordagem Evo-Devo *stricto sensu*, visto que dados genômicos levam à conjectura de que as modificações nas linhagens humanas se deram a nível do desenvolvimento (Cf. KING; WILSON, 1975). Em que medida e de que maneira eventos evolutivos no neurodesenvolvimento explicam a potencialidade e os mecanismos da aquisição de linguagem são questões fundamentalmente interdisciplinares e que exigem a cooperação de biólogos e linguistas para seu desenvolvimento.

De modo geral, o estudo da infância das espécies se mostra de enorme relevância na medida em que volta os olhos à própria capacidade de pesquisadoras e pesquisadores, de inúmeras áreas do conhecimento, de pensar, refletir e comunicar, entre outras inúmeras coisas, Ciência. Falar sobre a travessia científica é uma forma de caminhar cientificamente, também de vislumbrar a estrada do conhecimento a percorrer.

REFERÊNCIAS

BENÍTEZ-BURRACO, A.; LONGA, V. M. Evo-Devo – Of Course, But Which One? Some Comments on Chomsky's Analogies between the Biolinguistic Approach and Evo-Devo. *Biolinguistics*, v. 4, n. 4, p. 308-323, 2010.

CHOMSKY, N. Some simple evo devo theses: How true might they be for language? *In*: LARSON, R.; DÉPREZ V.; H. YAMAKIDO (ed.). *The Evolution of Human Language: Biolinguistic Perspectives (Approaches to the Evolution of Language)*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 45-62.

DARWIN, C. *A origem das espécies*. Tradução de: DUARTE, C.; DUARTE, A. 6 ed. 1859. São Paulo: Martin Claret, 2014.

GOULD, S. J. *Ontogeny and Phylogeny*. Cambridge: Harvard University Press, 1977.

GROLLA, E.; SILVA, M. C. F. Para conhecer: *Aquisição da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2018.

GUASTI, M. T. *Language Acquisition: A Linguistic Perspective*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HAECKEL, E. *Generelle Morphologie der Organismen*, v. 2, Berlim, 1866.

HAUSER, M.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The faculty of language: What is it, who has it, and how did it evolve? *Science*, v. 298, p. 1278-1280, 2002.

KING, M. C.; WILSON, A. C. Evolution at two levels in humans and chimpanzees. *Science*, v. 188, p. 107-116, 1975.

MAYR, E. *What Evolution Is*. Nova Iorque: Basic Books, 2001.

NÓBREGA, V. A. O Problema de Wallace-Darwin. *In*: OTHERO, G. A.; KENEDY, E. (org.). *Chomsky: A reinvenção da Linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2019, v. 1.

OYAMA, S. *Evolution's Eye: A Systems View of the Biology-Culture Divide*. Durham: Duke University Press, 2000.

ROBERT, J. S.; HALL, B. K.; OLSON, W. M. Bridging the gap between developmental systems theory and evolutionary developmental biology. *BioEssays*, v. 23, n. 10, p. 954-962, 2001.

Squib recebido em 15 de setembro de 2020.

Squib aceito em 18 de março de 2021.



PHI-FEATURES AND NEUTER PRONOUNS: THE CASE OF *ISSO* IN BRAZILIAN PORTUGUESE

RENATO MIGUEL BASSO*

ABSTRACT

In this squib we propose a semantic analysis of anaphoric *isso* in Brazilian Portuguese in contrast with its deictic use, since *isso* has a different range of possible antecedents/referents for each use. Our analysis claims that *isso* lacks phi-feature and can have as antecedent only linguistic structures which also lack phi-features. We claim that this analysis also explains the fact that *isso* does not appear in descriptions, cannot be interpreted as a bound variable, and shows a “fact reading” in some contexts. Since most abstract entities reference are achieved via non-DP and non-NP structure, *isso* is a natural choice of anaphor in these cases, but as we show its uses are restricted by linguistic constraints.

Keywords: phi-features, demonstratives, agreement, semantics, indexicals

RESUMO

Neste *squib*, propomos uma análise semântica para o *isso* anafórico em português brasileiro em contraste com seus usos dêiticos, pois o *isso* tem possibilidades diferentes de antecedentes/referentes em cada caso. Nossa análise afirma que *isso* não possui traços-phi e que pode ter como antecedentes somente estruturas linguísticas que também não têm traços-phi. Propomos que nossa análise também explica o fato de *isso* não aparecer em descrições, não poder ser interpretado como uma variável ligada, e apresentar uma “leitura de fato” em alguns contextos. Dado que a referência a entidades abstratas se dá na maioria das vezes por meio de estruturas que não são DP ou NP, o *isso* é uma escolha natural de termo anafórico nesses casos, mas, como mostramos, seus usos são condicionados por restrições linguísticas.

Palavras-chave: traços-phi, demonstrativos, concordância, semântica, indexicais

* Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. E-mail: rmbasso@ufscar.br. The author thanks FAPESP for supporting the research that resulted in this paper (process 06 / 59088-0).

1 INTRODUCTION

In this squib our aim is to offer an analysis for the differences between deictic and anaphoric uses of the demonstrative *isso* in Brazilian Portuguese, based on the phi-features associated with this item.¹ Our proposal is situated in the interface between syntax and semantics.

Namely, our aim is to offer an explanation to the contrast between sequences such as:

- (1) João comprou *isso*. — said while pointing at a smartphone.
'João bought this.'
- (2) João comprou um celular novo ontem e ele/?? *isso* já quebrou.
'João bought a new cellphone yesterday and it/this is already broken.'

We claim that *isso* lacks phi-features and that this characteristic restricts its possible range of linguistic antecedents in anaphoric uses but imposes no restriction in deictic uses. We also claim that the lack of phi-features triggers a particular kind of agreement. This squib is organized as follows: in the second section we present a (very brief) overview of the demonstrative system of Brazilian Portuguese; in the third section we present the relevant contrasts between deictic and anaphoric *isso*. In sections four and five we present different proposals for *isso*, that we will combine with a full analysis in section six. In the Conclusion we sum up the main points made in this squib.

2 A (VERY) BRIEF OVERVIEW OF THE DEMONSTRATIVE SYSTEM OF BRAZILIAN PORTUGUESE

According to most traditional grammars, Brazilian Portuguese has the following demonstrative system according to traditional grammars:

TABLE 1 — TRADITIONAL VIEW OF THE DEMONSTRATIVE SYSTEM

| | near the speaker (this) | near the addressee (this) | away from both (that) |
|-----------|-------------------------|---------------------------|-----------------------|
| Feminine | esta | essa | aquela |
| Masculine | este | esse | aquele |
| ?? neuter | isto | isso | aquilo |

Source: elaborated by the author.

¹ This is a new version of the arguments I already made in Basso (2009).

However, in spoken varieties what is really found is a system in which ‘VstV’ and ‘VssV’ almost always merge into ‘VssV’, and the result is that there is no difference in these varieties between for instance *este* and *esse*; the same process can be seen in course in written varieties. The system is actually as shown in Table 2:

TABLE 2 — ACTUAL DEMONSTRATIVE SYSTEM

| | near (this) | far (that) |
|-----------|-------------|------------|
| feminine | essa/esta | aquela |
| masculine | esse/este | aquele |
| ?? neuter | isso/isto | aquilo |

Source: elaborated by the author.

The English translations suggested are only roughly approximations; there are important differences between English and Brazilian Portuguese demonstrative systems which are beyond the aims of this squib.

All the feminine and masculine demonstratives (DEM) can form descriptions (i.e., they can appear in the structural template DEM + NP such as in *esse menino* (‘this boy’) and *aquela menina* (‘that girl’)), they can also be used as pronominal forms (i.e., without an NP), and they have a plural form (DEM+/s/). All these demonstratives can be used with spatial adverbs in order to achieve, among other things, “precision” in finding their referents: *esse (NP) aqui* (‘this (NP) here’), *aquela (NP) lá* (‘that (NP) there’), *aquilo ali* (‘that over there’), etc.²

Differently from the other Portuguese demonstratives, the proximal demonstrative pronoun *isso* (as well as its distal counterpart, *aquilo*) does not have number or gender agreement and is invariable; therefore it is considered to be a “neuter pronoun”. Since *isso* cannot appear followed by an NP (**isso menino/a/s/*, ‘isso boy/girl/s’) it does not form descriptions.

Our aim in this squib is to provide a semantic analysis of *isso* which accounts for its deictic and anaphoric uses and interpretations. In the next section, we present some uses of *isso*.

3 (SOME) USES OF *ISSO*

Isso has a variety of uses in nowadays Brazilian Portuguese, beyond what is normally considered to be the canonical role of a demonstrative, for instance, it can be used as a positive answer to certain kinds of questions or to confirm information (3). Like other

² The combination with spatial adverbials can also be used as an evidence for the near/far features of the demonstratives because proximal demonstratives combine only with proximal spatial adverbs and distal ones combine only with distal spatial adverbs: *esse ?lá/?ali* (‘this (one) ?there’); *aquele ?aqui* (‘that (one) ?here’).

pronouns, *isso* has deictic, anaphoric and cataphoric uses. The cataphoric use, exemplified in (4) and (5), will not concern us in this squib:

- (3) Question: É pizza que a gente vai comer no jantar?
 Answer: *Isso*.
 Question: 'Is it pizza that we will have for dinner?'
 Answer: '*This*.' (roughly, 'yes')
- (4) Preste atenção *nisso*: não vou pra festa!
 'Pay attention/Listen to *this*: I'm not going to the party!'
- (5) Acontece que a donzela — e *isso* era segredo dela — também tinha seus caprichos (Geni e o Zepelim, Chico Buarque)
 'So it happens that the lady — and *this* was her secret — also had her whims'

Interestingly this pronoun imposes different constraints on its referent (or antecedent) depending on being used deictically or anaphorically.

Deictically (i.e. used accompanied by a pointing gesture) *isso* can refer to a wide range of different kinds of entities from concrete entities (countable singular or plural, or massive) as in (6), to abstract entities, as in (7) (the translations show the intended interpretation):

- (6) (pointing to a chair, or pile of sand, or a piece of clothing, or books)
Isso é meu.
 '*This* is mine.'
- (7) (pointing to a white wall (i.e., its color), or a sunrise, or an arrangement of furniture)
Isso é bonito.
 '*This* is beautiful.'

When the predicate which combines with deictic *isso* displays grammatical gender (such as *meu* ('mine') and *bonito* ('beautiful')), the gender is always the masculine, which is arguable non-marked in BrP.

Anaphoric *isso* can have as antecedent different kinds of abstract entities: a proposition, an event, a fact, a speech act, and the very "phrasing" of an utterance (a *dictum*) as in (8a)-(8e), respectively, or a set of propositions as in (9):

- (8) João foi demitido.
 'João was fired.'
- (8a) Eu não acredito *nisso*!
 'I don't believe this!'
- (8b) *Isso* aconteceu ontem.
 'This/It happened yesterday.'

- (8c) Puxa, *isso* é terrível!
'Gosh, this is terrible!'
- (8d) *Isso* é mentira!
'This is a lie!'
- (8e) *Isso* é realmente um jeito estranho de descrever o que aconteceu...
'This is a really odd way of describing what happened...'
- (9) Tendo dito *isso*, podemos continuar com a exposição.
'Having said that, we can move on with the exposition.'

But anaphoric *isso* cannot normally have as antecedent an entity denoted by a nominal phrase (be it countable (singular or plural) (10) or massive (11)), or a quantified expression (12)-(13):

- (10) João comprou uma caneta/um lápis/dois cadernos. ?*Isso* custou caro/eram caros.
'João bought a pencil/a pen/two notebooks. It was expensive/(they) were expensive.'
- (11) João bebeu água. ?*Isso* estava gelada.
'João drank water. It was cold.'
- (12) João comeu todas as balas. ?*Isso* era de chocolate.
'João ate all the candies. These were chocolate ones.'
- (13) João bebeu pelo menos duas cervejas. ?*Isso* estava gelado/a/s.
'João drank at least two beers. It/This was cold.'

We also argue, based on the next examples that *isso*, differently from other pronouns, cannot be interpreted as a bound variable:

- (14) Toda semana um homem entra aqui, e ele sempre reclama.
'Every week a man comes here, and he always complains.'
- (15) Toda semana acontece um acidente nessa rua, e *isso*, via de regra, complica o trânsito.
'Every week an accident happens in this street, and usually it/this messes with the traffic.'
- (16) Todo dia o João faz um barulho na cozinha, e *isso* acorda seu filho mais novo.
'Every day João makes a noise in the kitchen, and it/this wakes up his younger soon.'

The anaphoric pronoun *ele* in (14) has different interpretation according to the scope of *um homem* ('a man'): (i) a wide-scope reading: the same man every week, or (ii) a strict-scope reading: different men each week. But the same does not happen with (15) and (16) — the interpretation of *isso* is the same: it does not matter what is the scope of *um acidente* ('an accident') or *um barulho* ('a noise'). In both cases, what we have is a so-called "fact reading"

— “that happens an accident in this street every week” is the antecedent of *isso* in (15); and “that João makes a noise in the kitchen every day” is the antecedent of *isso* in (16).

We can compare (15) with (15a):

- (15a) Toda semana acontece um acidente nessa rua, e *ele*, via de regra, complica o trânsito.
'Every week an accident happens in this street, and usually it messes with the traffic.'

For (15a), in which the pronoun *ele* appears, we have two interpretations: (i) a wide-scope reading: the same accident every week, or (ii) a strict-scope reading: different accidents each week.

What could explain the difference in the “referential range” between deictic and anaphoric uses of *isso*? Does it have to do with ontological restrictions, or linguistic ones? Does the same feature also explain the impossibility of descriptions for *isso*? In the next section we propose a possible (but ultimately wrong) alternative.

4 A FIRST EXPLANATION

Based on the contrast between the examples in (8)-(9) with the ones in (10)-(13), one could claim that *isso* is ontologically sensitive, that it is specialized for abstract entity anaphora. However, this hypothesis is not supported by Brazilian Portuguese (BP) data: *isso* cannot have nominalizations (17), nouns that refer to abstract entities (18), and nouns that refer to events (19) as antecedents:

- (17) [A chegada do João]₁ era esperada. ?[*isso*]₁ aconteceu no tempo previsto.
'João's arrival was expected. It happened in due time.'
- (18) [A tristeza das pessoas]₁ era enorme. ?[*isso*]₁ era consequência do acidente de ontem.
'People's sadness was enormous. It was a consequence of yesterday's accident.'
- (19) Ontem houve [um terremoto]₁ no Japão. ?[*isso*]₁ atingiu 7.5 graus na escala Richter.
'Yesterday there was an earthquake in Japan. It reached 7.5 degrees in Richter scale.'

Only an ontological sensibility is not sufficient to explain the unacceptability of the data in (17)-(19), since in all these cases there are reference to abstract entities. Note also that the pronoun *ela* (fem.; sing.) is perfectly acceptable in (17) and (18) with the intended interpretation and goes for *ele* (masc.; sing.) in (19). It is not clear how an ontological sensibility would explain (15) and (16), since accidents and noises could arguably be classified as abstract as well. So maybe *isso* is sensitive not to the ontology but to the linguistic structure. We explore this possibility in the next section.

5 *ISSO* AS A NEUTER PRONOUN AND THE ROLE OF PHI-FEATURES

We argue that *isso* is not specialized for abstract entity anaphora, but rather that it cannot have any DP- or NP-structure as antecedent, and that this feature explain both in (8)-(15) and (15)-(16). The reason for this, we claim, is a mismatch between the phi-features (i.e., the semantic features, taken as presuppositional, involved in nominal (gender, number, definiteness) agreement and anaphora³) of (some) the antecedent structures and the lack of them by *isso* (this fact is behind the intuition that *isso* is neuter).

Since most of abstract entity reference is achieved by means of non DP- or non NP-structures (at least in BP) but by means of sentential or VP-structures, *isso* is a natural choice of anaphor in these cases — both *isso*, and non DP- and non NP-structures agree in lacking phi-features. But when an abstract entity is referred to by means of a DP- or NP-structure, as in (17)-(19), *isso* cannot be the anaphor due to a phi-feature mismatch — DP- and NP-structures have phi-features and *isso* does not. Let's consider again examples in (8a) and (17):

- (8) João foi demitido.
'João was fired.'
- (8a) Eu não acredito *nisso*!
'I don't believe this!'
- (17) [A chegada do João]₁ era esperada. ?[*isso*]₁ aconteceu no tempo previsto.
'João's arrival was expected. It happened in due time.'

The antecedent of *isso* in (8a) is not a DP or NP structure, but the whole sentence (8), which provides the proposition taken as the referent of *isso* in (8a). *Isso* does not work as an anaphor in (17) because the antecedent *a chegada do João* is a DP with [fem.; sing.] as its phi-features, resulting in a mismatching. It is necessary to have a matching in lacking phi-features between *isso* and the structure which provides its antecedent.

Moreover, if *isso* were simply insensitive to phi-features we should expect that it could have antecedents denoted by any kind of linguistic structure — a simple insensibility to the phi-features of the linguistic structures which denotes the relevant antecedents would not explain why *isso* cannot have any structure as antecedent, and the anaphoric behavior of *isso* would be same as the deictic *isso*. But since this is not the case, we argue for an agreement in not having phi-features. Finally, since in deictic uses the referent is not a linguistic structure it will obviously have no phi-feature and the use of *isso* will be acceptable if not preferential.

This hypothesis explains the data we have seen so far, and also the contrast between (8)-(9) and (10)-(13), and the unacceptability of (17)-(19). In fact, have we have seen so far explain what portion of the linguistic structure acts as an antecedent for *isso*, i.e. structures which carry no phi-features; in the next section, we will explore how *isso* achieves its referent from a certain portion of linguistic structure.

³ Cf. Rezac (2011), Sauerland (2008), Sudo (2012), Harbour (2008), Heim (2008), among others.

6 DISCURSIVE DEIXIS AND FACT READING

How does *isso* work as an anaphor? We claim that phi-feature agreement is responsible for the selection of the linguistic material which will carry the antecedent of *isso*, but not also that the specific referent will be selected in accordance with the predicate which accompanies *isso*. That's why in the examples (8a) to (8e) *isso* can have such a wide range of referents:

- (8) João foi demitido. / 'João was fired.'
- (8a) Eu não acredito nisso! / 'I don't believe this!' → proposition
- (8b) Isso aconteceu ontem. / 'This/It happened yesterday.' → event
- (8c) Puxa, isso é terrível! / 'Gosh, this is terrible!' → fact
- (8d) Isso é mentira! / 'This is a lie!' → speech act
- (8e) Isso é realmente um jeito estranho de descrever o que aconteceu... → *dictum*
'This is a really odd way of describing what happened...'

As Webber (1991, p. 2) argues:

Sections of text, i.e., strings of words, can be neither [i.e., events, propositions, speech acts, etc.]. On the other hand, sections of text can have such events or actions associated with them. [...] sections of text can provide referents for demonstrative pronouns.

Following Webber's (1991) ideas, based on Nunberg (1979, 1995), we propose that in the interpretation of anaphoric *isso* what is involved is a case of "deferred ostension": pointing to a segment of linguistic structure to extract a referent (which does not need to be directly mentioned). So the interpretation of *isso* involves the identification of a portion of linguistic structure which does not have phi-features, and from this structure *isso* "extract" the relevant referent based on the predicate associated with it. That is why one and the same structure can provide different referents which will match the different predicates associated with *isso*.

Our analysis also accounts for the "fact reading" sometimes available for anaphoric *isso*:

- (20) João comprou o carro dos seus sonhos. *Isso* custou caro.
'João bought his dream car. This was expensive.'
- (21) João comprou o carro dos seus sonhos. Ele custou caro.
'João bought his dream car. It was expensive.'

- (22) Um terremoto atingiu a costa da China. *Isso* foi uma tragédia.
'An earthquake hit the coast of China. This was a tragedy.'
- (23) Um terremoto atingiu a costa da China. ?*Isso* atingiu 8 na escala Richter.
'An earthquake hit the coast of China. It reached 8 degrees in Richter scale.'

In (20) the antecedent of *isso* is not the car itself, but the fact that João bought it, which can be rendered by a sentential structure such as *that João bought his dream car* (in the same lines, *custar caro* ('be expensive') does not apply to the price of the car but to the fact of buying it). This fact is even more salient if we compare *isso* in (20) with *ele* in (21): in this case, the singular masculine pronoun *ele* ('it') clearly refers to the car (and the predicate *custar caro* has the car as its argument). A similar analysis applies to (22): what was a tragedy is not the earthquake itself but the fact that it hit the coast of China. If the predicate associated with *isso* can only be applied to an entity denoted by a linguistic structure which carries phi-features, such as *to reach 8 degrees in Richter scale* and *um terremoto* ('an earthquake') in (23), *isso* does not work and the discourse is odd.

We claim that the availability of this "fact reading" is constrained by noteworthiness criteria (i.e., pragmatics issues involved in the definition of a predicate or of a referent relevant to the conversational purposes) such as the ones proposed by Nunberg (1995, 2004) for cases of deferred ostension, and can be explained by the mechanism of "discourse deixis" as proposed by Webber (1991). Certainly there is much more to be said but we argue that our analyses is on the right track because it explains the data at hand and because it is based on ideas independently motivated.

7 CONCLUSION

In a nutshell, deictic *isso* can refer to any kind of entities without restrictions, and anaphoric *isso* can have as antecedent only entities denoted by linguistic structures which do not have phi-features — since *isso* lacks phi-features it agrees with linguistic structures which also lack them. The proper antecedent of anaphoric *isso* is achieved by a mechanism of "discourse deixis" in which the predicate associated with *isso*, together with noteworthiness criteria, constrain the possible referent to be "extracted" from linguistic structures. Our hypothesis explains the behavior of *isso* and the "fact reading" associated with it. Also our analysis elucidates the role of being neutral regarding phi-features.

REFERENCES

BASSO, R. M. A semântica das relações anafóricas entre eventos. Tese (Doutorado) – UNICAMP, 2009.

HARBOUR, D. *et al.* (ed.). *Phi features: Phi-features across Modules and Interfaces*. Oxford: OUP, 2008.

HEIM, I. Features on Bound Pronouns. *In: HARBOUR, D. et al.* (ed.). *Phi features: Phi-features across Modules and Interfaces*. Oxford: OUP, 2008. p. 35-56.

NUNBERG, G. The non-uniqueness of semantic solutions: Polysemy. *Linguistics and Philosophy*, v. 3, p. 143-184, 1979.

NUNBERG, G. Transfers of meaning. *Journal of Semantics*, v. 12, p. 109-132, 1995.

NUNBERG, G. The pragmatics of deferred interpretation. *In: HORN, L.; WARD, G.* (ed.). *Handbook of pragmatics*. Oxford, England: Blackwell, 2004. p. 344-364.

REZAC, M. *Phi-features and the Modular Architecture of Language*. Dordrecht: Springer, 2011.

SAUERLAND, U. On the Semantic Markedness of Phi-Features. *In: HARBOUR, D. et al.* (ed.). *Phi features: Phi-features across Modules and Interfaces*. Oxford: OUP, 2008. p. 57-82.

SUDO, Y. *On the semantics of phi-features on pronouns*. Ph.D., MIT, 2012.

WEBBER, B. L. Structure and Ostension in the Interpretation of Discourse Deixis. *Natural Language and Cognitive Processes*, v. 6, p. 107-135, 1991.

Squib received on November 5, 2020.

Squib accepted on April 11, 2021.



PRESSUPOSIÇÃO EM CLIVADAS INTERROGATIVAS BÁSICAS

RERISSON CAVALCANTE*

RESUMO

Há duas hipóteses na literatura linguística sobre o tipo de pressuposição expressa em sentenças clivadas, se apenas pressuposição de existência ou pressuposição de unicidade/exaustividade (cf. BÜRING; KRIŽ, 2013; POLLARD; YASAVUL, 2016; MENUZZI, 2018), mas os trabalhos sobre o tema focam nas clivadas do tipo declarativo. Neste *squib*, mostro que o português brasileiro (PB) possui clivadas básicas interrogativas, tanto interrogativas polares quanto interrogativas QU (que não devem ser confundidas com as interrogativas QU *que* e QU *é que*) (cf. CAVALCANTE, 2019), e levanto a questão sobre o que tais dados podem dizer sobre o tipo de pressuposição nas construções de clivagem. Mostro que essas interrogativas trazem evidências contraditórias quanto à pressuposição. As clivadas polares, diferentemente das polares não clivadas, têm pressuposição existencial e também parecem ter interpretação de exaustividade, mas aceitam o teste de acréscimo do advérbio *somente* (cf. MENUZZI, 2018), o que seria incompatível com a pressuposição de exaustividade. Já as perguntas QU clivadas não diferem das perguntas QU não clivadas: ambas têm pressuposição existencial e interpretação exaustiva. Tais dados trazem dificuldade adicional para as análises quanto ao tipo de pressuposição expressa em sentenças clivadas.

Palavras-chave: clivagem, pressuposição semântica, interrogativas, português brasileiro

ABSTRACT

There are two hypotheses in linguistic literature on the type of presupposition expressed in cleft sentences, whether (only) an existential presupposition or an exhaustiveness presupposition (see BÜRING; KRIŽ 2013; POLLARD; YASAVUL, 2016; MENUZZI, 2018), but works on this topic focus only on declarative clefts. In this *squib*, I show that Brazilian Portuguese (BP) has interrogative clefts: i.e. polar clefts and WH clefts (which should not be confused with the more common WH *que...* or WH *é que* interrogatives, which often are named “cleft interrogatives”, but display a different structure) (see CAVALCANTE, 2019). I raise the question of what such data can tell about the type of presupposition encoded in cleft constructions. I show that BP “real” interrogative clefts provide contradictory evidence regarding the presupposition type. Cleft polar questions, unlike non-cleft polar questions, have an existential presupposition and apparently also display an exhaustive interpretation, but accept Menuzzi (2018)’s test of adding the adverb *somente* (‘only’), which is incompatible with the exhaustiveness presupposition. Cleft WH questions, on the other hand, surprisingly do not differ from non-cleft WH questions: both have an existential presupposition and an exhaustive interpretation. Such data bring additional difficulty to any account on the type of presupposition expressed in cleft sentences.

Keywords: cleft sentences, semantic presupposition, interrogative sentences, Brazilian Portuguese

* Universidade Federal da Bahia, UFBA. *E-mail:* rerissoncavalcante@gmail.com. Parte deste trabalho foi apresentada no *Encontro Nacional do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática* em junho de 2018 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

1 INTRODUÇÃO

O presente *squib* se insere no debate existente na literatura linguística sobre o tipo de pressuposição codificado nas sentenças clivadas. Como veremos, alguns autores assumem que as clivadas possuem uma pressuposição de exaustividade (ou unicidade) do predicado, enquanto outros autores defendem que, na verdade, essas estruturas manifestam uma pressuposição mais fraca, apenas do tipo existencial.

A discussão sobre esse ponto tem focado as clivadas do tipo declarativo, principalmente porque muitas línguas possuem apenas esse tipo de clivada (básica). Neste trabalho, trago evidências sobre o comportamento de clivadas do tipo interrogativo no português brasileiro (PB), mais especificamente, de dois subtipos de clivadas interrogativas básicas, em que o constituinte clivado permanece ensanduichado entre a cópula e o complementizador: as do clivadas QU e as clivadas polares, como em (1).

- (1) a. Foi **quem** que pagou a conta? (clivada interrogativa QU)
 b. Foi **Pedro** que pagou a conta? (clivada interrogativa polar)

Na condição de um *squib*, este trabalho tem um objetivo modesto: mostrar que essas clivadas interrogativas trazem evidências contraditórias quanto ao tipo de pressuposição que expressam, o que constitui um problema adicional para a discussão do fenômeno da pressuposição nas estruturas de clivagem.

O texto está dividido da seguinte forma. Na seção 2, apresento um breve resumo das hipóteses sobre o tipo de pressuposição presente nas sentenças clivadas; na seção 3, apresento as clivadas não declarativas do PB, com foco nas clivadas interrogativas básicas, que, ao contrário das invertidas e das sem cópula, não têm recebido muita atenção na literatura linguística; na seção 4, descrevo o comportamento dessas interrogativas clivadas quanto à pressuposição expressa; na seção 5, encerro o trabalho com as questões que esses dados levantam.

2 A PRESSUPOSIÇÃO NAS SENTENÇAS CLIVADAS

Uma clivada é uma sentença cindida por meio de uma cópula e um complementizador, numa estrutura $COP\ XP\ COMPL\ oração\ encaixada$ (cf. (2b-d)). Entre a cópula e o complementizador, ocorre necessariamente um elemento deslocado, que pode ser o seu sujeito (cf. (2b)), algum dos complementos ou adjuntos (cf. (2c)-(2d)).

- (2) a. Natália viajou pra Itália em janeiro. (sentença não clivada)
 b. **Foi Natália que** viajou pra Itália em janeiro. (clivada)
 c. **Foi pra Itália que** Natália viajou em janeiro. (clivada)
 d. **Foi em janeiro que** Natália viajou pra Itália. (clivada)

A literatura sobre a clivagem reconhece que, além da sintaxe peculiar, tais sentenças também apresentam peculiaridades semânticas. Modesto (2001, p. 21), por exemplo, argumenta que a clivagem “dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade”. Outros autores também relacionam a função da clivagem ao estabelecimento de uma interpretação de exaustividade (cf. GUESSER; QUAREZEMIN, 2013; SILVEIRA, 2020; dentre outros), compreendida como “[...] uma inferência pela qual uma única entidade (ou um único grupo de entidades) satisfaz a predicação expressa pela clivada” (TEIXEIRA; MENUZZI, 2015, p. 59). Ou seja, sentenças como (3) a seguir não expressariam apenas que Sue convidou Fred, mas também que não há nenhuma outra pessoa que tenha sido convidada por Sue.

- (3) a. It was **Fred** (that) Sue invited.
b. Foi **Fred** que Sue convidou.

Com base nesse efeito, Büring e Križ (2013) defendem que as clivadas não codificam essa unicidade ou exaustividade do predicado como parte do conteúdo asseverado, mas sim por meio de uma *pressuposição semântica*. Isso pode ser verificado pelo contraste em (4) entre a clivada e uma sentença não clivada com o advérbio *only* ('só', 'somente'), em que a unicidade/exaustividade é parte do conteúdo asseverado.¹

- (4) a. #Bob knew she invited Fred, but he didn't know it was Fred she invited.
'Bob sabia que ela convidou Fred, mas ele não sabia que foi Fred que ela convidou.'
b. Bob knew she invited Fred, but he didn't know she only invited Fred.
'Bob sabia que ela convidou Fred, mas ele não sabia que ela só convidou Fred.'

(BÜRING; KRIŽ, 2013, p. 2; tradução minha)

Por outro lado, Pollard e Yasavul (2016) discordam dessa análise e defendem que as clivadas não expressam a exaustividade do seu predicado como uma pressuposição semântica. A primeira sentença de (5B), a seguir, apresenta um valor contrastivo, mas não exaustivo, na contramão do que é esperado.

- (5) A: Did you hear, Bob got an NSF grant!
(‘Você soube? Bob conseguiu uma bolsa NSF!’)

B: Well, actually, it was Rob. And Mike got one, too!
(‘Bem, na verdade, foi Rob. E Mike conseguiu uma também!’)

(POLLARD; YASAVUL, 2016, p. 382; tradução minha)

¹ Horn (1969) analisa advérbios como *only* ('somente') como predicados de dois lugares, que tomam o termo focalizado como primeiro argumento e uma proposição como segundo argumento. A semântica de *only* estabelece a proposição como seu pressuposto e como conteúdo asseverado que não existe nenhum outro *x*, diferente do elemento focalizado, tal que *x* possua a propriedade expressa pela proposição. Ou seja, para uma sentença como *Somente Maria ama João*, o *somente* estabelece como pressuposto que 'Maria ama João' e como asseveração que 'Não existe nenhuma outra pessoa além de Maria que ame João'.

Diante disso, Pollard e Yasavul (2016) propõem como alternativa a ideia de que a função da clivagem é “*to (further) specify an antecedent discourse referent (DR) that the speaker considers to be insufficiently specified*”.² A interpretação de exaustividade das clivadas ocorreria apenas em contextos de respostas a perguntas QU, como mostra o contraste em (6) entre uma resposta não clivada e uma clivada.

- (6) Who went to CLS?
'Quem foi ao CLS?'
- a. Greg and Dan. I don't know if anyone else did. / Scott did, too.
'Greg e Dan. Eu não sei se mais alguém foi. / Scott foi também'
- b. It was Greg and Dan. #I don't know if anyone else did. / #Scott did, too.
'Foi/foram Greg e Dan. #Eu não sei se mais alguém foi / Scott foi também.'

Segundo Pollard e Yasavul (2016), a leitura de exaustividade neste contexto ocorreria porque a função da clivada de especificar um antecedente não inteiramente especificado resultaria na clivada identificar que o constituinte plural é o antecedente. A pressuposição codificada pelas clivadas poderia ser vista, então, como uma pressuposição de existência, não de unicidade/exaustividade (cf. também HORN, 1981). Ou seja, leituras de exaustividade seriam, portanto, efeitos pragmáticos, não semânticos da clivagem.

Menuzzi (2017) investiga a hipótese de Pollard e Yasavul (2016) em dados do PB, utilizando o item *só/somente* como teste para verificar se as clivadas pressupõem exaustividade ou apenas existência do predicado. Uma vez que o advérbio *somente* expressa exclusão de alternativas³, o autor aponta que, se as clivadas codificam exaustividade como uma pressuposição, elas não deveriam aceitar esse advérbio. Contudo, os dados em (7) mostram que, ao contrário do previsto, a clivagem é compatível com o item *somente*.

- (7) a. [...] Foi (somente) o seu gesto de grandeza que lhe rendeu um lugar numa história com tantos personagens mais importantes que ele.
b. [...] Mas foi (somente) a enorme pressão popular que nos levou agora ajudar as vítimas do tsunami.

(MENUZZI, 2018, p. 209 e 211)

Com base neste teste, Menuzzi (2018) conclui, então, que as clivadas do PB não codificam necessariamente pressuposição de unicidade/exaustividade do predicado, mas apenas pressuposição de existência, corroborando a posição de Pollard e Yasavul (2016).

2 Tradução livre: “... para especificar (adicionalmente) um referente de discurso antecedente que o falante considera ser insuficientemente especificado”.

3 Confira nota de rodapé 1.

Como se pode ver, a discussão sobre o tipo de pressuposição expressa na clivagem foca apenas nas clivadas declarativas. Isso é compreensível para o inglês, uma vez que esta língua não possui clivadas (básicas) não declarativas. Mas o PB possui clivadas tanto imperativas quanto interrogativas. No restante do texto, discuto o que os dados das clivadas interrogativas básicas podem dizer sobre esse fenômeno. Para tanto, na próxima seção, faço uma apresentação dos dados de clivadas básicas interrogativas de dois subtipos. Isso é necessário, pois, na maior parte da literatura sobre o português, o termo “interrogativas clivadas” se refere a sentenças que não têm a mesma estrutura da clivagem básica.

3 AS CLIVADAS INTERROGATIVAS DO PB

Há três tipos de clivadas declarativas no PB (cf. BRAGA; KATO; MIOTO, 2009): (i) as **clivadas básicas**, com o padrão *É X que...* (cf. (8a-b)); (ii) as **clivadas invertidas**, em que o constituinte clivado é movido para antes da cópula, gerando a ordem *X é que...* (cf. (8c-d)); (iii) e as **clivadas sem cópula**, caracterizadas pela ausência do verbo *ser* (cf. (8e-f)).

- (8) Clivadas declarativas
- | | | |
|----|--|----------------------|
| a. | Foi [João] que roubou o banco. | (clivada básica) |
| b. | Foi [ontem] que eu falei com Maria. | (clivada básica) |
| c. | [João] é/foi que roubou o banco. | (clivada invertida) |
| d. | [Ontem] é/foi que eu falei com Maria. | (clivada invertida) |
| e. | [João] que roubou o banco. | (clivada sem cópula) |
| f. | [Ontem] que eu falei com Maria. | (clivada sem cópula) |

Mas a clivagem também é possível em sentenças não declarativas. Cavalcante e Simioni (2015), por exemplo, citam brevemente a existência de imperativas clivadas no PB, mais especificamente, do tipo sem cópula, como em (9).⁴ As clivadas básicas e as invertidas, por outro lado, não parecem ser possíveis no contexto imperativo. Por causa disso, este *squib* não irá tratar das clivadas imperativas.

- (9) A: Abra a porta!
B: Eu não... VOCÊ que abra/*abre a porta!

(CAVALCANTE; SIMIONI, 2015, p. 307)

Ao contrário das clivadas imperativas, as clivadas interrogativas são bastante estudadas em português (cf. LOPES ROSSI, 1996; MIOTO, 2001; MIOTO; KATO, 2005; dentre outros), porém, o que tais estudos costumam chamar de “perguntas clivadas” são sentenças como em (10),

⁴ Os autores apontam que a clivada sem cópula é possível em ordens como réplica contrastiva a outro imperativo, como em (9), em que ocorre simultaneamente a rejeição da ordem prévia e a devolução da ordem para o interlocutor original. Curiosamente, nesse caso, o verbo deve ficar na forma subjuntiva. A forma indicativa prejudica a interpretação imperativa e favorece uma interpretação declarativa.

que não correspondem a versões interrogativas das clivadas básicas. Elas correspondem, respectivamente, a versões interrogativas da clivada *sem cópula* (cf. (10a)) e da clivada *invertida*, com o elemento QU movido para antes da cópula (cf. (10b)).

- (10) “Interrogativas clivadas” tratadas na literatura
- a. **Quem** que pagou a conta? (pergunta clivada sem cópula)
 - b. **Quem** é/foi que pagou a conta? (pergunta clivada invertida)

Sentenças interrogativas com a estrutura equivalente às clivadas básicas não têm ocupado muito a atenção das descrições do PB, com Cavalcante (2019) sendo talvez o único trabalho dedicado especificamente a elas. Conforme Cavalcante (2019), tais clivadas são possíveis em dois subtipos interrogativos: em perguntas do tipo QU e em perguntas polares (cf. (11)-(12)).

- (11) Interrogativas clivadas básicas QU
- a. Foi **quem** que pagou a conta?
 - b. Foi **o que** que você comprou?
- (12) Interrogativas clivadas básicas polares
- a. Foi **Pedro** que pagou a conta?
 - b. Foi **um livro** que você comprou?

Trabalhos anteriores sobre clivagem e interrogativas não fazem qualquer referência a tais construções, ou as consideram como marginais ou, ainda, apenas as citam de passagem, sem discutir suas propriedades (cf. CAVALCANTE, 2019 para discussão). A título de ilustração, Lopes Rossi (1996) não cita as perguntas clivadas básicas, apesar de comparar as *perguntas clivadas invertidas* com as *clivadas declarativas básicas*. Sell (1998) cita exemplos de perguntas QU clivadas básicas, mas não trata delas no restante do trabalho. Já em Sell (2003), não há qualquer referência a tais estruturas. Kato e Ribeiro (2009) apenas citam de passagem as perguntas QU clivadas básicas no PB como “encontradas facilmente na linguagem infantil”. Quanto ao PE, Ambar (2005) cita a existência de perguntas QU clivadas básicas, que ela chama de “clivadas com o WH *in situ*”, mas não trata de tal estrutura ao longo do trabalho. Mito (2001) cita um dado de pergunta QU clivada básica como marginal ou “deteriorada” em relação às clivadas básicas declarativas. Não localizei trabalhos que citassem as perguntas *polares* clivadas básicas.

Em Cavalcante (2019), há uma descrição mais detalhada — embora preliminar — do comportamento sintático e pragmático desses dois subtipos de interrogativas clivadas básicas. Já no presente *squib*, o que nos interessa é a seguinte pergunta: dada a existência de versões interrogativas das sentenças clivadas básicas, o que tais sentenças podem nos dizer sobre as propriedades da pressuposição codificada na clivagem? Na próxima seção, apresento os resultados quanto a esse assunto.

4 A PRESSUPOSIÇÃO NAS CLIVADAS INTERROGATIVAS DO SUBTIPO QU E POLAR

Nesta subseção, discuto o que os dados de interrogativas clivadas apontam sobre a pressuposição expressa pelo fenômeno da clivagem.

Quanto às clivadas polares, a comparação com as perguntas polares **não clivadas**, em (13), sugere que a clivagem acrescenta, pelo menos, uma pressuposição de existência do predicado, como já é esperado. Ou seja, (13b), mas não (13a), pressupõe que *alguém tirou 10 na prova*.

- (13) a. Pedro tirou 10 na prova? (polar simples)
 b. **Foi Pedro que** tirou 10 na prova? (polar clivada)

Em Cavalcante (2019), aponto que as interrogativas clivadas do *corpus* analisado não indagam sobre uma informação inteiramente nova, mas sobre algo parcialmente conhecido no discurso prévio, como em (14).

- (14) a. A foto do meu filho morto circulando cheio de sangue, *foi quem que tirou?* A médica?
 b. Ministério Público: Em dinheiro então só para ficar bem claro, *foi quanto que o senhor pagou?*
 c. Quando eu pedi para senhora ficar com a menina dois meses para ir visitar os parentes do Scott, *foi quem que interpretou mal?*

(CAVALCANTE, 2019, p. 3535)

Esse fato é compatível com a proposta de Pollard e Yasavul (2016) de que a função da clivagem é especificar a identidade de um referente discursivo não satisfatoriamente identificado. As perguntas em (14) são formas de explicitação de informações inferíveis pelo contexto discursivo, mas não inteiramente estabelecidas.

Ainda é preciso confirmar se a pressuposição em (13b) é *apenas existencial* ou se há também um pressuposto de exaustividade. (13a) e (13b) parecem diferir também no aspecto de que uma resposta positiva à primeira sentença não sugere que Pedro tenha sido a única pessoa a tirar dez, enquanto uma resposta positiva a (13b) parece indicar (ou, antes, confirmar a expectativa do autor da pergunta) que Pedro foi a única pessoa a obter essa nota.

Essa interpretação não é compatível com a posição de Pollard e Yasavul (2016) de que a leitura de exaustividade viria apenas de contextos em que a clivada é usada como resposta a perguntas QU, pois aqui a leitura estaria presente em um contexto interrogativo (não declarativo responsivo) e não relacionado a um QU.

Aplicando, porém, o teste de Menuzzi (2018), os dados mostram que as clivadas polares aceitam o advérbio *somente*, como se pode ver em (15). Se esse teste for realmente válido,

isso sugere que as clivadas polares expressam apenas uma pressuposição existencial, confirmando a posição de Pollard e Yasavul (2016) e de Menuzzi (2018).

- (15) a. Foi **só/somente** Pedro que tirou 10 na prova?
 b. **Só/somente** foi Pedro que tirou 10 na prova?
 c. Foi **só/somente** Paulo que pagou a inscrição?
 d. **Só/somente** foi Paulo que pagou a inscrição?

Além disso, os exemplos em (16) e (17)⁵ mostram que essa leitura exaustiva nas clivadas polares pode ser cancelada facilmente, o que sugere que a exaustividade não é uma pressuposição das clivadas polares, algo de acordo com a proposta de Pollard e Yasavul (2016).

- (16) A: Foi Pedro que tirou 10 na prova?
 B: Foi. E Maria também tirou.

- (17) A: Foi Pedro que pagou a inscrição?
 B: Foi. E o irmão dele também.

No entanto, a situação é diferente no caso das perguntas QU. Diferentemente das perguntas polares, as interrogativas QU já expressam uma pressuposição existencial mesmo na sua versão não clivada, como mostram as sentenças em (18).

- (18) a. Quem tirou dez na prova? (Pressuposto: alguém tirou dez na prova)
 b. Quem pagou a conta? (Pressuposto: alguém pagou a conta)
 c. O que Maria comprou? (Pressuposto: Maria comprou algo)

Diante desse fato, não se pode assumir que a clivagem adicione uma pressuposição existencial, pois esta já está presente, como mostram os dados em (19).

- (19) a. Foi quem que tirou dez na prova? (Pressuposto: alguém tirou dez na prova)
 b. Foi quem que pagou a conta? (Pressuposto: alguém pagou a conta)
 c. Foi o que que Maria comprou? (Pressuposto: Maria comprou algo)

A contribuição semântica da clivagem seria nula? Poderia ser o caso, por hipótese, de ela acrescentar à pergunta QU uma pressuposição de exaustividade. Não é, entretanto, o que se vê nos dados.

Quanto à resposta esperada, parece que as perguntas em (19) criam expectativa de que as respostas sejam completas. Responder a (19a), por exemplo, apenas com *Pedro (tirou dez na prova)* não é apropriado em uma situação em que o interlocutor saiba que Maria e Tiago também tiraram a nota máxima.⁶ Isso é um efeito de exaustividade, porém tal efeito

⁵ Os dados apresentados como aceitáveis foram assim julgados por outros falantes do PB na fase de escrita do trabalho Cavalcante (2019) e em apresentações no GT de Teoria da Gramática.

⁶ Notem que esse efeito não é o mesmo descrito por Pollard e Yasavul (2016) quanto a respostas clivadas a

não está presente apenas para as perguntas QU *clivadas* em (19). As perguntas QU *não clivadas* também possuem a mesma expectativa de exaustividade da resposta. Ou seja, a exaustividade não está associada especificamente à clivagem, mas ao tipo de pergunta.

A aplicação do teste de *só/somente* nesse tipo de dado é problemática. Sentenças como (20) são claramente ruins, o que favorece a interpretação de que perguntas clivadas QU são, sim, inerentemente exaustivas, no entanto, essa inaceitabilidade pode ter uma motivação independente, fruto do fato de que elementos QU tendem a resistir à modificação.

- (20) a. #Foi **só/somente** quem que tirou dez na prova?
 b. #**Só/somente** foi quem que tirou dez na prova?
 c. #Foi **só/somente** quem que pagou a conta?
 d. #**Só/somente** Foi quem que pagou a conta?
 e. #Foi **só/somente** o que que Maria comprou?
 f. #**Só/somente** foi o que que Maria comprou?

Em outras palavras, perguntas clivadas polares parecem expressar apenas pressuposição existencial, não de exaustividade. Perguntas clivadas QU possuem interpretação de exaustividade, mas não é claro que isto seja fruto de uma contribuição semântica específica da clivagem e não uma questão geral das perguntas QU.

5 EM RESUMO

Os dados apresentados neste *squib* trazem problemas adicionais para a caracterização das propriedades semânticas das sentenças clivadas, especificamente quanto ao tipo de pressuposição que expressam. Por um lado, nas interrogativas clivadas polares, o falante parece ter a expectativa de exaustividade do predicado, mas a aplicação do teste de acréscimo do advérbio *somente* sugere que, ao contrário, tais sentenças não possuem uma pressuposição de exaustividade, mas sim de existência. A exaustividade, então, teria que ser vista como efeito pragmático, não como propriedade semântica da construção.

Por outro lado, não parece haver diferenças semânticas, quanto à pressuposição, entre as interrogativas QU clivadas e as interrogativas QU não clivadas. Ambas possuem um efeito de pressuposição existencial e uma expectativa de exaustividade da resposta. Dessa forma, assumir que a contribuição semântica da clivagem é trazer apenas uma pressuposição existencial (hipótese que nos parece mais plausível), como defendem Pollard e Yasavul (2016), deixa em aberto a questão sobre qual é a contribuição da clivagem em perguntas QU, que seria nula nesse quesito.

perguntas QU, pois aqui a interpretação ocorre mesmo com respostas não clivadas.

Entretanto, a proposta alternativa de que a clivagem codifica pressuposição de exaustividade também não dá conta satisfatoriamente da questão, uma vez que as perguntas QU não clivadas também já parecem manifestar esse tipo de pressuposição, o que também deveria bloquear a operação de clivagem nesse contexto.

É possível imaginar que a proposta de Pollard e Yasavul (2016) valha apenas para as clivadas declarativas, simplesmente não se aplicando às interrogativas. Mas esse pode ser apenas o começo da resposta. Ainda é preciso definir qual seria o motivo para esse comportamento distinto de clivadas declarativas e não declarativas, bem como esboçar uma análise específica para o que ocorre nas clivadas básicas interrogativas.

Como dito anteriormente, o propósito deste texto, sendo *squib*, era apresentar tais dados e os problemas adicionais que eles trazem para a discussão da semântica das clivadas.

REFERÊNCIAS

AMBAR, Manuela. Clefts and tense asymmetries. In: DI SCIULLO, Anna Maria (ed.). *UG and External Systems: Language, Brain and Computation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 95-128.

BRAGA, Maria Luiza; KATO, Mary; MIOTO, Carlos. As construções Q no português brasileiro falado. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. do (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença*. Campinas: Unicamp, 2009. p. 237-289.

BÜRING, Daniel; KRIZ, Manuel. It's That, and That's It! Exhaustivity and homogeneity presuppositions in clefts (and definites). *Semantics & Pragmatics*, v. 6, p. 1-29, 2013.

CAVALCANTE, Rerisson. Sobre as interrogativas clivadas (básicas) QU e polares. *Fórum Linguístico*, v. 16, p. 3530-3544, 2019.

CAVALCANTE, Rerisson; SIMIONI, Leonor. A ordem VS em sentenças imperativas do português brasileiro. *Revista Letrônica*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 304-315, jul./dez. 2015.

GUESSER, S.; QUAREZEMIN, S. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 9, n. 1, 2013, p. 188-208, 2013.

HORN, Laurence. Exhaustiveness and the semantics of clefts. *Proceedings of NELS*, v. 11, p. 125-142, 1981.

HORN, Laurene. A presuppositional analysis of only and even. *Proceedings of the Annual Meeting of the Chicago Linguistics Society*. University of Chicago, 1969, p. 97-108.

KATO, Mary; RIBEIRO, Ilza. Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Portuguese. In: DUFTER, Andreas; JACOB, Daniel (ed.). *Focus and background in Romance languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 123-154.

LOPES ROSSI, Maria Aparecida G. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do Português*. 1996. 196 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MENUZZI, Sérgio. Sobre a pressuposição das clivadas. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 46, p. 200-221, 2018.

MIOTO, Carlos. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista de Letras (Curitiba)*, v. 56, 2001, p. 97-139.

MIOTO, Carlos; KATO, Mary. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. *Revista da ABRALIN*, v. 4, n. 1 e 2, p. 171-196, dez. 2005.

MODESTO, Marcelo. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas, 2001.

POLLARD, Carl; YASAVUL, Murat. Anaphoric clefts: the myth of exhaustivity. *Proceedings of CLS 2014*, Chicago, 2016.

SELL, Fabíola. *As interrogativas do português brasileiro: perguntas e respostas*. 2003. 239 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

SELL, Fabíola. *Estudo das interrogativas do português brasileiro em teoria gerativa*. 1989. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

SILVEIRA, D. M. *Foco e Cartografia: aspectos formais das estruturas clivadas do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, 2020.

TEIXEIRA, Mariana; MENUZZI, Sergio. Diferentes efeitos de exaustividade em clivadas: um estudo descritivo de casos. *Alfa*, São José Rio Preto, v. 59, n. 1, p. 59-87, 2015.

Squib recebido em 24 de agosto de 2020.

Squib aceito em 15 de agosto de 2021.




ARTIGOS

ARTIGOS

ARTIGOS





GÊNERO EM SENTENÇAS COPULARES NO PB: DA “DISCORDÂNCIA” ENTRE SUJEITO E PREDICATIVO PARA A CONCORDÂNCIA ENTRE ADJETIVO E *SILENT NOUN*

BRUNA KARLA PEREIRA*

RESUMO

Este trabalho analisa a concordância nominal em estruturas copulares do PB nas quais o sujeito se realiza com NP no feminino, enquanto o AP predicativo é flexionado no masculino, o que resulta em aparente “disparidade” morfológica na concordância em gênero (ex.: *Mudança é cansativo*). Com base em Kayne (2005), Pesetsky (2013) e Höhn (2016), parto do princípio de que uma categoria pronominal nula (*silent pronoun* “algo”) de gênero masculino, situada no DP pós-cópula, checa traços de gênero do adjetivo (ex.: *Mudança é [ALGO cansativo]*). Portanto, em vez de discordância, há concordância entre o *silent pronoun* e o adjetivo, no interior do DP pós-cópula.

Palavras-chave: gênero, concordância, estrutura do DP, *silent noun*, sentenças copulares

ABSTRACT

This paper aims to analyze nominal concord in BP copular structures where the subject has a feminine NP while the predicate has a masculine AP (*Mudança é cansativo*, *Change-FEM is tiring-MASC*. ‘Change is tiring’). This results in an apparent mismatch in gender agreement. Based upon Kayne (2005), Pesetsky (2013), and Höhn (2016), I argue that a silent pronoun (*ALGO*-‘SOMETHING’), located in the post-copula DP, checks gender features of the adjective (ex.: *Mudança é [ALGO cansativo]*). In sum, instead of unagreement, there is agreement between the adjective and a silent pronoun bearing masculine gender features, in the internal cartography of the post-copula DP.

Keywords: gender, concord, DP-structure, silent noun, copular sentences

* Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, UFVJM. Professora na UFVJM, e-mail: brunaufmg@yahoo.com.br. Este artigo é uma versão ampliada e atualizada de Pereira (2020). Agradeço ao PIBIC/CNPq o apoio destinado a este projeto, registrado na PRPPG/UFVJM.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, propõe-se a analisar a concordância nominal em estruturas como (1) nas quais o sujeito se realiza com NP no feminino enquanto o AP predicativo é flexionado no masculino, o que resulta em aparente “disparidade” morfológica na concordância em gênero.

- (1) a. Calça clara fica bonito em você (Conversa entre familiares, Belo Horizonte, 10/2019).
- b. Mudança é cansativo (Conversa entre vizinhos, Belo Horizonte, 10/2019).
- c. Inveja é feio¹ (Facebook, 04/08/2017).
- d. Censura é absolutamente injusto² (Jornal Hoje, Rede Globo, 04/05/2020).
- e. Caminhada é ótimo (Conversa entre familiares, Belo Horizonte, 10/02/2020).

Destaca-se que esse tipo de estrutura já foi abordado por Foltran e Rodrigues (2013) e Conto (2016), sem, porém, que essas autoras apresentassem uma explicação para a maneira como ocorre a checagem de traços- ϕ nesses casos. Com efeito, Foltran e Rodrigues (2013, p. 509) reconhecem que esse aspecto da análise está por ser feito: “se a concordância deve ser tratada em termos de valoração de traços- ϕ presentes no DP, no adjetivo e na cópula (CHOMSKY, 2000, 2001), deve-se explicar por que não há concordância entre o DP, de um lado [...] e o adjetivo, de outro”.

Siqueira (2017), com base principalmente em Josefsson (2009), propõe, para análise de sentenças como (1b-e), a existência de um verbo infinitivo nulo, na posição de sujeito.³ Dessa forma, o predicativo se referiria não a um elemento nominal, na posição de sujeito, mas a um sujeito oracional. No entanto, mantém-se, na proposta da autora, a análise da concordância centrada na relação entre sujeito e predicativo. No presente trabalho, a análise será voltada para a relação entre adjetivo e *silent noun*, no interior da estrutura do DP predicativo.

Assim, neste trabalho, objetiva-se: descrever e analisar a checagem de traços de gênero em construções como (1); investigar a estrutura do DP no predicado da sentença copular; identificar que projeção funcional desencadeia o tipo de concordância realizado bem como em que categoria do DP se situa o traço de gênero valorado; e aplicar a proposta de análise referente aos *silent nouns* às estruturas em questão.

Justifica-se o trabalho por sua inserção nas pesquisas sobre concordância, um universal linguístico que tem sido de interesse de vários estudos na atualidade, especialmente

1 Disponível em: <<https://www.facebook.com/EuMesmoEvaristoCosta/photos/inveja-%C3%A9-feio/669938059867763/>>. Acesso em: 07 set. 2020.

2 Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8529941/>>. Acesso em: 04 maio 2020. O dado encontra-se em 58'50" do vídeo.

3 Por exemplo:

- (i) a. Maria é complicado.
- b. Chamar a Maria é complicado.

(SIQUEIRA, 2017, p. 116).

aqueles que têm como foco investigar como as línguas do mundo parametrizam esse universal, tais como Chomsky (2001), Kayne (2005, 2019), Augusto, Ferrari Neto e Corrêa (2006), Costa e Figueiredo Silva (2006), Pesetsky e Torrego (2007), Miyagawa (2010, 2017), Danon (2011), dentre outros. Sobretudo, justifica-se o trabalho por sua contribuição a pesquisas recentes, tais como a de Höhn (2016), que buscam compreender os mecanismos subjacentes à checagem de traços em ocorrências com aparente “disparidade” morfológica na concordância. Justifica-se o trabalho, ainda, para fins de melhor descrição do português brasileiro (PB) e aprimoramento do aparato teórico de análise.

Assim, o presente artigo se organiza da seguinte maneira: a seção 2 aborda a revisão teórica e se divide em quatro subseções. A primeira trata de NumP como fronteira sintática na distribuição do morfema de plural no DP; a segunda, de *silent nouns* na distribuição de traços de número, pessoa e gênero em diferentes línguas; a terceira, do conceito de *silent nouns*; a quarta, de exemplos de PB não padrão nos quais se evidenciam tais fronteiras sintáticas na distribuição do morfema de plural. Por sua vez, a seção 3 descreve o estado da arte no que diz respeito às ocorrências do tipo exemplificado em (1). Por fim, a seção 4 desenvolve a análise.

2 REVISÃO TEÓRICA

Para desenvolvimento da proposta de análise das sentenças em (1), pauta-se no entendimento de que há uma fronteira sintática no DP que o divide para checagem de traços- ϕ . Como será mostrado adiante, NumP sustenta os traços de número [iF val]⁴ e funciona, em diversas línguas, como uma fronteira sintática na distribuição do morfema de plural na estrutura interna do DP, sendo que sintagmas à esquerda de NumP recebem marca de plural, enquanto sintagmas à sua direita são não marcados. Em ampliação dessa proposta, observa-se que também categorias nulas apresentam essa função de fronteira sintática na distribuição dos traços- ϕ no DP, como será visto a seguir.

2.1 NUMP: FRONTEIRA SINTÁTICA NA DISTRIBUIÇÃO DOS TRAÇOS DE NÚMERO NO DP⁵

Conforme observado por Danon (2011, p. 301), em muitas línguas, a distribuição dos traços de número plural é determinada pela posição dos cardinais na estrutura do DP. Por exemplo, no finlandês (2), “um traço de número (plural) está disponível somente acima da posição do numeral” (DANON, 2011, p. 302, tradução minha).⁶ Além disso, Norris (2014)

4 [iF val] = *interpretable feature, valued*; [uF val] = *uninterpretable feature, valued*.

5 Por considerar uma revisão sucinta dos pontos essenciais tratados por Danon (2011) e Norris (2014), apresento a seção 2.1, que replica parcialmente versões desta seção publicadas em Pereira (2018b, p. 23-24; 2019, p. 68). Pela mesma razão, apresento a seção 2.2, que, em seus quatro primeiros parágrafos, ao abordar os pontos essenciais de Kayne (2005) e Pesetsky (2013), replica parcialmente versões desta seção publicadas em Pereira (2018b, p. 24-25; 2019, p. 68-69).

6 No original: “a (plural) number feature is only available above the position of the numeral” (DANON, 2011, p. 302).

apresenta exemplos do estoniano (3) em que “material à esquerda do numeral é plural, e material à direita é singular” (NORRIS, 2014, p. 143, tradução minha).⁷

- (2) Ne kaksi pien-tä auto-a seiso-ivat tiellä.
aquele.PL dois.SG pequeno-PART.SG carro-PART.SG ficar-PAST.3PL estrada.ADESS
‘Aqueles dois pequenos carros ficaram na estrada’.
(BRATTICO, 2010 apud DANON, 2011, p. 301, tradução minha)

- (3) nee-d viis ilusa-t maja
essa-PL.NOM 5.NOM bonita-PAR casa.PAR
‘Essas cinco casas bonitas’.
(ERELT et al., 1993b, p. 143 apud NORRIS, 2014, p. 144, tradução minha)

Em resumo, as línguas do mundo diferem no que diz respeito à marcação de plural no domínio interno ao DP. Em muitas delas, a distribuição dos traços de número é determinada pela posição do numeral cardinal na estrutura do DP.

2.2 CATEGORIAS VAZIAS E A DISTRIBUIÇÃO DOS TRAÇOS- ϕ

Kayne (2005, p. 241-242, tradução minha) propõe que adjetivos funcionais, como *few* (4b), “modificam um nome distinto do nome visível *books* no plural [...] O nome em questão é a contraparte silenciosa da palavra *number* vista em:”⁸ (4c).

- (4) a. *a books
um livro-PL
‘*Um livros’.
- b. a few books
um pouco livro-PL
‘Alguns livros’.
- c. a small **number of** books
um pequeno número de livro-PL
‘Um pequeno número de livros’.
(KAYNE, 2005, p. 241-242, tradução minha)

Assim sendo, em contraste com (4a), que é agramatical porque o artigo indefinido *a* do inglês não é compatível com nomes no plural, (4b) é gramatical porque *few* modifica a palavra NUMBER no singular, que não é realizada foneticamente e que é seguida de uma preposição *of*, como visto em (4c). Essa hipótese se estende, entre outros, a *much*, que modifica uma categoria nula do tipo AMOUNT, bem como a *clock/time*, que modifica uma categoria nula do tipo HOUR. Essas categorias vazias são os *silent nouns*.

Além disso, traços de número em *silent nouns* podem variar de uma língua para outra. Por exemplo, no italiano (5a) e no francês (5b), um artigo definido no plural pode coocorrer com sintagmas no singular, o que indica que, nessas línguas, o *silent noun* HOUR é plural.

7 No original: “material to the left of the numeral is plural, and material to the right is singular” (NORRIS, 2014, p. 143).

8 No original: “modify a noun distinct from the visible plural ‘books’ [...] The noun in question is a silent counterpart of the overt ‘number’ seen in:” (KAYNE, 2005, p. 241-242).

- (5) a. Sono le ore una.
são a.PL horas uma
'É uma hora'.
- b. Vers les une heure.
cerca de a.PL uma hora
'Aproximadamente uma hora'.

(KAYNE, 2005, p. 259-260, tradução minha)

Suporte adicional para assumir *silent nouns* como uma fronteira sintática na distribuição de traços- ϕ no DP é fornecido pela posição de um morfema feminino nulo no russo (6) e também por um morfema nulo de número no árabe libanês (7), que dividem seus DPs em dois domínios para concordância nominal (PESETSKY, 2013). Nessa divisão, adjetivos altos no russo (6) são opcionalmente flexionados no feminino, enquanto adjetivos baixos são flexionados no masculino, quando nomes que indicam profissão se referem a mulher. No árabe (7), adjetivos altos ficam no singular, enquanto adjetivos baixos são opcionalmente flexionados no plural, quando a sentença contém um numeral maior que dez. Esse padrão espelha aquele apresentado no russo para gênero, de acordo com Pesetsky (2013).

- (6) U nas byl-a očen' xoroš-**aja** zubn-**oj** vrač'-b...
por nós COP-PST.F.SG muito boa-F.NOM.SG dental-M.NOM.SG doutor-NOM.SG
'Nós tivemos uma dentista muito boa'.

(PESETSKY, 2013, p. 38, tradução minha)

- (7) [tleetiin walad kesleen- \emptyset mnazzam-iin] Htajj-u
trinta criança.SG preguiçosa-SG organizada-PL reclamaram-PL
'Trinta crianças preguiçosas organizadas reclamaram (por exemplo, das suas notas)'.

(PESETSKY, 2013, p. 47, tradução minha)

Ainda a favor dos *silent nouns*, em análise que trata de concordância no domínio da sentença, Höhn (2016) considera que um pronome nulo aciona a concordância verbal em estruturas como (8) do espanhol. Em (8), o verbo é flexionado na 1ª pessoa do plural, enquanto o DP foneticamente realizado é de 3ª pessoa do plural. Dessa forma, "a impressão de uma disparidade ocorre porque traços outros que não de 3ª pessoa não são expressos foneticamente no DP que controla a concordância" (HÖHN, 2016, p. 14, tradução minha).⁹

- (8) Las mujeres denunciamos las injusticias
DET.PL mulheres denunciamos as injustiças
'(Nós) as mulheres denunciamos as injustiças'.

(HÖHN, 2016, p. 2, tradução minha)

Para o autor, o fato de o verbo estar em 1ª pessoa, em (8), deve-se à realização de um pronome nulo de 1ª pessoa no DP com o qual o verbo concorda, como em (9b). Assim, a aparente disparidade na concordância, que também se evidencia no grego (9a) e em

⁹ No original: "The impression of a mismatch arises because relevant non-third person features are not overtly expressed on the agreement controlling DP" (HÖHN, 2016, p. 14).

outras línguas, justifica-se porque o verbo concorda com um pronome nulo e não com nome e artigo foneticamente realizados.

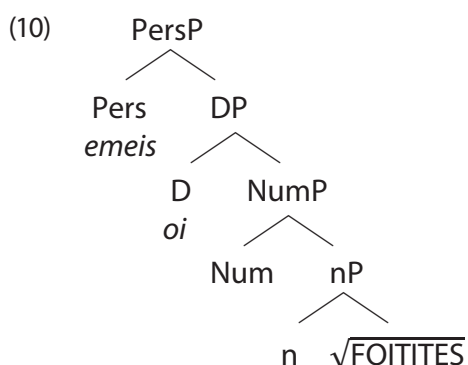
- (9) a. (Emeis) oi foitites pigame oloi ekdromi.
 Nós DET.NOM.PL estudantes fomos todos viagem
 ‘(Nós) os estudantes viajamos todos’.

(HÖHN, 2016, p. 31, tradução minha)

- b. (Nosotros) los estudiantes vamos todos a la playa.
 Nós os estudantes ir.1PL todos para a praia
 ‘(Nós) os estudantes vamos todos à praia’.

(HÖHN, 2016, p. 31, tradução minha)

Estruturalmente, a “discordância é o efeito superficial da realização zero de um núcleo funcional na projeção nominal estendida (xnP) que carrega os traços de pessoa”¹⁰ (HÖHN, 2016, p. 2, tradução minha), como se observa no diagrama (10) a seguir:



(HÖHN, 2016, p. 31)

Portanto, o autor explica que a “realização nula do núcleo que hospeda traços de pessoa e que está situado em posição alta na projeção nominal estendida do sujeito leva à discordância”¹¹ (HÖHN, 2016, p. 1, tradução minha). Dessa forma, em essência, o que ocorre é a devida concordância, entre os traços-φ de pessoa do pronome nulo e os traços-φ de pessoa no verbo. Assim, estruturalmente, como apresentado no próprio título do trabalho, “discordância é uma ilusão” (*Unagreement is an illusion*).

Como veremos na seção “Análise”, esse trabalho será importante para a proposta a ser desenvolvida, pois ele trata, em outras palavras, de um *silent pronoun*, no DP, que aciona a concordância verbal em pessoa, no nível da sentença. Na proposta que desenvolverei,

10 No original: “unagreement is the surface effect of zero spell-out of a functional head in the extended nominal projection (xnP) that hosts person features” (HÖHN, 2016, p. 2).

11 No original: “Null spell-out of the head hosting person features high in the extended nominal projection of the subject leads to unagreement” (HÖHN, 2016, p. 1).

tratarei de um *silent pronoun* na estrutura do DP predicativo que aciona a concordância em gênero do adjetivo, no interior desse DP.

Em suma, de modo semelhante aos numerais cardinais, *silent nouns* possuem traços-φ valorados e funcionam como uma fronteira para a distribuição desses traços, no DP, um padrão encontrado nas línguas do mundo.

2.3 SILENT NOUN: CATEGORIA VAZIA SEM ANTECEDENTE

De acordo com Kayne (2019), a definição de *silent noun* é tarefa desafiadora na medida em que se deve encontrar uma teoria unificada para os dados de (2) a (32), numeração original, e ainda observar se esses dados podem ser unificados com aqueles em (1), numeração original.

Supressão/*silence* parece ocorrer em (pelo menos) três maneiras. A mais estudada é aquela que pode ser pensada como “supressão sob identidade”, isto é, supressão que depende da presença de um antecedente. Alguns exemplos familiares são:

- (1) i) Supressão de VP (ex.: *Mary passed the exam but John didn't*)
 ii) Supressão de NP (ex.: *Three students prefer phonology but four prefer syntax*)
 iii) Sluicing (ex.: *John is out dancing, but I am not sure who with*)

Em todos esses casos, qualquer item lexical pode estar contido no sintagma suprimido, desde que a condição requisito de identidade seja satisfeita no que diz respeito ao antecedente.

Um segundo tipo de supressão, bem conhecido, mas menos estudado sistematicamente, é aquele segundo o qual a noção de antecedente, condição para (1), não é relevante; tipicamente, itens lexicais muito específicos estão em questão [...] Em cada exemplo, a parte em itálico é visível/audível [...]; a palavra (ou palavras) em maiúscula indica o que foi supostamente suprimido. (KAYNE, 2019, p. 1, tradução minha)¹²

- 2) at the age of seven** - YEAR(S); **3) Mary is now seven** - AT, AGE, YEAR(S); **4) Sono le sette** - ORE (Italian ‘are the seven HOURS’ = ‘it’s seven o’ clock); **5) They won the game with two home runs in the seventh** - INNING; **6) They went home early** - TO; **7) They don’t have much money** - AMOUNT; **8) John is far more intelligent than Bill** - BY; **9) Marie est toute petite** - COMME (French ‘Mary is LIKE all small’ - cf. Marie est petite comme tout); **10) Una volta vistala, Gianni...** - AVENDO (Italian ‘one time HAVING seen-her, John...’ = ‘once he saw her, J...’); **11) a little sugar** - BIT; **12) The bridge collapsed** - CAUSE (plus a silent non-agentive causer); **13) They have a seven-year old** - CHILD; **14) New York** - CITY; **15) the Mississippi** - RIVER; **16) It must be five below zero** - DEGREE(S); **17)**

¹² No original: “Deletion/silence seems to come in (at least) three guises. The most studied is what can be thought of as ‘deletion under identity’, i.e. deletion that depends on the presence of an antecedent. Some familiar examples are:

- (1) i) VP-deletion (e.g. *Mary passed the exam but John didn’t*)
 ii) NP-deletion (e.g. *Three students prefer phonology but four prefer syntax*)
 iii) sluicing (e.g. *John is out dancing, but I’m not sure who with*)

In all of these, any lexical item can be contained in the deleted phrase, as long as the requisite identity condition is met with respect to the antecedent.

A second type of deletion, well-known but less systematically studied, is one in which the notion of antecedent relevant in (1) is not relevant at all; typically, very specific lexical items are at issue [...] In each example, the italicized part is what is visible/audible in the language in question; the non-italicized capitalized word (or words) indicates what has arguably been deleted” (KAYNE, 2019, p. 1).

a red car – COLOR; **18**) *a small car* – SIZE; **19**) *altro* - THING (Italian ‘other THING’); **20**) *Cosa?* - CHE (Italian ‘WHAT thing?’); **21**) *a select few* – PEOPLE; **22**) *John is six three* - FOOT, INCH(ES); **23**) *We would like you to do it* – FOR; **24**) *a number of books* – GOOD; **25**) *three different wines* – KIND; **26**) *that wide* – MUCH; **27**) *enough wine/people* - MUCH/MANY; **28**) *It’s ten after three* - MINUTE, CLOCK; **29**) *nel 2010* - ANNO (Italian ‘in-the YEAR 2010’); **30**) *They went there* – PLACE; **31**) *never* – TIME; **32**) *We must away* – GO. (KAYNE, 2019, p. 1-2)

Portanto, *silent nouns* são categorias suprimidas, sem antecedente recuperável. Trata-se de palavras específicas, como HOUR, AMOUNT, THING, YEAR, etc., que fazem parte da sintaxe de uma estrutura e que têm importância nas relações de checagem de traços, embora não sejam pronunciadas.

2.4 FRONTEIRAS SINTÁTICAS NA DISTRIBUIÇÃO DO MORFEMA DE PLURAL EM PB NÃO PADRÃO

Com base em Danon (2011), Pereira (2017, 2018b) demonstrou que NumP funciona, no PB não padrão, como uma fronteira sintática na qual sintagmas à esquerda de cardinais são marcados com o morfema de plural, enquanto sintagmas à direita são não marcados. Essa regra pode ser observada em (11), exemplos de concordância em PB não padrão, e em (12), estruturas recorrentes no dialeto mineiro (NUNES, 2007; PEREIRA, 2016).

- (11) a. os (dois) outro carro branco¹³
b. os outros (dois) carro branco

(PEREIRA, 2018b, p. 27)

- (12) a. Ques (dois) bichinho chato!
b. Ques (duas) ferramenta você usou?

(Adaptado de Pereira (2016, p. 582))

Além disso, com base em Kayne (2005), Pereira (2017, 2018b) propôs, conforme (15), que estruturas que apresentam restrições à presença de cardinais dispõem de outra categoria, um *silent noun*, com traços de plural [iF val]. Esse *silent noun* funciona como fronteira sintática na distribuição do morfema de plural no PB, como visto em (13), estrutura recorrente no dialeto mineiro, e em (14), estrutura encontrada em PB não padrão de modo mais geral.

13 Para uma discussão sobre estruturas com determinante seguido de possessivo pré-nominal nas quais o determinante pode não estar marcado com plural (“o meus (dois) carro branco”), conferir Pereira (2018b, p. 29-31) ou Pereira (2017, p. 97-98).

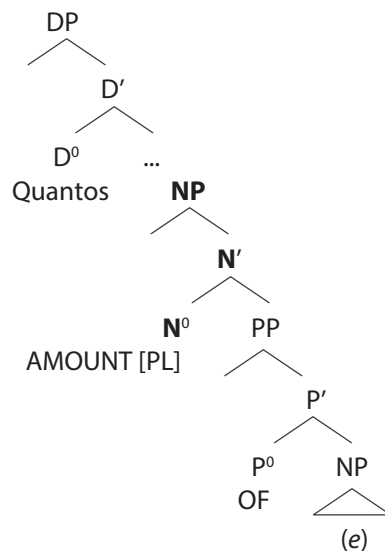
(13) Quantos [AMOUNT of] (real) que custa?¹⁴

(Adaptado de Pereira (2017, p. 102))

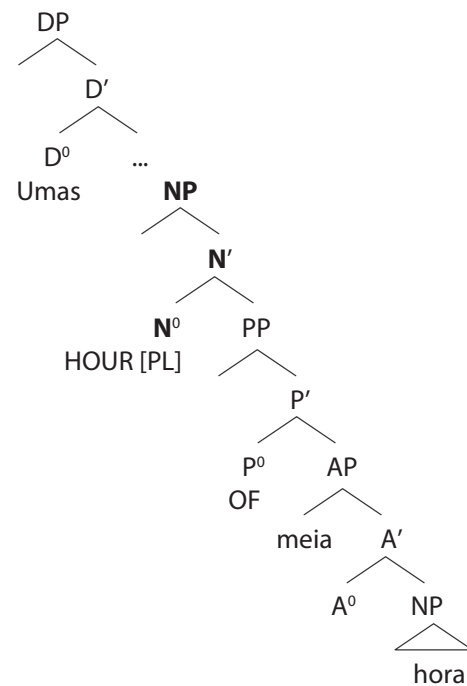
(14) Levou umas [HOUR of] meia hora pra (cólica) passar.

(PEREIRA, 2017, p. 99)

(15) a. Para (13)



b. Para (14)



(Adaptado de Pereira (2018b, p. 36, 34))

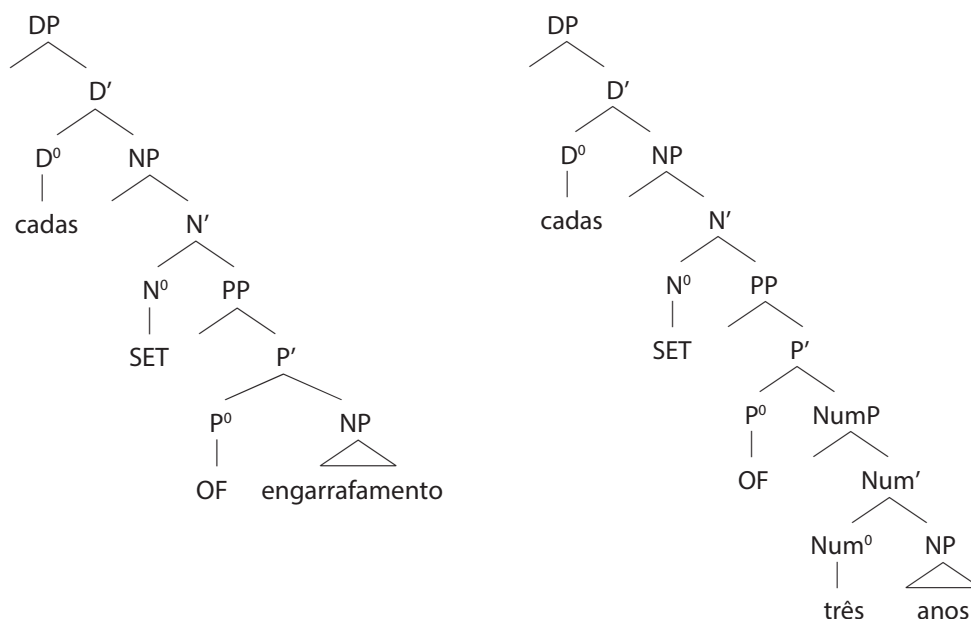
Além disso, esse *silent noun* no plural é seguido por uma preposição, o que permite que sintagmas encaixados na posição de complemento da preposição estejam no singular, como *real* (13) e *meia hora* (14), enquanto sintagmas, como *quantos* (13) e *umas* (14), estejam no plural, à esquerda do *silent noun*.

À semelhança de (13) e (14), (16) fornece evidências para a hipótese segundo a qual existe uma categoria, entre D e N, que dispõe de traços de número valorados no PB, como pode ser visto em (17).

¹⁴ Ao evitar uma tradução literal desses *silent nouns*, uma interpretação resultaria em algo semelhante a “quantos (valores de) real” e a “umas (demoras de) meia hora”. Essa interpretação não tem como fim uma paráfrase, mas uma amostra de que tais estruturas permitem a presença de um nome com valor de quantidade (AMOUNT) ou de tempo (HOUR) após *quantos* e *umas*, respectivamente.

- (16) a. Já peguei cadas engarrafamento ali (na BR-381)!
 b. Integrantes do MP têm de fazer reciclagem a cadas três anos.¹⁵
 (PEREIRA, 2018a, p. 87-88).

- (17) a. Para (16a)
 Qualificador “cada” *such* (com leitura SET)
- b. Para (16b)
 Quantificador “cada” *every* com leitura SET seguido por cardinal ≥ 2 (mais nome)



(Adaptado de Pereira (2018a, p. 99-100))

Para dar conta desses fatos, argumentei, em Pereira (2018a, 2019), que DPs com *cadas* projetam um *silent noun* SET e que esse *silent noun* veicula leitura de conjunto bem como possui traços de plural valorados. Nesse caso, *cadas* pode ser interpretado como *such* (17a) ou *every* (17b), em vez de *each*, e pode ser seguido por nome ou por cardinal ≥ 2 (mais nome). Porque *cadas* precede SET, recebe marca de plural “-s”. Esse *silent noun* plural é seguido de uma preposição, o que permite a seu NP complemento ser singular.

Portanto, Pereira (2016, 2017, 2018a, b, 2019) considera que cardinais e *silent nouns* funcionam como uma fronteira dividindo o DP em dois domínios, em PB não padrão, de modo que sintagmas à sua esquerda são marcados com o morfema de plural enquanto sintagmas à sua direita são não marcados. Essa regra explica por que alguns elementos do DP recebem marca de plural e outros não. Trata-se de uma regra sintática, pois depende da posição do constituinte na estrutura do DP. Trata-se ainda de um padrão encontrado em outras línguas.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.ammp.org.br/juiz-de-minas-pode-renovar-porte-de-arma-sem-exame-de-manuseio/>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

Em suma, do ponto de vista empírico, propõe-se a investigar um dado que carece de análise morfossintática da operação de concordância nele realizada e que contrai pertinência com uma pesquisa mais ampla sobre concordância nominal em estruturas do PB com mera aparência de “discordância”.

3 O ESTADO DA ARTE

Rodrigues e Foltran (2013) apresentam uma descrição de estruturas como (18a). As autoras explicam que, neste caso, tem-se uma concordância neutra, pois se trata de uma estrutura copular na qual o sujeito seria supostamente uma *Small Clause* (SC) (18b). Para as autoras, (18a) é diferente de (19), porque, em (18a), o adjetivo *chato* se refere a uma situação, parafraseada em (18b). Por sua vez, em (19), o adjetivo *chata* se refere a um indivíduo. Portanto, em (18a), o sujeito do predicativo *chato* seria uma SC, como se representa em (18c), mas não um DP, como em (19), o que justificaria uma concordância neutra (no masculino e no singular), em (18a).

- (18) a. A Maria bêbada é chato.
 b. A Maria estar bêbada é chato.
 c. Ser [_{SC}[_{SC}[a Maria bêbada]chato]].

(RODRIGUES; FOLTRAN, 2013, p. 497-498)

- (19) A Maria bêbada é chata.

(RODRIGUES; FOLTRAN, 2013, p. 497)

A concordância neutra, como descrevem as autoras, consistiria em uma “concordância *default* típica de casos com sujeitos oracionais” (RODRIGUES; FOLTRAN, 2013, p. 508), mas ocorreria também com nomes nus, como em (20).

- (20) a. Água é bom para a saúde.
 b. Coca-cola é perigoso.

(RODRIGUES; FOLTRAN, 2013, p. 508)

Também Carvalho (2013) menciona estruturas com NP nu, como em (21), mas não descreve que regra explica a concordância realizada. No que se refere às estruturas em questão, o autor restringe-se a afirmar que, “nessas estruturas, o predicativo não obedece a nenhuma regra de concordância morfológica acima citada” (CARVALHO, 2013, p. 34).¹⁶

- (21) Cerveja é bom.

(CARVALHO, 2013, p. 34)

Em relação ao DP sujeito ser constituído por nomes nus, Conto (2016) e Siqueira (2017) mostram que essa não é exatamente uma condição para a realização de estruturas copulares com sujeito no feminino e predicativo no masculino. Dessa forma, tais estruturas podem

¹⁶ No entanto, será observado, na análise proposta, no presente artigo, que se obedece à regra básica de concordância em gênero entre nome e adjetivo, no interior do DP.

ocorrer quando o sujeito contém um DP com pronomes, artigos, quantificadores, cardinais, etc., como mostram os dados em (22). Por isso, generalizações¹⁷ que negam a presença de determinantes na estrutura do sujeito e preveem apenas a ocorrência de nomes nus (RODRIGUES; FOLTRAN, 2015; MARTIN; CARVALHO; ALEXIADOU, 2020) não condizem com o que evidenciam os dados.

- (22) a. Essa saia curta vai ser ótimo no verão.
b. Uma mulher é monótono, duas mulheres é bom, já três mulheres é arriscado.
c. A tropa de choque foi abusivo.
d. A meia para cima da canela é ridículo.
e. A mentira sobre o ataque foi vergonhoso.
f. Aquela flor para sua sogra foi inesperado.
(Extraídos de Conto (2016, p. 166-190))¹⁸

- g. A adolescente é ridículo.
h. A moça e a senhora é complicado.
i. Uma mulher que eu conheço é complicado.
j. Minha mulher é bom.
k. Aquela menina foi ridículo.
l. Tua tia é ótimo.
m. Uma criança é bom.
n. Ela é complicado.
o. Todas as crianças é divertido.
p. Muita farofa é enjoativo.

(Extraídos de Siqueira (2017, p. 68-73))¹⁹

17 “Typically, this noun is a phrase with no determiner” (RODRIGUES; FOLTRAN, 2015, p. 129); “In these constructions we can then observe the impossibility of using definite subjects [...] as well as other types of indefinites” (RODRIGUES; FOLTRAN, 2015, p. 133); “The main characteristic of these copular constructions, in which the adjective appears in the neutral form, is that the subject must be a bare noun” (RODRIGUES; FOLTRAN, 2015, p. 136); “only the bare singular, the bare plural and quantified phrases [...] may appear in this type of construction” (RODRIGUES; FOLTRAN, 2015, p. 146); “the nominal subjects [...] are Small Nominals in that they do not project full DPs” (RODRIGUES; FOLTRAN, 2015, p. 146); “Brazilian Portuguese only allows bare NPs in this construction” (MARTIN; CARVALHO; ALEXIADOU, 2020, p. 141).

18 Dados (22a-f) extraídos, respectivamente, das seguintes páginas de Conto (2016): 166, 167, 183, 189, 189 e 190.

19 Dados (22g-m) extraídos de Siqueira (2017, p. 68), dado (22n), de Siqueira (2017, p. 71), e dados (22o-p), de Siqueira (2017, p. 73).

Aos exemplos em (22), acrescento os dados seguintes (23):

- (23) a. A oração, ela é bom, porque ... (Rede Vida, programa Vida em Oração, 21/10/2019).
 b. Uma jantinha é tão bom! (Conversa entre familiares, Belo Horizonte, 20/11/2019).
 c. Essa questão da vaga é sério mesmo (Conversa entre professoras, Belo Horizonte, 23/10/2019).
 d. A vida é tranquilo quando você descansa na palavra de Deus.²⁰
 e. Uma comidinha em casa é bom (Conversa entre familiares, Belo Horizonte, 07/02/2020).
 f. Essa semana é apertado pra mim (Conversa entre paciente e secretária de consultório médico, Belo Horizonte, 26/11/2020).
 g. Que a prática de exercícios físicos é bom para a mente e para o corpo todo mundo sabe.²¹

Em relação à interpretação do predicado que “não se refere a indivíduos, mas a situações” (RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, p. 486), posicionamento também assumido por Rodrigues e Foltran (2015)²² e Martin, Carvalho e Alexiadou (2020), Siqueira (2017) mostra que, na verdade, boa parte das construções copulares com sujeito no feminino e predicativo no masculino pode apresentar duas leituras: uma em que o predicativo se refere a um indivíduo e outra em que se refere a uma situação. Essa constatação evidencia que a concordância, nessas estruturas, não depende do tipo de predicação, se situacional ou individual.

A autora mostra ainda que,

mesmo com a falta de concordância, o maior índice de leitura é a de propriedade atribuída ao sujeito, com 52,17%, 66,66%, 70,83%, 90%, 65%, 68,42%, 71,42% e 80%²³,

20 Disponível em: <<https://www.picbear.org/media/B3zShyLhqSH>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

21 Disponível em: <<https://www.spdm.org.br/saude/noticias/item/2648-saiba-como-manter-a-pratica-de-exercicios-durante-o-ano-inteiro>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

22 “The adjective in this type of sentence is interpreted as the predicate of a situation: the meaning of (1a) [‘Mulher é complicado’], for example, is that situations involving a woman are complicated” (RODRIGUES; FOLTRAN, 2015, p. 129).

23 As porcentagens listadas se referem aos resultados dos julgamentos de informantes, que tiveram leitura do adjetivo como sendo predicador de propriedade de indivíduo (e não de situação), respectivamente, para as seguintes sentenças retiradas de Siqueira (2017, p. 82):

- (i) a. Água é bom (52.17%)
 b. Panqueca é gostoso (66,66%)
 c. Pimenta é bom (70,83%)
 d. Passagem de ônibus era barato (90%)
 e. Comida já foi barato (65%)
 f. Cobra é perigoso (68,42%)
 g. Passagem de ônibus era caro (71,42%)
 h. A pimenta é bom (80%)

A autora realizou uma pesquisa com elaboração de frases para testes de aceitabilidade e interpretação. Para isso, contou com 30 informantes de cursos de graduação e pós-graduação em Letras. Foram realizados dois

o que parece ir de encontro à ideia de Foltran & Rodrigues (2013) de que a falta de concordância indica que o adjetivo não está atribuindo uma propriedade ao sujeito, mas está indicando uma leitura de situação (SIQUEIRA, 2017, p. 83).

Por exemplo:

(48) Água é bom
(49) Carne de porco é gostoso
O dado em (48), para nós, poderia estar se referindo a uma situação envolvendo água (como, por exemplo, **bebê-la**) ou a uma propriedade da água. No caso de (49), também acreditamos que há possibilidade de dupla leitura, indicando que é gostoso **comer** tal carne e que a carne tem como característica ser algo gostoso (SIQUEIRA, 2017, p. 97).

Além disso, acrescento que paráfrases com *algo* são apropriadas tanto na leitura de “situação”, como em (24b’), quanto na leitura de “propriedade de indivíduo”, como em (24c’).

- (24) a. Moto é perigoso (Conversa entre familiares, Belo Horizonte, 19/11/2020).
b. (Andar de) Moto é perigoso.
b’. (Andar de) Moto é (algo) perigoso.
c. Moto é (um meio de transporte) perigoso.
c’. Moto é (um meio de transporte/algo) perigoso.

Portanto, a leitura de “propriedade de indivíduo” não está excluída nessas sentenças. De fato, essa é a única leitura possível (25b *versus* 25c), em alguns casos, como em (25a)²⁴.

- (25) a. Mostarda é amarelo. (SIQUEIRA, 2017, p. 97)
b. *Comer mostarda é amarelo.
c. Mostarda é (algo) amarelo.

Ademais, quando se defende (RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, 2015; MARTIN; CARVALHO; ALEXIADOU, 2020) que o predicado se refere somente a uma situação e não a um indivíduo, espera-se que, com adjetivos que se referem a indivíduo apenas, como *vaidoso* e *magro* (RODRIGUES; FOLTRAN, 2015, p. 132), a concordância entre sujeito e

testes, sendo o primeiro de aceitabilidade que contém 48 frases contextualizadas e alternativas para escolha, como no exemplo a seguir:

Maria resolve ajudar seu filho com a tarefa de casa. Ele diz que a professora quer que os alunos falem sobre como é uma ovelha. A mãe começa a listar, dizendo primeiro:

- a. () Ovelha é peludo
b. () Ovelha é peluda
c. () As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
d. () Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto (SIQUEIRA, 2017, p. 176).

O segundo teste contém 28 frases (como *Água é bom* (SIQUEIRA, 2017, p. 183)) e requer que o informante diga se se trata de sentença produzida no PB e qual é a leitura possível ou quais são as leituras possíveis. Este teste serve para identificar a leitura da predicação, se individual, situacional ou ambas.

24 Conferir outros exemplos na nota 29.

predicativo seja obrigatória²⁵ (26a-b). Esse seria o caso também de adjetivos como *quiet* ('quieto'), *anxious* ('ansioso'), *tasty* ('gostoso'), *lazy* ('preguiçoso') e *smart* ('esperto') (MARTIN; CARVALHO; ALEXIADOU, 2020, p. 146) (27a-b). Porém, falantes do PB consideram todos os exemplos seguintes (26a-b, 26a'-b', b'' e 27), contendo tais adjetivos, gramaticais. Portanto, a generalização segundo a qual a concordância, no feminino, seria obrigatória em construções copulares contendo tais adjetivos, não condiz com o que revelam os dados.

(26) a. *Mulher é vaidoso.

(RODRIGUES; FOLTRAN, 2015, p. 132)

b. *Atriz é magro.

(SIQUEIRA, 2017, p. 80)

a'. Menina é (um ser/algo) delicado, e mulher é (um ser/algo) vaidoso.

b'. Modelo é (um tipo/algo) muito esguio, e atriz é (um tipo/algo) magro.

b''. Linguixa é gorduroso. Carne moída é mais magro (Conversa entre familiares, Belo Horizonte, 16/01/2021).

(27) a. *Mulher é ansioso.

(MARTIN; CARVALHO; ALEXIADOU, 2020, p.154)

a'. Menina é (um ser/algo) tranquilo, mas mulher é (um ser/algo) ansioso.

b. *Panqueca é gostoso.

(MARTIN; CARVALHO; ALEXIADOU, 2020, p.154)

b'. Panqueca é (um alimento/algo) delicioso/gostoso/saboroso.

c. Onça é (um predador/algo) quieto e traiçoeiro.

d. Lesma é (um bicho/algo) preguiçoso.

e. Cobra é (um animal/algo) esperto.

f. Barata é (um inseto/algo) medroso.

Além disso, Siqueira (2017) evidencia que predicativos contendo não apenas adjetivo avaliativo, mas também adjetivo descritivo, ocorrem em estruturas copulares com sujeito no feminino e predicativo no masculino, como nos exemplos que se seguem (28), aos quais acrescento os contextos, em (28a'-b'). Logo, generalizações²⁶ segundo as quais o PB só permite adjetivos avaliativos (MARTIN; CARVALHO; ALEXIADOU, 2020), nessas estruturas, não contemplam os dados em (28) nem os dados em (29a-b), que contêm adjetivos descritivos e são gramaticais, como revelam os contextos em (29a'-b').

(28) a. Mostarda é amarelo.

(SIQUEIRA, 2017, p. 97)

25 "In the cases of adjectives that predicate solely on individuals, as *vaidoso* 'vain', *bagunçeiro* 'untidy' or *magro* 'thin', the agreement is obligatory" (RODRIGUES; FOLTRAN, 2015, p. 132).

26 "Brazilian Portuguese seems to only allow evaluative adjectives in non- agreeing copular sentences" (MARTIN; CARVALHO; ALEXIADOU, 2020, p.148); "Brazilian Portuguese disallows adjectives of color in non- agreeing copular sentences" (MARTIN; CARVALHO; ALEXIADOU, 2020, p. 147).

- a'. Ketchup é (um alimento/algo) vermelho, enquanto mostarda é (um alimento/algo) amarelo.
 - b. Moeda é redondo.
- (SIQUEIRA, 2017, p. 97)

- b'. Cédula é (um objeto/algo) quadrado, enquanto moeda é (um objeto/algo) redondo.

- (29) a. *Maçã é vermelho.
- (MARTIN; CARVALHO; ALEXIADOU, 2020, p.147)

- a'. Banana é (um fruto/algo) amarelo, já maçã é (um fruto/algo) vermelho.
 - b. *Mesa é reto.
- (MARTIN; CARVALHO; ALEXIADOU, 2020, p. 148)
- b'. Cortina é (um objeto/algo) ondulado, mas mesa é (um objeto/algo) reto.
 - c. Abóbora é muito duro pra descascar. (Conversa entre familiares, Belo Horizonte, 14/01/2021)
 - c'. Abóbora é (algo) muito duro pra descascar.

Ademais, com base principalmente em Josefsson (2009, 2014), Siqueira (2017) faz uma distribuição dessas ocorrências em dois tipos de construções (I e II). A construção I (30) seria caracterizada pela ocorrência de adjetivos descritivos na posição de predicativo (30a), não permitiria interpretação com verbo no infinitivo (30b) e seria agramatical com sujeito contendo artigo definido (30c). Por sua vez, a construção II (31) seria caracterizada pela ocorrência de adjetivos avaliativos na posição de predicativo (31a), permitiria interpretação com verbo no infinitivo (31b) e seria gramatical com sujeito contendo artigo definido (31c).

- (30) a. Mostarda é amarelo.
- b. *Ter mostarda é amarelo.
 - c. *A mostarda é amarelo.²⁷
- (SIQUEIRA, 2017, p. 116)

27 Apesar de Siqueira (2017) evidenciar que construções com adjetivos descritivos e sujeitos contendo determinantes são plenamente aceitáveis pelos falantes, a autora sinaliza as seguintes (ia-c) como agramaticais. No entanto, todas essas construções são aceitáveis, como se observa em (ia'-c').

- (i) a. *A mostarda é amarelo.
- (SIQUEIRA, 2017, p. 116)
- b. *A porta seria quadrado.
- (SIQUEIRA, 2017, p. 76)
- c. *Atriz é magro.
- (SIQUEIRA, 2017, p. 80)
- a'. A couve é (um alimento/algo) verde, mas a mostarda é amarelo.
 - b'. Para minha casa, imagino que a janela do banheiro seria (algo) redondo, mas a porta seria quadrado.
 - c'. Modelo é (um tipo/algo) muito esguio, e atriz é magro.

Além disso, a própria autora assume que estruturas como *A onça é peludo* tiveram índice, mesmo que baixo, de aceitabilidade por parte dos falantes: “3,26%” (SIQUEIRA, 2017, p. 80).

- (31) a. Maria é complicado.
 b. Chamar a Maria é complicado.
 c. A mulher é complicado.

(SIQUEIRA, 2017, p. 116)

Sendo assim, nas estruturas em I e II, as ocorrências com sujeito no feminino e predicativo no masculino se dariam devido ao fato de “o sujeito das sentenças panquecas²⁸ apresentar um elemento não visível morfológicamente em sua posição” (SIQUEIRA, 2017, p. 69).

28 O termo “sentença panqueca” é utilizado para tratar de sentenças copulares nas quais há discordância em número ou em gênero entre sujeito e predicativo, como nos exemplos que se seguem. De acordo com Rodrigues e Foltran (2015, p. 135), “these sentences are known as ‘pancake’ sentences, and are so named because of the examples studied”.

Norueguês:

- (i) a. Pannekaker er godt.
 Pancakes-PL are good-NEUT.SG
 b. Vodka er sunt.
 Vodka-MASC.SG is healthy-NEUT.SG

(ENGER, 2004, p. 6)

Sueco:

- (ii) a. Senap är gul-t.
 Mustard.COMMON is yellow-NEUT
 ‘Mustard is yellow’.
 b. Tva älskare är omoralisk-t
 [two lovers]COMMON.PL be.PRES immoral-NEUT
 ‘To have two lovers is immoral.’

(JOSEFSSON, 2009, p. 36)

Esse elemento seria um verbo no infinitivo²⁹, na construção II, como *chamar*, em (31b), e um hiperônimo (SIQUEIRA, 2017, p. 80), na construção I, como *alimento* (*o alimento é amarelo*), em (30a).³⁰ Assim, a autora assume, em sua análise, a proposta de que um elemento nulo na posição de sujeito justificaria a “falta de concordância morfológica visível” (SIQUEIRA, 2017, p. 74).

No entanto, a autora menciona a possibilidade de haver um elemento nulo em outra posição. Em uma nota de rodapé, a autora sugere que, além de um verbo nulo, na posição de sujeito, poderia haver um nome nulo, na posição de predicativo (“**esperar** menina vaidosa é **algo** chato” (SIQUEIRA, 2017, p. 83)). Porém, a intuição não foi desenvolvida, em uma proposta de análise. Além disso, fica por ser explicado por que seriam necessárias categorias nulas tanto no sujeito quanto no predicativo para dar conta da concordância.

29 A análise que considera um verbo infinitivo nulo, na posição de sujeito, não dá conta de estruturas copulares, com aparente disparidade na concordância, que não permitem paráfrases com sujeito oracional, como nos exemplos abaixo (i-v). Diferentemente, a postulação de um *silent noun* ‘algo’, na posição de predicativo, contempla tanto estruturas que permitem quanto estruturas que não permitem paráfrases com verbo no infinitivo. Vale destacar ainda que a noção de “concordância default” de Rodrigues e Foltran (2013) também não se aplica a esses casos que não permitem sujeito na forma de *Small Clause*.

- (i) a. Mostarda é amarelo. (SIQUEIRA, 2017, p. 97)
 - b. *Comer mostarda é amarelo.
 - c. Mostarda é (algo) amarelo.
- (ii) a. Moeda é redondo. (SIQUEIRA, 2017, p. 97)
 - b. *Usar moeda é redondo.
 - c. Moeda é (algo) redondo.
- (iii) a. Abóbora é duro para descascar (Conversa entre familiares, Belo Horizonte, 14/01/2021).
 - b. *Partir abóbora é duro para descascar.
 - c. Abóbora é (algo) duro para descascar.
- (iv) a. Barata é medroso.
 - b. *Ver barata é medroso.
 - c. Barata é (algo) medroso.
- (v) a. Linguiça é gorduroso. Carne moída é mais magro (Conversa entre familiares, Belo Horizonte, 16/01/2021).
 - b. *Comer linguiça é gorduroso. *Comer carne moída é mais magro.
 - c. Linguiça é (algo) gorduroso. Carne moída é (algo) mais magro.

30 A proposta do *silent noun* “algo” no DP predicativo em concordância com o adjetivo contempla tanto a construção I quanto a construção II de Siqueira (2017), isto é, contempla tanto estruturas que permitem infinitivo na posição de sujeito (*Chamar a Maria é (algo) complicado*) quanto estruturas que não permitem infinitivo, mas um hiperônimo na posição de sujeito (*O alimento mostarda é (algo) amarelo*). Portanto, essa proposta é mais abrangente, pois apresenta uma análise unificada para a concordância, nas duas construções tipificadas.

Em suma, no estudo das estruturas em questão, a literatura apresenta uma série de restrições³¹ que, conforme foi evidenciado, não procedem, tais como a suposta ausência de: adjetivos descritivos, no predicativo; determinantes, no sujeito; e referência a (propriedade de) indivíduo, na interpretação do predicado. Ainda, a literatura está centrada na relação de “discordância” em gênero entre predicativo e sujeito, que seria explicada pelo fato de que o predicativo não se referiria a um elemento nominal, mas a um sujeito oracional. Na proposta a ser desenvolvida neste artigo, altera-se o foco para a concordância entre adjetivo e nome, no interior do DP pós-cópula.

4 ANÁLISE

A proposta a ser desenvolvida, neste artigo, tem como base as análises de Kayne (2005), Pesetsky (2013) e Höhn (2016), previamente explicitadas. Essas análises consideram a existência de uma categoria nula no DP para explicar a aparente disparidade de concordância, respectivamente, em número no italiano e no francês, em gênero no russo e em pessoa no espanhol e no grego. Neste trabalho, parto do princípio de que um *silent noun*, no DP predicativo, aciona a concordância em gênero desencadeada nas sentenças em (1).

Portanto, o predicativo da sentença copular não é simplesmente um adjetivo, mas um DP composto por pronome indefinido nulo (*algo*) mais adjetivo, como se observa em (1a'-e'), (18a'-b'), (20a'-b'), (21'), (22a'-c'), (23a'-e'), (25c) e (28b').³²

- (1) a'. Calça clara fica (algo) bonito em você.
 b'. Mudança é (algo) cansativo.
 c'. Inveja é (algo) feio.
 d'. Censura é (algo) absolutamente injusto.
 e'. Caminhada é (algo) ótimo.

- (18) a'. A Maria bêbada é (algo) chato.
 b'. A Maria estar bêbada é (algo) chato.

(Adaptados de Rodrigues e Foltran (2013, p. 497-498))

- (20) a'. Água é (algo) bom para a saúde.
 b'. Coca-cola é (algo) perigoso.

(Adaptados de Rodrigues e Foltran (2013, p. 508))

31 Duek (2012) sugere ainda uma outra restrição segundo a qual a ausência de concordância entre sujeito e predicativo seria desencadeada somente quando o sujeito tem gênero arbitrário (*Maçã é gostoso*). Porém, conforme discutido em Rodrigues e Foltran (2015, p. 141), essa disparidade na concordância ocorre também quando o sujeito apresenta gênero natural (*Atriz é complicado*).

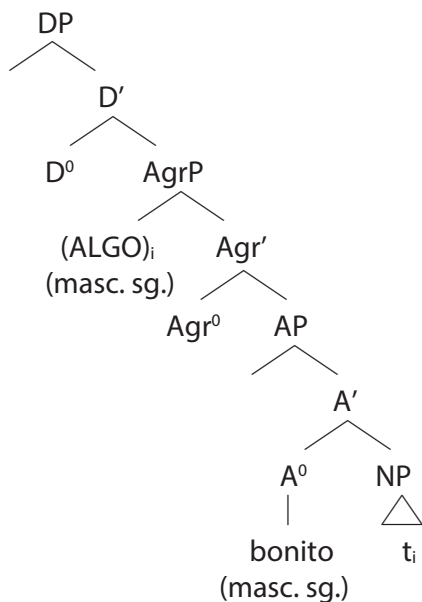
32 A mesma hipótese se aplicaria a estruturas exclamativas, como as que se seguem, em que o verbo de ligação está elíptico (i e iii) e em que o DP predicativo precede o DP sujeito. Está em andamento um trabalho sobre tais estruturas (PEREIRA, em elaboração).

- (i) Que (ALGO) bom essa chuveirinha! (Conversa entre familiares, Belo Horizonte, 13/11/2019).
 (ii) Estava (ALGO) bom a roupa de cama limpinha! (Conversa entre familiares, Belo Horizonte, 14/12/2019).
 (iii) (ALGO) Super rico essa *live*! (Comentário em *chat* de *live*, Belo Horizonte, 19/05/2020).

- (21') Cerveja é (algo) bom.
(Adaptado de Carvalho (2013, p. 34))
- (22) a'. Essa saia curta vai ser (algo) ótimo no verão.
b'. Uma mulher é (algo) monótono, duas mulheres é (algo) bom, já três mulheres é (algo) arriscado.
c'. A tropa de choque foi (algo) abusivo.
(Adaptados de Conto (2016, p. 166-183))
- (23) a'. A oração, ela é (algo) bom, porque ...
b'. Uma jantinha é (algo) tão bom!
c'. Essa questão da vaga é (algo) sério mesmo.
d'. A vida é (algo) tranquilo quando você descansa na palavra de Deus.
e'. Uma comidinha em casa é (algo) bom.
- (25) c. Mostarda é (algo) amarelo.
(Adaptado de Siqueira (2017, p. 97))
- (28) b'. Moeda é (algo) redondo.
(Adaptado de Siqueira (2017, p. 97))

Assim, proponho que os APs predicativos, nas estruturas acima, compõem um DP com um pronome *algo*, que não é realizado foneticamente, como se observa no diagrama (32). Esse pronome comporta traços de gênero masculino (e número singular) e aciona a concordância em gênero do adjetivo. Nessa operação, o adjetivo (*probe*), contendo traços de gênero não interpretáveis, torna-se valorado [*uF val*] a partir da concordância com o *silent noun* “algo” (*goal*), que contém traços de gênero interpretáveis e valorados [*iF val*].

(32) Para o DP pós-cópula em (1a):



(Fonte: elaborado pela autora)³³

Nessa proposta de análise, mostra-se que há concordância do adjetivo com um *silent pronoun*, no interior do DP pós-cópula. Mostra-se ainda que a concordância não está centrada na relação entre o predicativo e o sujeito. Por isso, não são relevantes para a concordância desencadeada os seguintes fatores: a forma do sujeito (se oracional ou nominal, com ou sem determinante), o tipo semântico do adjetivo (se descritivo ou avaliativo) ou a predicação desencadeada (se individual ou situacional), visto que, em todos esses casos, permite-se paráfrase com *algo*. Assim, altera-se o foco da relação entre predicativo e sujeito para a relação entre adjetivo e nome, no interior do DP predicativo, algo que ainda não tinha sido proposto até então. Desse modo, a análise desenvolvida neste artigo explica a concordância, nos dados referidos, de forma unificada e parcimoniosa.

33 O diagrama em (32) foi construído com base em Cinque (2005), seguindo a abordagem cartográfica para derivação do DP. Para o autor, a estrutura nominal, assim como a estrutura sentencial, também disponibiliza uma hierarquia de projeções funcionais, que é determinada pela Gramática Universal. De acordo com Cinque (2005), os modificadores são gerados em uma ordem fixa pré-nominal, qual seja, Dem > Num > A > N. Assim, as diferentes ordens atestadas nas línguas resultam do movimento da projeção máxima NP (e não do núcleo) para posições de Spec em categorias funcionais (AgrP) geradas acima dos modificadores. As categorias AgrP, geradas acima de cada projeção funcional, são justificadas por Cinque (2005, p.325-326), pois o licenciamento do traço que caracteriza o item como pertencente à estrutura nominal pode se dar simplesmente a partir do merge de Agr ou a partir do movimento do NP para Spec, AgrP. Em (32), o NP *algo* é alçado por cima do AP *bonito* para Spec, AgrP, o que explica a posição pós-nominal do adjetivo, quando o NP *algo* é pronunciado.

5 CONCLUSÃO

Neste artigo, elaborou-se uma proposta de análise para estruturas copulares nas quais o sujeito apresenta NP no feminino enquanto o predicativo apresenta adjetivo no masculino, o que causa aparente “disparidade” morfológica na concordância em gênero. Mostrou-se, porém, que a concordância nominal ocorre no interior da estrutura do predicativo, que contém um DP composto por um *silent pronoun* “algo” mais adjetivo. Desse modo, o *silent pronoun*, no masculino, funciona como alvo, enquanto o adjetivo funciona como sonda, na checagem dos traços de gênero. Por isso, para além da relação entre sujeito e predicativo, a concordância em gênero é licenciada entre o *silent pronoun* e o adjetivo, no interior do DP pós-cópula.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Marina; FERRARI NETO, José; CORRÊA, Letícia. Explorando o DP: a presença de NumP. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, p. 245-275, 2006.

CARVALHO, Dannel. Algumas considerações sobre a morfossintaxe de gênero. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 47, p. 30-46, 2013.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001. p. 1-52.

CINQUE, Guglielmo. Deriving Greenberg's Universal 20 and its exceptions. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 6, n. 3, p. 315-332, 2005.

CONTO, Luana. Interpretação de sentenças copulares com aparente falta de concordância: uma análise através de concordância de gênero semântico. *Revista da ABRALIN*, v. 15, n. 1, p. 161-193, jan./jun. 2016.

COSTA, João; FIGUEIREDO SILVA, Maria. Nominal and verbal agreement in Portuguese: an argument for distributed morphology. In: COSTA, João; FIGUEIREDO SILVA, Maria (ed.). *Studies on agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 25-46.

DANON, Gabi. Agreement and DP-Internal Feature Distribution. *Syntax*, v. 14, n. 4, p. 297-317, 2011.

DUEK, Karen. Bare nouns and gender agreement in Brazilian Portuguese. 2012. Disponível em: <<https://docplayer.net/24234551-Bare-nouns-and-gender-agreement-in-brazilian-portuguese-karen-duek.html>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

ENGER, Hans-Olav. Scandinavian pancake sentences as semantic agreement. *Nordic Journal of Linguistics*, 27.1, p. 5-34, 2004.

HÖHN, Georg. Unagreement is an illusion: apparent person mismatches and nominal structure. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 34, n. 2, p. 543-592, 2016.

JOSEFSSON, Gunlög. Pancakes and peas: on apparent disagreement and (null) light verbs in Swedish. *Nordic Journal of Linguistics*, v. 32, n. 01, p. 35-72, 2009.

JOSEFSSON, Gunlög. Pancake sentences and the semanticization of formal gender in Mainland Scandinavian. *Language Sciences*, v. 43, p. 62-76, 2014.

KAYNE, Richard. A note on the tension between silent elements and lexical ambiguity, with special reference to inalienable possession. NYU, November, 2019.

KAYNE, Richard. *Movement and Silence*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005.

MARTIN, Fabienne; CARVALHO, Janayna; ALEXIADOU, Artemis. Predicates of personal taste and pancake sentences in Brazilian Portuguese and French. In: IHSANE, Tabea (ed.). *Disentangling bare nouns and nominals introduced by a partitive article*. Leiden: Brill, 2020. p. 140-186.

MIYAGAWA, Shigeru. *Agreement beyond ϕ* . Cambridge, MA: MIT Press, 2017.

MIYAGAWA, Shigeru. *Why agree? Why move?: Unifying Agreement-Based and Discourse-Configurational Languages*. Massachusetts: MIT Press, 2010.

NORRIS, Mark. *A theory of nominal concord*. PhD Dissertation, University of California, Santa Cruz, 2014.

NUNES, Jairo. Triangulismos e a sintaxe do português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba de; KATO, Mary (ed.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. p. 25-34.

PEREIRA, Bruna K. Flexão de ‘cada’ em concordância com o *silent noun* SET. In: HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene; OSÓRIO, Paulo; LUCENA, Rubens (org.). *Estudos Linguísticos (Teorias e Aplicações): Contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina - ALFAL*. São Paulo: Terracota, 2019. p. 63-79.

PEREIRA, Bruna K. Exclamatives and interrogatives with ‘ques’: the CP/DP hierarchy and the plural marking in Brazilian Portuguese. *Signótica*, v. 28, n. 2, p. 581-611, 2016.

PEREIRA, Bruna K. The DP-internal distribution of the plural morpheme in Brazilian Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics (Papers on Morphology, edited by Snezana Iovtcheva and Benjamin Storme)*, v. 81, p. 85-104, 2017.

PEREIRA, Bruna K. Inflection of ‘cada’ and number feature valuation in BP. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 61, p. 85-103, 2018a.

PEREIRA, Bruna K. NumP e *silent nouns*: fronteiras sintáticas na marcação de plural no PB. *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 18-39, 2018b.

PEREIRA, Bruna K. Checagem de traços de gênero no interior do DP pós-cópula. In: ENANPOLL, 35., 2020, *online*. *Anais [...]. [S. l.]*: ANPOLL, p. 1-9. Disponível em: <<https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0553-1.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

PESETSKY, David. *Russian case morphology and the syntactic categories*. Cambridge, MA: MIT Press, 2013.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. The syntax of valuation and interpretability of features. In: KARIMI, Simin *et al.* (ed.). *Phrasal and clausal architecture*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 262-294.

RODRIGUES, P.; FOLTRAN, M. Construções de *small clauses* complexas em português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 497-511, jan./abr. 2013.


RODRIGUES, P.; FOLTRAN, M. Small nominals in Brazilian Portuguese copular constructions. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 14, n. 1, p. 129-147, 2015.

RODRIGUES, P.; FOLTRAN, M. Concordância em construções copulares do Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 477-488, jan./abr. 2014.

SIQUEIRA, Alane Santana. *A concordância de gênero em construções predicativas adjetivais com o verbo ser no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras, Recife, 2017.

Artigo recebido em 7 de setembro de 2020.

Artigo aceito em 27 de maio de 2021.



A FORMAL SYNTACTIC ANALYSIS OF AGENTIVITY IN MOTION PREDICATES IN GHANAIAN STUDENT PIDGIN (GSP)

KWAKU OWUSU AFRIYIE OSEI-TUTU*

ABSTRACT

The paper explores the syntactic structure of Agentive motion predicates in Ghanaian Student Pidgin (GSP), an English-lexified expanded pidgin spoken by (mostly male) students (and young adults) in Ghanaian secondary and tertiary educational institutions. I argue that GSP uses Serial Verb Constructions (SVCs) to encode Agentive motion predicates and propose syntactic analyses to account for the difference in interpretation between Initial Contact Agentives and Continuous Contact Agentives — despite the apparent similarity in their surface structures. The paper argues that though (in accordance with previous studies on agentivity (KRATZER, 1996; PYLKKÄNEN, 2008; HARLEY, 2013)) GSP introduces the agent with an agentive *vP* in both Initial and Continuous Contact agentives, the difference in interpretation between the two results from an embedded *make*-clause in the underlying structure of Initial Contact agentives which is not present in Continuous Contact agentives.

Keywords: Agentivity, Motion Predicates, Ghanaian Student Pidgin

RESUMO

Este artigo explora a estrutura sintática de predicados agentivos de movimento no Ghanaian Student Pidgin (GSP), um pidgin expandido de base lexical inglesa falado por estudantes e jovens adultos (majoritariamente do gênero masculino) em instituições ganesas de ensino. Argumento que o GSP usa construções seriais verbais para codificar predicados agentivos de movimento e proponho análises sintáticas para dar conta da diferença de interpretação entre aqueles predicados agentivos de contato inicial e de contato contínuo — a despeito da aparente similaridade de suas estruturas superficiais. O artigo defende que, embora o GSP introduza um agente com um *vP* agentivo tanto nas estruturas iniciais quanto contínuas (de acordo com estudos prévios sobre agentividade, como Kratzer (1996), Pylkkänen (2008), Harley (2013)), a diferença de interpretação entre os dois resulta de uma sentença do tipo *make-clause*, presente na estrutura subjacente de um predicado agentivo de contato inicial, que estaria ausente nos predicados agentivos de contato contínuo.

Palavras-chave: agentividade, predicados de movimento, Ghanaian Student Pidgin

* University of Ghana, UG. Lecturer, Department of English. E-mail: koasei-tutu@staff.ug.edu.gh.

1 INTRODUCTION

In this paper I discuss the structure of the Agentive subcomponent of motion predicates as it presents the Ghanaian Student Pidgin (GSP) motion predicate. I argue, based on previous analyses (KRATZER, 1996; PYLKKÄNEN, 2008; HARLEY, 2013), that the Agentive structure is an add-on to the intransitive (i.e. non-agentive) structure and that this add-on is introduced by the functional projection ‘VoiceP’ (which later came to be known as ‘little *v*’). Before continuing on to present my argument, I will begin with a very brief background to the language of interest — GSP.

According to Eberhard et al. (2021), Ghana has 83 mutually unintelligible indigenous languages belonging to three different language families — Kwa, Gur and Mande, with the Kwa group having the largest number of languages. In addition to these indigenous languages, English was introduced via British colonization (ADIKA, 2012; SACEY, 1996) and this has led to an indigenous variety of English, which is used widely in Ghana both in official and domestic domains. Alongside these languages, Ghana is also home to two varieties of pidgin: what Huber (1999) refers to as “uneducated” or “non-institutionalized” Ghanaian Pidgin English (which I refer to in this paper as “Town Pidgin”, following Dako (2002b)) and what Huber (1999) refers to as “educated” or “institutionalized” Ghanaian Pidgin English (which I call “Ghanaian Student Pidgin” and which is the focus of this case-study).¹

As may be gathered from its name, GSP, which began as an off-shoot of Town Pidgin (in the second half of the 20th century), is spoken mainly by students in high schools and universities (DAKO, 2013; DAKO, 2002; DADZIE, 1985; HUBER, 1999). However, it can now be heard being used across all sectors of the country by young adults who have completed their education and are in gainful employment. Additionally, its speakers now see themselves as distinct from the speakers of Town Pidgin and, thus, have endeavoured to differentiate their variety with regard to phonology (OSEI-TUTU, 2018), morphology and lexis (OSEI-TUTU, 2016a; OSEI-TUTU, 2016b), semantics (OSEI-TUTU; CORUM, 2014; OSEI-TUTU, 2008) and syntax (OSEI-TUTU, 2019).

Despite its widespread use and popularity in Ghana, GSP, is still stigmatized because, as a non-standard variety, many people (both speakers and non-speakers; linguists and non-linguists, alike) are of the view that it is just a makeshift code that does not meet the requirements to be a fully-fledged language. However, I am of the opinion that by virtue of how they are formed, pidgins/creoles are uniquely positioned to address the contrasting (and, often incompatible) systems of their lexifier (in the case of GSP, English) and substrate (which is, in the case of GSP, largely the major Kwa languages of Ghana — Akan, Ga and Ewe). Consequently, this paper is significant because it provides a formal analysis of how this underlying conflict is negotiated (or even resolved) within an understudied pidgin and, thus, contributes to scholarship on the subject and (also) to the Minimalist Program (inasmuch as it sheds light on the parametrization of the structure of Human Language).

¹ I have added *Ghanaian* to Dako’s (2002b, 2013) term “Student Pidgin” in order to make it more distinctive.



The rest of the paper is organized as follows: I provide a description of the data in §2, summarize arguments for the agent being introduced in spec, vP (in §3), present the general structure of Agentives in GSP (§4) and then in §4.1, present the argument for the embedded *make*-clause structure which differentiates Initial Contact Agentives from Continuous Contact Agentives, and conclude the paper in §5.

2 THE DATA

The data were collected from three speakers of GSP using a self-paced application (designed by Elena Benedicto in collaboration with the Envision Center at Purdue University) which administered a series of 175 video prompts designed to elicit and contrast the set of parameters relevant to complex-path motion predicates.² Out of the 175 video prompts, 87 were targeted at eliciting responses on the Agentive subcomponent — specifically, two types of agentive motion predicates: those with initial contact (as in Figure 1, where the agent acts on the figure and then the figure alone goes through the motion) and those with continuous contact (as in Figure 2, those in which both the agent and the figure undergo the motion).

FIGURE 1 — COMBINED SCREENSHOTS OF AN INITIAL CONTACT PROMPT



Source: elaborated by the author.

FIGURE 2 — COMBINED SCREENSHOTS OF A CONTINUOUS CONTACT PROMPT

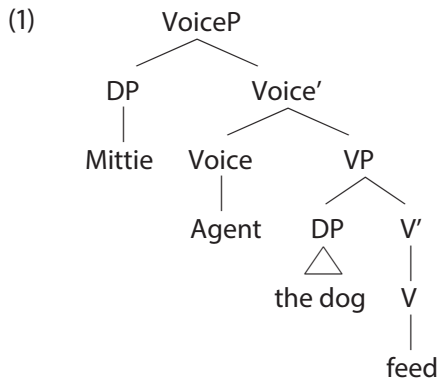


Source: elaborated by the author.

² Benedicto (2017).

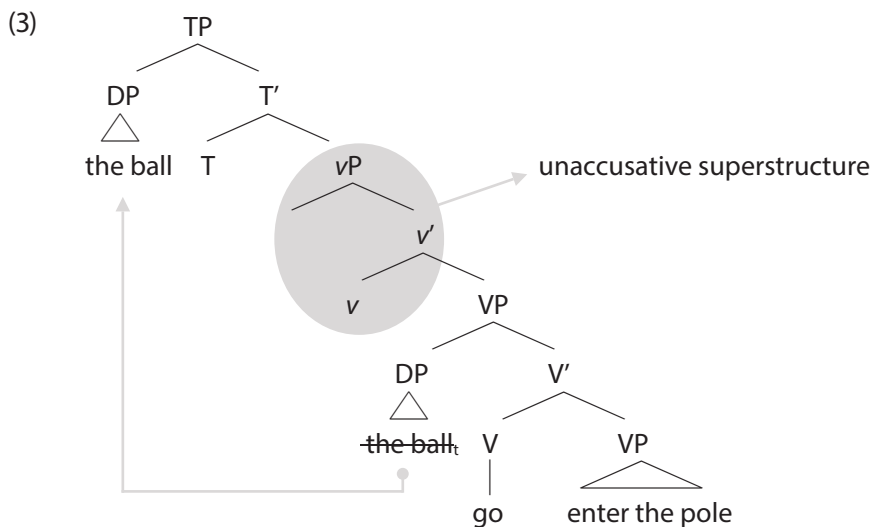
3 THE EXTERNAL ARGUMENT

As stated in the introduction, many scholars have argued that the agent is the external argument of the predicate. Kratzer (1996) proposes that the agent is generated in specifier of VoiceP as is illustrated in the diagram (taken from Kratzer (1996, p. 121)) below:



The VoiceP of Kratzer's (1996) proposal is now considered the same as Chomsky's (1995) Little *v* and is generally accepted as the functional projection that introduces the external argument of the verb. Later work (particularly, Arad (1999)) have argued for different flavors of little *v*, to the effect that non-agentive sentences (such as (2), below) have an unaccusative little *v*, which does not introduce an agent; whereas agentive sentences (such as those in §4) have a different little *v** which introduces the agent.^{3, 4}

- (2) The ball go enter the pole
D ball go enter D goalposts
 'The ball went into the goalposts.'



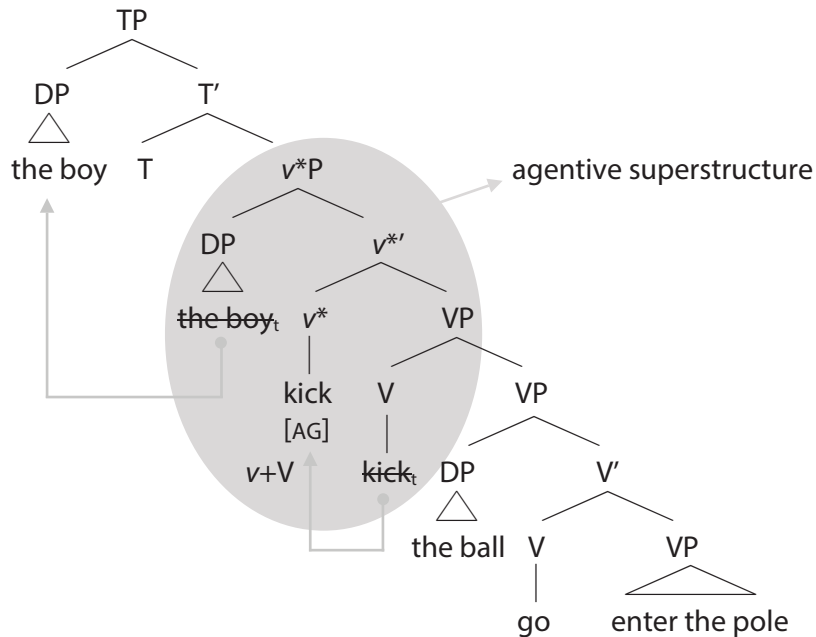
3 The * is used to differentiate the agentive little *v* and from the non-agentive little *v*.

4 List of abbreviations used in this paper: c: complementizer; D: determiner; OBJ: object; SBJ: subject; SG: singular; t: trace; VP_{mnr}: manner verb phrase.

4 THE GSP AGENTIVE STRUCTURE

Following the structure above, I propose that the agentive verb results from a *v+V* combination (with *v* providing the agentivity and *V* providing the manner of action). Thus, if we revisit (2), above and provide an agent (for e.g., *the boy*), (4), will be the resulting structure:

- (4) The boy kick the ball go enter the pole

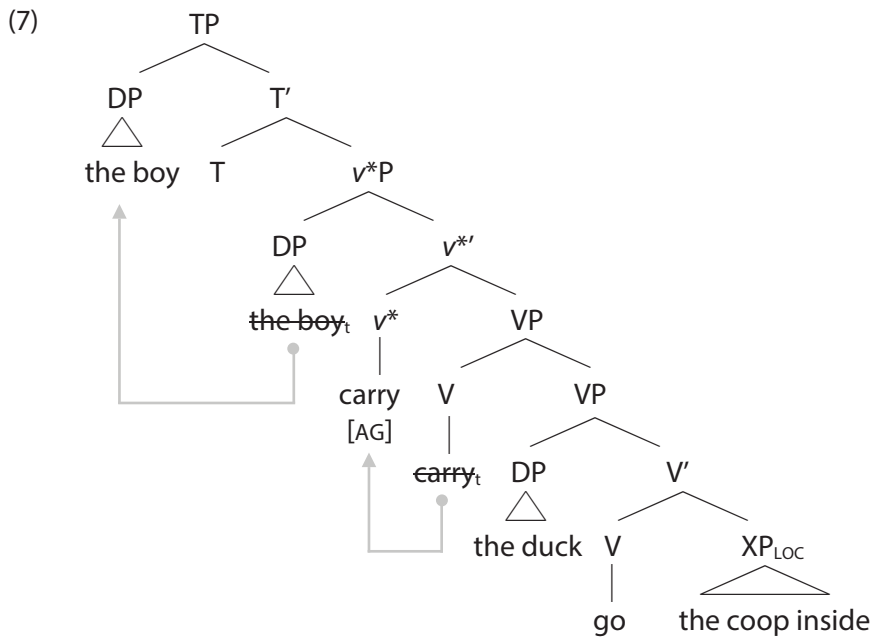


The structure above shows that the agentive verb *kick* is generated in *V* where it takes two arguments, the figure 'the ball' and rest of the event 'go enter the pole'. The *VP* it forms is then merged with the agentive little *v*, which introduces the agent *the boy* in its specifier. After being complete, *kick* moves from *V* to *v* so that it can assign accusative case to the *DP the ball*. The evidence for this is even clearer when we consider (5) below, in which the figure *the ball* is replaced with a pronoun:

- (5) The boy kick am/*e go enter the pole
 D boy kick 3SG.OBJ/3SG.SBJ go enter D goalposts
 'The boy kicked it into the goalposts.'

As (5) shows, the pronoun which replaces *the ball* must receive accusative case otherwise the sentence will be ungrammatical. This structure is also applicable to events in which the agent has continuous contact with the figure and they (i.e., the agent and the figure) both undergo the motion. this is illustrated in (6) and (7) below:

- (6) The boy carry the duck go the coop inside
 D boy carry D duck go D coop inside
 'The boy carried the duck into the coop.'



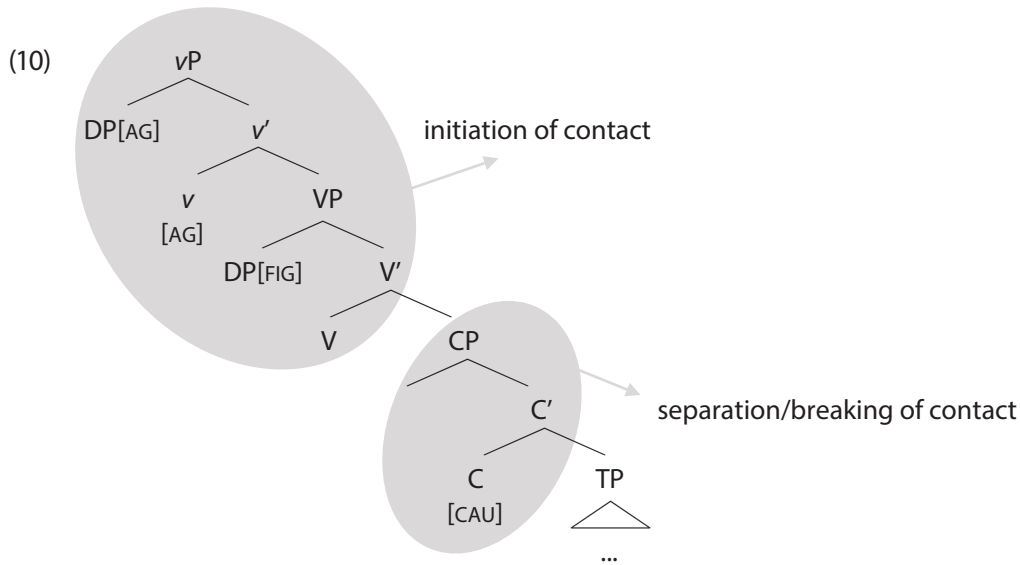
As (7) shows, the manner verb *carry* is also generated within a VP-shell that has the agentive *v* and subsequently moves to *v* to assign accusative case to the figure *the duck*.

4.1 INITIAL VS. CONTINUOUS CONTACT

The analysis above suggests that Initial Contact and Continuous Contact sentences yield the same results as far as interpretation is concerned. However, as already stated above, in initial contact events, the agent acts on the figure and the figure undergoes an event (as in (4)); whereas, in continuous contact events, contact is maintained between the agent and the figure while the latter undergoes the motion event (as in (6)). This suggests, therefore, that there is additional structure which leads to the difference in interpretations. Consider (8) and (9) below, both using the verb *push*:

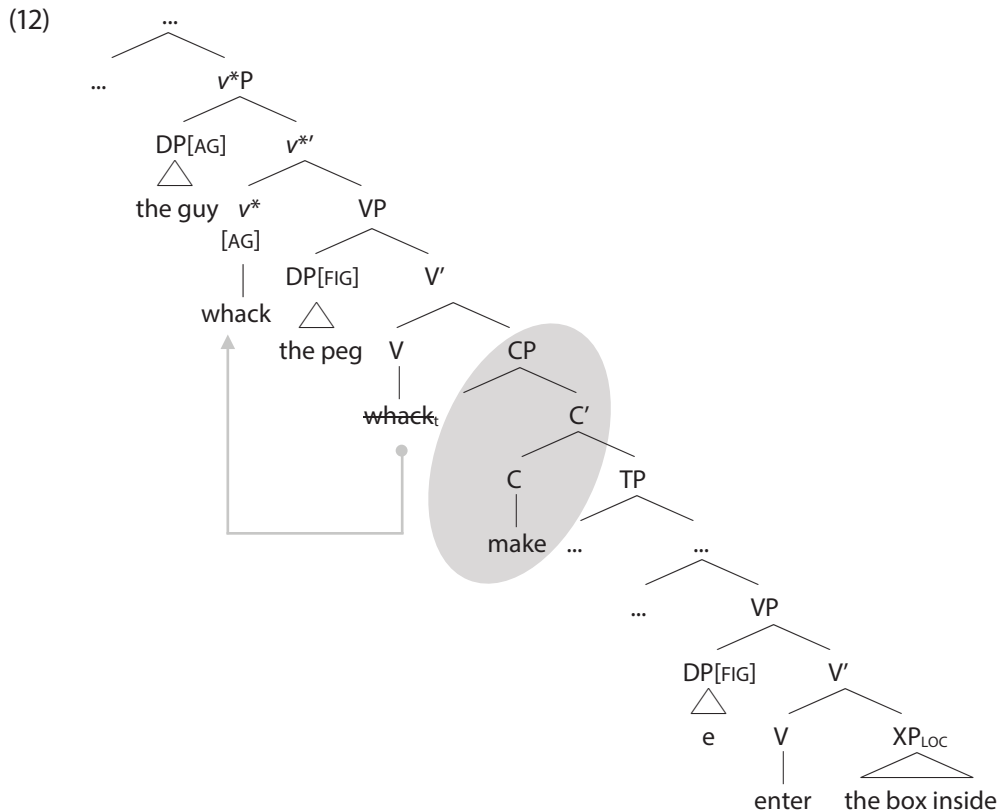
- (8) The boy push the girl make she enter the water
 D boy push D girl C 3SG.SBJ enter D water
 'The boy pushed the girl into the water.' [one initial contact]
 #'The boy pushed the girl into the water.' [one continuous contact]
- (9) The small girl push the toy train enter the tunnel inside
 D small girl push D toy train enter D tunnel inside
 #?'The little girl pushed the train into the tunnel.' [one initial contact]
 'The little girl pushed the train into the tunnel.' [one continuous contact]

The interpretations of sentences (8) and (9) show that *push* is used to mean a single instance of contact against the girl; while *push* in (9) is a continuous contact with the train which begins when the boy first touches the train and does not stop until the train enters the tunnel. When the interpretations are switched, they become ungrammatical or questionable (depending on the speaker). This pattern (i.e., initial contact being expressed with a *make*-clause) is consistent throughout the data and, to account for it, I propose the structure in (10), below:



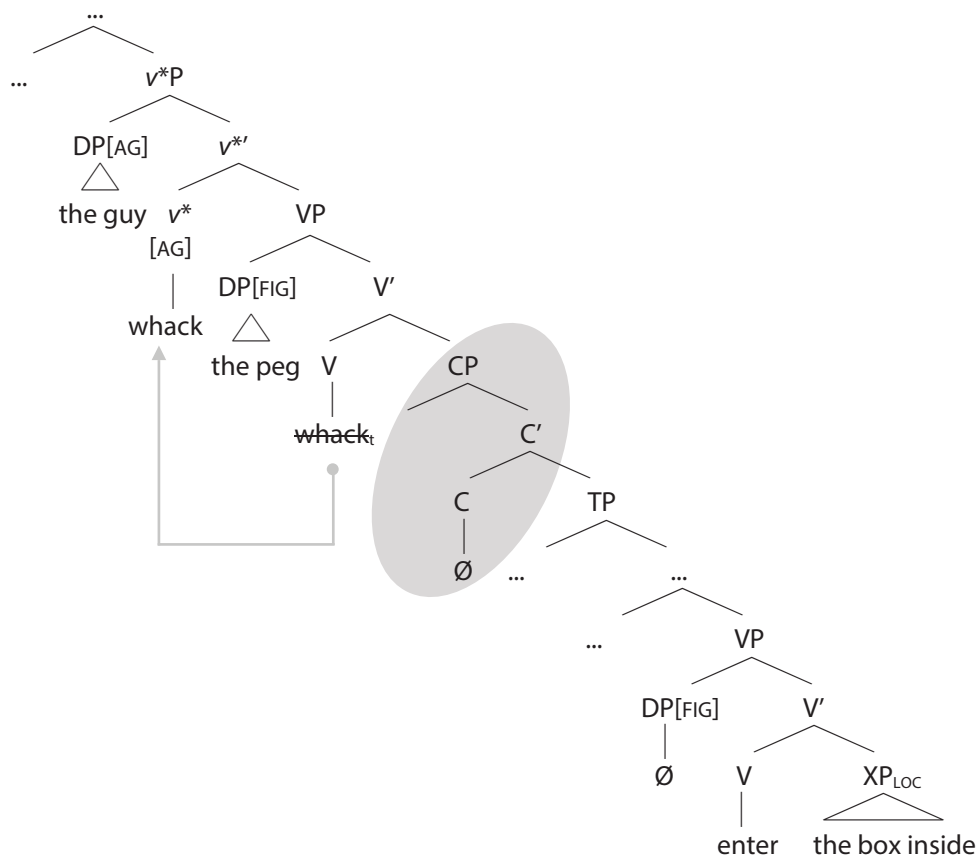
The structure in (10), above, proposes that (in Initial Contact Agentives) the agent (i.e. initiator of the motion event undertaken by the figure) is separated from the figure by the causative complementizer *make* which then takes as a complement the TP which is the effect of the initiation (i.e. the motion event that the figure undergoes). This is illustrated, below, with (11) and the corresponding structure in (12):

- (11) The guy whack the peg make e enter the block inside
 D guy whack D peg C 3SG.SBJ enter D block inside
 'The guy whacked the peg so that it went into the block.'



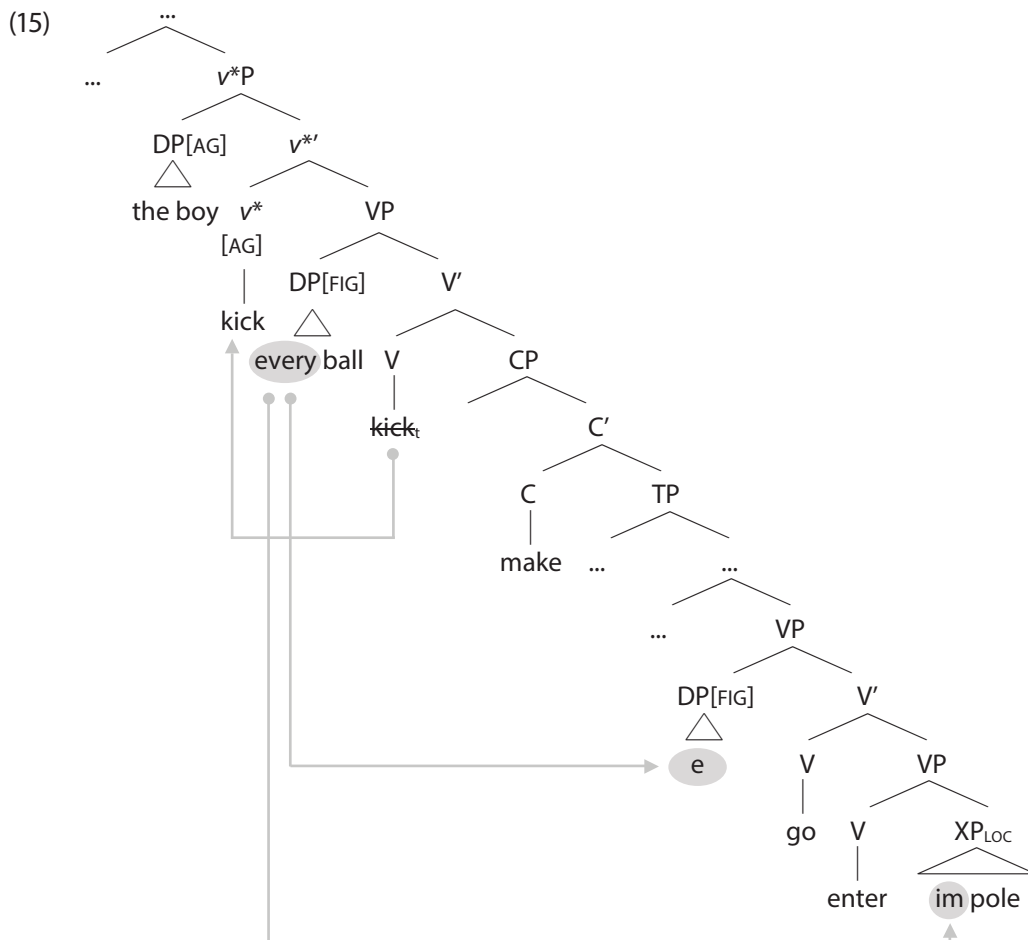
In essence, I argue that *make* is used to express some sort of relationship (i.e. either *causation* or the creation of *an enabling environment*) between the clause that contains the agent and the one that contains the process. This relationship is very much like what Ramchand (2008) refers to as the “*leads to relation*” in event composition; that is, that the interpretation of a part of the event is causal due to its position in the structural hierarchy. Thus, even in the cases where the *make* is not overtly stated (as in (13)), it is still represented in the underlying structure which is why it yields the initial contact interpretation:

(13) The guy whack the peg enter the box inside



It is important to point out, here, that this additional structure (i.e., the one responsible for *breaking the contact*, for example, the circled portion in (13)) is added to the existing structure via complementation. This is easily verified with two tests for c-command: a Bound Variable Test ((14) and (15)) and a WH-Extraction test.

(14) The boy kick every ball make e go enter im pole inside
 D boy kick every ball c 3SG.SBJ go enter 3SG.SBJ pole inside
 ‘The boy kicked every ball into its own (individual) goal.’



The Bound Variable Test relies on the c-command relationship between an operator and a variable — i.e., on the premise that an operator is able to bind a variable as long as the variable is within the operator’s c-command domain. Based on that premise then, the operator *every* would not be able to bind the two variables *e* and *im* if it did not c-command them and the only reason a c-command relationship is possible is because the added-on component is a complement of the higher structure. A similar principle is responsible for the grammaticality of (16), where it is possible to extract the interrogative pronoun *weytin* (‘what’) from its in-situ position and from a WH-question only because the phrase where it is contained is merged to the rest of the structure via complementation.

- (16) Weytin the boy kick the ball make e go enter inside weytin_t
 What D boy kick D ball c 3SG.SBJ go enter inside what
 ‘What did the boy kick the ball into?’

Another noteworthy point is that the presence of this *make*-CP in the deep structure of the initial contact agentives does not disrupt the integrity of the monoeventive reading or interpretation of these types of structure. However, this is not to say that the *make*-CP structure cannot be used to describe a sequence of separate events. Let us take, for example, a game of pool where a player uses the cue stick to hit the white ball which then

goes on to knock another ball into one of the pockets. It is possible to use the sentence (17), below to describe this scenario:

- (17) The paddi whack the ball make e go the pocket inside
 D guy hit D ball c 3SG.SBJ go D pocket inside
 'The guy hit the (white) ball so that it (i.e. the other ball) went into the pocket.'

The interpretation of (17) is that though the two events are related (i.e., the hitting of one ball and the entering of another ball into the pocket), they are still separate. Thus, it is impossible to achieve the same interpretation for the same situation with (18):

- (18) The paddi whack the ball go the pocket inside
 D guy hit D ball go D pocket inside
 'The guy hit the (white) ball into the pocket.'
 #'The guy hit the (white) ball so that it (i.e. another ball) went into the pocket.'

The separate event reading is not attainable in (18) because the hitting of the ball and its subsequent entering into the pocket are not considered two separate events, but merely sequences in the same event — i.e. the same ball undergoes the hitting and the entering of the pocket. Thus, though the monoeventive interpretation of (18) can be expressed with a *make*-CP (as already pointed out), there is a crucial difference — the subject pronoun of such a *make*-clause (i.e. one with a monoeventive reading) can only refer to the object of the agentive verb (as illustrated below in (19)):

- (19) The paddi whack the ball make e go the pocket inside
 D guy hit D ball c 3SG.SBJ go D pocket inside
 'The guy hit the ball so that it (i.e. the same ball) went into the pocket.'

Further evidence of the monoeventive interpretation of sentences such like (19) can be gathered from the fact that it is not possible to ascribe different temporal specifications to the various subparts of the sentence that has a single eventive reading. Imagine, for example, a game of soccer in which a player, taking a penalty kick, strikes the ball at exactly 11:58:58am and the ball enters the net two seconds later, at exactly 11:59:00am. Despite the difference in temporal specifications for when the ball was kicked and when it entered the net, since the event (of taking a penalty kick) is considered as a single unit, it is possible to express it using sentence (20) below:

- (20) The player kick the ball go the net inside
 D player kick D ball go D net inside
 'The player kicked the ball into the net.'

On the other hand, if the different temporal specifications for the kicking of the ball and entering of the net are enforced — in other words, we try to include the different time references for the subparts of the event described in sentence (20), the resulting sentence (21), is ungrammatical.

- (21) * The player kick the ball at 11:58:58am go the net inside at 11:59:00am
D player kick D ball at 11:58:58am go D net inside at 11:59:00am
'The player kicked the ball at 11:58:58am and it entered the net at 11:59:00am.'

The only way for the desired interpretation (i.e., not a single event, but two separate events) in (21) to be achieved is to break the sentence into two clauses each of which expresses one of those events (as in (22), below):

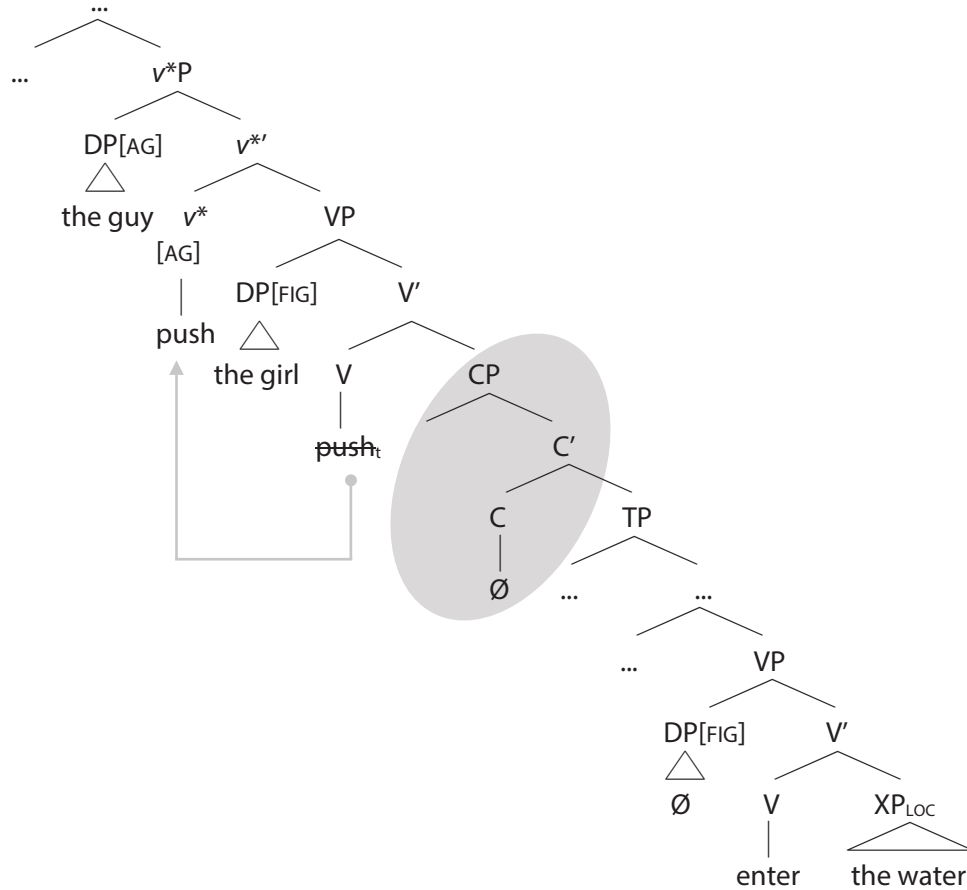
- (22) The player kick the ball 11:58:58am make e enter the net 11:59:00am
D player kick D ball 11:58:58am c 3SG.SBJ enter D net 11:59:00am
'The player kicked the ball at 11:58:58am and it entered the net at 11:59:00am.'

Thus, simply put, sentences like (20) — which are the type that express Initial Contact agentives — can only have a monoeventive interpretation, which in turn means that the deep structure which I have proposed can also only support monoeventive interpretations.

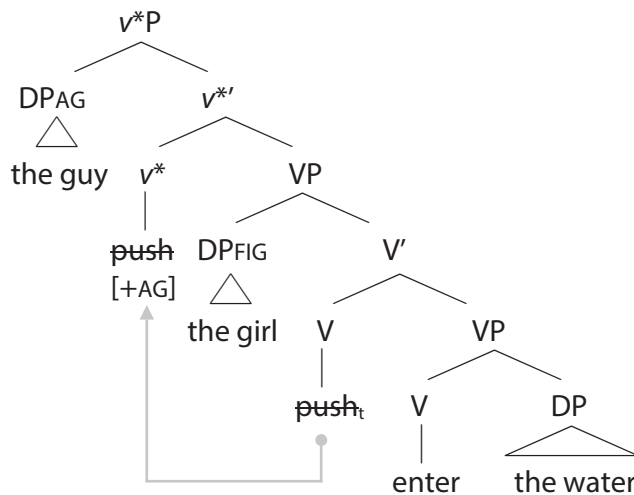
Now that I have shown that the two realizations of the initial contact agentive in GSP are one and the same, I can now return to the original discussion on how this agentive type differs structurally from the Continuous Contact agentive type. As already noted, the underlying difference between the agent and the figure in Continuous Contact agentives is that contact is maintained throughout the motion event. In other words, the *separation* or *break of contact* element, which I have argued the *make* is responsible for, is absent in the deep structure of Continuous Contact agentives. Thus, when you have a verb like *push* (23), which can be interpreted as either initial or continuous contact — the choice of one interpretation or the other is dependent on the underlying structure.

- (23) The guy push the girl enter the water
D guy push D girl enter D water
'The guy pushed the girl into the water (initial contact).'
'The guy pushed the girl into the water (continuous contact).'

(24) Structure for initial contact interpretation in (23)



(25) Structure for continuous contact interpretation in (23)



Thus, in a case like *push*, it is highly likely that the *make*-construction will be used more consistently for initial contact in order to force that interpretation and leave no room for ambiguity. It is not surprising, therefore, that the data collected showed that in all the cases of *push*, the participants always used the *make*-construction when the prompt depicted an

initial contact agentive (e.g., (26) elicited with the prompt in Figure 3) and avoided it when it depicted a continuous contact situation (e.g. (27) elicited with the prompt in Figure 4).

FIGURE 3 — COMBINED SCREENSHOTS OF INITIAL CONTACT CLIP 07-05



Source: elaborated by the author.

- (26) The man push the kiddie make e come down the slide
 D man push D kid C 3SG.SBJ come down D slide
 'The man pushed the kid so that he/she came down the slide.'

FIGURE 4 — COMBINED SCREENSHOTS OF CONTINUOUS CONTACT CLIP 09-08



Source: elaborated by the author.

- (27) The small girl push the toy train enter the tunnel inside
 D small girl push D toy train enter D tunnel inside
 'The small girl pushed the toy train into the tunnel.'

5 CONCLUSION

In conclusion, this paper examined agentive constructions in Ghanaian Student Pidgin (GSP) — within the minimalist framework — with the aim of providing a formal analysis of how they are structured. The paper argued that the agent is introduced above VP_{MNR} with a little *v* as is traditionally agreed. Additionally, I presented evidence for the argument that the difference between initial and continuous contact agentives lies on the internal structures — i.e. that in Initial Contact Agentives there is an embedded *make*-clause which is sometimes null, whereas this clause is absent in continuous contact agentives.

REFERENCES

ADIKA, Gordon Senanu Kwame. English in Ghana: Growth, tensions, and trends. *International Journal of Language, Translation and Intercultural Communication*, Vol. 1, Issue 1, p. 151–166, 2012.

ARAD, Maya. On “little v.” *MIT Working Papers in Linguistics*, Vol. 33, p. 1–25, 1999.

BENEDICTO, Elena. Motion Predicates: moving along. *Purdue University Research Repository (PURR)*, 2017. <https://doi.org/10.4231/R7PN93M4>

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program* (Current Studies in Linguistics 28). Massachusetts: The MIT Press, 1995.

DADZIE, A. B. K. Pidgin in Ghana: a theoretical consideration of its origin and development. *In: UGBOAJAH, Frank Okwu. Mass Communication and Society in West Africa*. Munich: Hans Zell, 1985. p. 113–121.

DAKO, Kari. Student Pidgin (SP): the language of the educated male elite. *Research Review*, Vol. 18, Issue 2, p. 53–62, 2002.

DAKO, Kari. Student Pidgin: A masculine code encroached on by young women. *In: ATANGA, L. L.; ELLECE, S. E.; LITOSSELITI, L.; SUNDERLAND, Jane. Gender and language in Sub-Saharan Africa: Tradition, struggle and change*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 2013. p. 217–231.

EBERHARD, David M.; SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. (ed.). *Ethnologue: Languages of the World*. Twenty-fourth Edition. Dallas, Texas: SIL International, 2021. Online Version: <http://www.ethnologue.com>.

HARLEY, Heidi. External arguments and the Mirror Principle: On the distinctness of Voice and v. *Lingua*, Vol. 125, p. 34–57, 2013.

HUBER, Magnus. *Ghanaian Pidgin English in its West African context: A sociohistorical and structural analysis* (Varieties of English Around the World). Vol. 24. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

KRATZER, Angelika. Severing the external argument from its verb. *In: ROORYCK, J.; ZARING, L. Phrase structure and the lexicon*, Dordrecht: Springer, 1996. p. 109–137.

OSEI-TUTU, K. O. A. *Exploring Meaning in Student Pidgin (SP)* [MPhil. Thesis, University of Ghana, Legon]. 10.13140/RG.2.2.34077.36321, 2008.

OSEI-TUTU, K. O. A.; CORUM, M. Metonymic Reasoning in Ghanaian Student Pidgin: A focus on noun to verb conversions. *In: FARACLAS, N.; SEVERING, R.; WEIJER, C.; ECHELD, E.; RUTGERS, W. Creolization and Commonalities: Transgressing Neocolonial Boundaries in the Languages*,

Literatures and Cultures of the Caribbean and the Rest of the African diaspora. Curaçao: University of Curaçao and Fundashon pa Planifikashon di Idioma, Vol. 2, 2014. p. 67–75.

OSEI-TUTU, K. O. A. Lexical borrowing in Ghanaian Student Pidgin – The case of Akan loan words and loan translations. *In: FARACLAS, N.; SEVERING, R.; WEIJER, C.; ECHELD, E.; RUTGERS, W. Creolization and Commonalities: Transgressing Neocolonial Boundaries in the Languages, Literatures and Cultures of the Caribbean and the Rest of the African diaspora.* Curaçao: University of Curaçao and Fundashon pa Planifikashon di Idioma, Vol. 2, 2016a. p. 47–54.

OSEI-TUTU, K. O. A. The vocabulary of Ghanaian Student Pidgin: A preliminary survey. *In: FARACLAS, N.; SEVERING, R.; WEIJER, C.; ECHELD, E.; RUTGERS, W. Creolization and Commonalities: Transgressing Neocolonial Boundaries in the Languages, Literatures and Cultures of the Caribbean and the Rest of the African diaspora.* Curaçao: University of Curaçao and Fundashon pa Planifikashon di Idioma, Vol. 2, 2016b. p. 163–178.

OSEI-TUTU, K. O. A. I get maf wey you get mof: Pronunciation and identity in Ghanaian Student Pidgin (GSP). *American Language Journal*, Vol. 2, Issue 3, p. 8–25, 2018.

OSEI-TUTU, K. O. A. *A Formal Syntactic Analysis of Motion Predicates in Ghanaian Student Pidgin (GSP)*. [Ph.D. Dissertation]. Purdue University, 2019.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. Cambridge: MIT press, 2008.

RAMCHAND, Gillian Catriona. *Verb meaning and the lexicon: A first phase syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SACKEY, J. A. The English Language in Ghana: A Historical Perspective. *In: KROPP-DAKUBU, M. E. English in Ghana: [proceedings of the Inaugural Meeting of the Ghana English Studies Association, held at the University College of Education, Winneba, June 13-15, 1996]*. Accra: The Association, 1996. p. 126–139.

Paper received on March 24, 2021.

Paper accepted on June 11, 2021.